



PUC RIO

LEONEL CORREIA PINTO

HOMEOSTASE PSÍQUICA E AGRADABILIDADE

MESTRE EM PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro. 8 de dezembro de 1968.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica

Rio de Janeiro

HOMEOSTASE PSÍQUICA E AGRADABILIDADE

TESE

apresentada em cumprimento parcial dos requisitos
ao grau de "Mestre" em Psicologia

por

Leonel Correia Pinto

8 de Dezembro de 1968

Pontifícia Universidade Católica

Rio de Janeiro

HOMEOSTASE PSÍQUICA E AGRADABILIDADE

TESE

apresentada em cumprimento parcial dos requisitos
ao grau de "Mestre" em Psicologia

por

Leonel Correia Pinto

8 de Dezembro de 1968

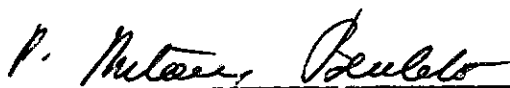
TESE
aprovada em qualidade e forma
pela Comissão:



Dr. Carlos Paes de Barros, M. D.
(Presidente da Comissão Examinadora)



Aroldo Rodrigues, Ph.D.



Dr. Pe. Antonius Benkő, S. J.

Rio de Janeiro, 20 de 12 1968

ÍNDICE

	Lista das Tabelas	v
	Lista das Figuras	vii
	Agradecimentos	ix
	O Autor: notícia breve	x
	Resumo da Tese	xi
	TESE	
Capítulo		Página
1	<u>Introdução ao Problema</u>	1
	1.1 Excitação, repouso e prazer na Teoria Freudiana	2
	1.2 Sumário das suposições de Freud sobre a constância psíquica	11
2	<u>Deficiências das Suposições Freudianas</u>	13
	2.1 o continuum ligado às cargas de estímulo	14
	2.2 contradições do princípio do prazer	14
	2.3 fuga de estímulo e aumento de tensão	16
	2.4 repressão versus polarização	17
	2.5 normal e anormal	19
	2.6 as investigações sobre psicodinâmica	19
3	<u>Homeostase ou Dinamostase Psíquica e Agradabilidade</u>	22
	3.1 realidade do Sujeito, do Objeto e das relações	24
	3.2 tensão, satisfação e agradabilidade	29
	3.3 equilíbrio dinâmico ou dinamostático	33
	3.4 emoções, motivação e agradabilidade	38
4	<u>Agradabilidade, Tensão e Memória: alguma Comprovação Experimental</u>	45
	4.1 Dinâmica da agradabilidade intra e extra optimum continuum	47
	Experimento I	50
	Sumário	72

Capítulo

Página

4.2	Relação das modalidades tensionais do optimum continuum e ego-envolvimento, com a agradabilidade e a memória seletiva	73
	Experimento II	79
	Sumário	100
4.3	Conexão do optimum continuum com outras teorias	102
5	<u>Sumário e Conclusões</u>	107
	Referências	111

LISTA DAS TABELAS

Tabela		Página
<u>Experimento I:</u>		
1	Grau de Agradabilidade medido em escala de 9 pontos, para 10 Observações em três Tratamentos e três Arranjos por Tratamento	61
2	Sumário da Análise da Variância: RBD para nove Médias dos Tratamentos e 10 Observações por Tratamento	62
3	Comparação Múltipla pelo "Duncan's New Multiple Range Test" das Diferenças entre $k = 9$ Médias dos Tratamentos com $n = 10$ Observações por Tratamento	63
4	Sumário da Análise Direcional ("Trend Analysis") para três Médias do Tratamento Negativo com $n = 10$ Observações para cada Média	67
<u>Experimento II:</u>		
5	Medida de Agrado, Tensão e Memória Seletiva para 18 blocos em três Modalidades Tensionais: positiva, negativa, ego-envolvente	90
6	Sumário da Análise da Variância de Agradabilidade e Tensão para $k = 6$ Médias em três Tratamentos e $n = 18$ Observações por Tratamento, no Experimento II	91
7	Comparação pelo "Duncan's New Multiple Range Test" das Diferenças entre 6 Médias dos Tratamentos com $n = 18$ Observações por Tratamento, no Experimento II	92

8	Comparação pelo teste t_{RBD} das Diferenças entre as Médias relativas aos elementos Agradáveis e Desagradáveis, em cada um dos três Tratamentos ou Modalidades Tensionais, com $n = 18$ blocos no Experimento II	94
9	Médias de Agradabilidade e Tensão do Experimento II, confrontadas com a Agradabilidade do Experimento I	101

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PUC - RJ

LISTA DAS FIGURAS

Figura		Página
1	Ilustração do equilíbrio dinamostático figurando os momentos significativos e o optimum obtido pela atualização das potencialidades do Sujeito	36
2	Derivação das excitações de estímulo e sua polarização intra optimum <u>conti</u> <u>num</u>	42
3	Escala de 9 pontos para medir Ag-Dg no Experimento I e II	54
4	Lista das sílabas apresentadas aos <u>Sujei</u> <u>tos</u> , no Experimento I	55
5	Fôlha de coleta dos dados no Experimento I sôbre a Dinâmica da Agradabilidade	58
6	Tendência linear negativa ou positiva consoante o Sujeito inicie em AG1, DG2, ou DG1, no Experimento I	69
7	Reação de um Sujeito ego-envolvido (<u>li</u> <u>nha</u> cheia) que, partindo de um <u>desa</u> <u>grado</u> máximo, passa por duas <u>quantida</u> <u>des</u> sucessivas de agrado, no <u>Experi</u> <u>mento</u> I, em confronto com a direção típica (linha pontilhada) obtida quan do, após o experimento, se pediu ao Sujeito que avaliasse seu agrado dos sub-conjuntos silábicos separadamente	70
8	Esquema de Bridges combinado ao conceito de optimum continuum, representando no recém-nascido a diferenciação da <u>emo</u> <u>ção</u> , a partir do estado inicial de excitação e repouso até à formação completa de 11 tipos, aos dois anos	74

Figura

Página

9	Lista das palavras-estímulo para associa <u>ç</u> ões no prê-teste a que se refere o Experimento II	32
10	Fôlha de coleta individual dos dados no Experimento II	84

AGRADECIMENTOS

Muitos colaboraram para que esta tese fôsse possível. Em primeiro lugar, ela se deve em sua contextura teórica, à orientação especial do Dr. Carlos Paes de Barros e, no que tange ao procedimento experimental e às análises estatísticas, às ponderadas considerações do Professor Aroldo Rodrigues. A admiração que a cultura ímpar dêstes dois Mestres despertaram no Autor foi certamente o maior incentivo para a realização do presente trabalho.

Os primeiros passos do Mestrado em Psicologia devem-se a duas pessoas que representam duas entidades: de uma parte, o Dr. José da Silveira, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Pará, sem cuja autorização e benevolência todo êste estudo teria sido impossível; de outra parte, o Pe. Antonius Benkő, então Diretor da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que jamais cansou de atenções para com o Autor. Ambas estas figuras ocupam, de direito, nêste cartão de reconhecimento, lugar de excepcional realce.

Merecem lembrados ainda os Sujeitos que simpaticamente se prestaram aos experimentos. O Autor lhes agradece o benefício na pessoa de suas Orientadoras: Artilce Moreira Guedes Lobo e Maria Júlia Cipião, do Colégio Estadual Justiniano de Serpa; a Direção do Colégio Na. Sa. das Graças, em Fortaleza; e também a Direção do Colégio do Coração Imaculado de Maria, na cidade de Russas, Estado do Ceará.

E por último (na lista que não no peito), o Autor lembra os seus, pelas ausências tranquilas que souberam passar, enquanto êle preparava esta tese.

O AUTOR

- 1924 - Março, 3 - Nascimento - Portugal
Naturalizado Brasileiro em 20.1.1964
- 1946 - Conclusão de curso no Instituto de Magistério
"Marcelino Champagnat", Recife, Pernambuco,
Brasil.
- 1958 - Bacharel (Pedagogia), Universidade Católica de
Pernambuco.
- 1959 - Estágio de Psicologia (supervisão de 1215 horas)
no Instituto de Psicologia da Pontifícia Uni
versidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1960 - Licenciado (Pedagogia), Universidade Católica, RGS.
- 1960 - Orientador Educacional, Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.
- 1960 - Membro da Associação Brasileira de Assistência e
Educação da Infância e Adolescência Abandonada
da, Pôrto Alegre, RGS.
- 1961 - Professor (Psicologia da Educação) da Faculdade
Católica de Filosofia, agregada à Universidade
de do Ceará.
- 1961 - Professor credenciado (Psicodinâmica) da Escola
de Serviço Social, agregada à Universidade
do Ceará.
- 1963 - Sócio extraordinário do Círculo Brasileiro de Psici
cologia Profunda, filiado ao Círculo de Viena
na.
- 1964 - Professor Adjunto (Psicologia) da Universidade Fede
ral do Pará, Brasil.
- 1967/1968 - Pós-graduado (Psicologia), Pontifícia Univers
idade Católica do Rio de Janeiro.
- Reg. Psicólogo nº MEC-990.

Campos de Estudo

Principal: Psicologia

RESUMO DA TESE

Homeostase Psíquica e Agradabilidade

por

Leonel Correia Pinto

"Mestre" em Psicologia

pela Faculdade de Filosofia

Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1968

Supervisão do Professor Carlos Paes de Barros, M.D.

Versa a tese presente o princípio da constância psíquica e sua homologação ao princípio do prazer, na teoria Freudiana, e mais recentemente na psicologia em geral, à homeostase. Os incrementos de tensão fisiológica equivalentes ao desprazer poriam em atividade o organismo, o qual envidaria esforços até alcançar o prazer advindo com o regresso da tensão ao nível anterior.

Além disso, o indivíduo tenderia a evitar o desprazer ou os aumentos de excitação, e a evocar os eventos geradores de prazer ou re-equilibrantes.

Sucedem que os experimentos até agora conduzidos sobre psicodinâmica e a repressão experimental

deixam entrever, por sua inconclusividade, a existência de algumas inadequações: (a) ou no construto de prazer-desprazer; (b) ou nas medidas da tensão; (c) ou ainda, no próprio conceito de repressão como os experimentadores a deduzem da teoria psicanalítica.

Esta tese visa a esclarecer êsses pontos, estabelecendo uma ligação mais elaborada, entre Homeostase Psíquica e Agradabilidade. Define-se a Agradabilidade como uma qualidade dinâmica perceptível nas cargas de excitação, assim da motivação como da emoção, num contexto de referência evolutivo: Agrado, se progressivo; Desagrado, se regressivo.

A homeostase psíquica, sob a designação de dinamostase é referida ao processo homeostático ou de tendência a voltar ao repouso, mas muito mais essencialmente à tendência do Sujeito para a procura da excitação, e a busca de relações com objetos de consumo, objetos-testemunha de criatividade, e objetos-"amanda", i.e., que são para serem amados, permanecendo todavia, autônomos, não consumíveis.

Postula-se a existência de três formas de Agradabilidade: positiva, negativa, ego-envolvente; e apenas dois níveis tensionais: tensão do optimum continuum onde se dá a polaridade entre Agrado Primário (positiva) e Desagrado Secundário (negativa); e tensão ego-envolvente, com Desagrado Primário.

Dois experimentos foram realizados: o I, tratando da "Dinâmica da Agradabilidade intra e extra optimum continuum", foi conduzido com 30 Sujeitos, Normalistas adultas de um Colégio de Fortaleza. Os Sujeitos foram homogeneizados em dez blocos e designados para três tratamentos: positivo, negativo, ego-envolvente. Os resultados sustentaram as hipóteses dos dois níveis de funcionamento e da procedência de um optimum continuum de agrado e tensão.

O II experimento estudou a "Relação das Modalidades Tensionais do optimum continuum e ego-envolvente com a Agradabilidade e a Memória Seletiva". Com idêntico projeto experimental e com 18 blocos de idênticos Sujeitos aleatoriamente designados para os três tratamentos a que se refere o experimento anterior, foi possível separar a Agradabilidade, das modalidades tensionais do optimum continuum e do nível ego-envolvente. A este nível de funcionamento foi verificada a recordação de maior número de elementos agradáveis do que desagradáveis.

Em conclusão, a tese esclarece as inadequações apontadas no início sobre a redução tensional e a repressão, expondo os conceitos de Dinamostase e de Agradabilidade, para explicar tanto a constância do comportamento, como o comportamento de mudança.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PUC - RJ

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

"Eu não reivindico para mim o fato de ter sido o primeiro a tratar o princípio da 'constância psíquica': podem ser entendidas por isso as coisas mais diversas possíveis" (Freud, 1895, Carta 38).

O comportamento humano e animal tem sido explicado basicamente, por muitos teóricos, pelo princípio da "redução de tensão". Os estímulos, incidindo sobre o organismo, aumentam nele a tensão, e tal incremento faz o organismo operar no meio ambiente até que a tensão baixe, ou desapareça por completo.

A teoria psicanalítica equacionou o princípio da constância psíquica ou da conservação da energia mental, ao princípio do prazer, e este, às descargas de tensão. Daqui se deduziu que, sendo os aumentos tensionais desprazerosos, o organismo tende a evitá-los (o que parece certo) e, portanto, a afastá-los da consciência ou a reprimi-los integralmente (o que não parece tão certo assim).

A presente tese procura esclarecer este assunto estabelecendo uma ligação mais elaborada entre homeostase psíquica e o princípio do prazer-desprazer, conceituado mais amplamente como agradabilidade. Assenta-se de início, que é possível separar tensão (avaliada por "desejo, ou vontade-de") e agradabilidade, de tal forma que o aumento de agrado não significa baixa de tensão, e nem tão pouco o aumento de desagrado resulta num levantamento paralelo ou isodinâmico da tensão. Neste caso, também é possível estabelecer as condições em que a repressão, ou não repressão do desagrado se verifica.

1.1 - Excitação, Repouso e Prazer, na Teoria Freudiana

Constância psíquica é o mesmo que o esforço do organismo para manter a energia ou tensão, a um nível sempre igual. Mas "essas coisas mais diversas possíveis" que, além disso, o construto significa, tem-lhe valido inúmeras denominações, a saber: princípio do prazer, inércia, redução de tensão, realização de desejo, estabilidade, lei do menor esforço, entropia, princípio do nirvana, instinto de morte; equilíbrio psicológico, compensação e equilibração; tendência ao repouso, balanceamento de forças, busca de equilíbrio, estados estáveis; e, na filosofia, "esforço a perseverar no ser" (Spinoza, 1677, p. 142 e 239).

Tôdas estas são denominações do mesmo princípio que, a partir de Cannon (1932) se vêm agrupando em torno do construto de homeostasis. Comprovado inicialmente este princípio no campo da fisiologia, compreende-se que rapidamente haja passado tal denominação à psicologia, não fôsse senão pela tendência existente entre os psicólogos e bio-cientistas, de considerarem os processos mentais e biológicos como uma só coisa, ou no máximo, como dois aspetos do mesmo fenômeno. Aliás, o próprio Cannon, no "Epílogo" da citada obra, faz uma extensão da lógica da homeostase para explicar a organização social.

Cada denominação, afirmam Cofer & Appley (1964, 1966, p. 640), traz o seu matiz ao conceito, mas quaisquer que sejam as expressões descritivas da homeostase psíquica, tôdas significam basicamente "movimento de um estado mais excitado, ativo e tenso, para um de menor excitação, ativação ou tensão". Isto é nitidamente afirmar que todos os que versam este problema o entendem como redução de tensão.

Freud (1895, 1913-1917, 1920, 1924) ligou o prazer à redução de energia mental, e o desprazer aos

incrementos tensionais. Primeiro, no seu "Projeto de uma Psicologia Científica" (1895, p. 316) Freud introduz "o princípio da inércia dos neurônios" que tenderiam a descarregar a tensão por via muscular e permanecer, assim, em repouso ou estado de não-tensão, ou tensão-zero: tal seria a função neurônica primária.

Esta forma de descartar as tensões serviria muito bem, se o organismo estivesse sujeito apenas aos estímulos externos. Mas há estímulos que têm sua fonte no interior do corpo, onde provocam fome, respiração, sexualidade, isto é, estados de necessidade. Aqui, o organismo não pode apenas descarregar de qualquer modo as quantidades tensionais. Tem de operar com o meio, para reunir certas condições exteriores capazes de satisfazer as necessidades vitais. Por isto, diz Freud no mesmo "Projeto", o sistema nervoso vê-se obrigado a renunciar à sua tendência original à inércia-zero. A esta altura, o organismo aprendeu a suportar um certo nível de tensão acumulado, suficiente para "ações específicas" que tragam satisfação adequada da necessidade.

Até aqui Freud explica toda a atividade humano-animal como sendo o resultado do desequilíbrio entre a energia interna acumulada e o meio exterior que encerra os elementos hábeis para saciá-lo ou lhe reduzir o nível tensional. Portanto, havendo necessidade (perturbação homeostática), o indivíduo reage. Caso contrário, estaria em repouso.

A primeira objeção aqui formulada seria: se assim é, o indivíduo que não tenha fome nem sede, que respire bem e esteja sexualmente satisfeito—quer dizer, com todas as necessidades vitais saciadas e razoavelmente fornido para fazer face ao retorno ciclar das mesmas—esse indivíduo ainda conseguirá fazer algum trabalho? Ou por outra, o trabalho é fruto apenas de descarga de tensões do indivíduo?

Freud parece ter construído uma imagem do

indivíduo consumidor; e o receio é que, estando o homem tão preocupado com suas tensões fisiológicas, não atine com a direção certa para fazer mais nada. Além do mais, se admitirmos com Freud (1913-1917, *Los instintos...* p. 1028) que o sistema nervoso tem por função suprimir, ou reduzir ao nível-zero os estímulos que lhe chegam do mundo exterior objetivo, então, o homem está definitivamente à mercê dos instintos. É como Freud (1920, p. 1103) define o instinto pela inércia, isto é, "uma tendência do orgânico vivente a reconstruir um estado inorgânico anterior", todo comportamento humano está definido negativamente.

A homeostase é aqui reduzir a tensão vital ao não-vital, tendência do ser para o não-ser. É como se, quando o vivo saltou da matéria, o acúmulo tensional que o fez vivente tendesse, de contínuo, a retronivelar-se. Como pode o homem produzir, criar, projetar o futuro e avançar, ao invés de regredir?

Da inércia passou Freud aos instintos, à teoria da sexualidade e fixou-se no repouso que a satisfação específica do instinto acarreta. Daqui ao prazer era um passo curto, e Freud operou a transposição da homeostase física e fisiológica para o nível mental, redominando ao seu princípio da constância psíquica, princípio do prazer. Note-se que se trata bem de uma transposição do mesmo princípio explicativo-causal, já agora, em termos psicológicos.

Shakow & Rapaport (1964, *Issues* 13, p. 115) revisando a influência de Freud na psicologia americana pensam deste modo, mas parece quererem ilibar Freud da pecha de hedonismo, quando afirmam: "o princípio é nitidamente causal. Mas seu nome... deu e dá muitas vezes ainda a impressão de que as operações do aparelho psíquico são reguladas pelo esforço de obter prazer subjetivo". Evidentemente, o princípio é causal, sim, mas tanto quanto hedonista, pois que, se ao nível mental, ne

nhum colorido novo fôsse acrescentado ao conceito,teria sido inútil fazer a transposição. Aliás, todos os fenômenos e tôdas as suas explicações que parecem não coincidir com o princípio do prazer, Freud os considera claramente como "um grande rodeio necessário para chegar ao prazer" (1920, p. 1090). E, falando de prazer, Freud se refere a "sensações conscientes ligadas ao ego"(1920, p. 1091, nota), a "sensação de descarga" (1895,p.331).E até achou que "todos os motivos morais" iniciando com a compreensão mútua têm sua origem nas vias que a descarga tem de tomar para operar os atos específicos da satisfação instintual (1895, p. 336). Isto é certamente hedonista, e os objetos não parecem ter outra realidade que a que lhes confere sua propriedade de satisfazer os instintos.

Verdade é que Freud concebe os impulsos biológicos como tendo sua origem dentro do organismo, mas desencadeados por objetos a êles adequados, dizem Shakow & Rapaport (1964, Issues 13, p. 114). Também é certo, contudo, que por "objeto" Freud entende "o que satisfaz o instinto... não necessariamente algo exterior ao indivíduo: pode até ser uma parte qualquer do próprio corpo..." (1913-1917, Los instintos... p. 1029).

Hall & Lindzey (1957, p. 52) interpretam o objeto a que Freud alude, como toda atividade ou todo comportamento que intervêm entre o aparecimento do desejo e sua satisfação. Ross & Abrams (1965, p. 308) expondo os fundamentos da teoria psicanalítica referem como objeto dos instintos, "a coisa animada ou inanimada, humana ou não-humana por meio da qual o impulso alcança sua finalidade". Mas, "a finalidade do impulso ou é a descarga de cathexis (finalidade interna), ou os meios (sugar, evacuar, copular, etc.) pelos quais se efetuam as descargas".

Há mais: para Freud o prazer não é "uma qualidade percebida" em um processo dinâmico, ou num es

tado subjetivo. O prazer é o processo, é a qualidade; algo no sentido de substancial, essencial ou quantitativo; algo equivalente a massa com determinado movimento no significado da física, isto é, inércia do corpo, que é u'a medida da resistência da massa a qualquer mudança no movimento inicial que a impele (Rothman, 1963, p.29).

Observe-se que Freud coloca o sistema neuronal de percepção (W ou P), entre Phi e Psi, "de tal forma que Phi comunica sua qualidade a P, e este não transmite a Psi, nem qualidade nem quantidade, fazendo apenas excitá-lo, ou seja, indicar-lhe os caminhos que a energia psíquica livre pode seguir" (1896, Carta 39). Por conseguinte, o prazer é a descarga da soma de excitação levantada por P. Na Interpretação dos Sonhos, Freud (1901, ...Processos oníricos, p. 542) já concede que o sistema P, apesar de não reter quaisquer modificações, faz chegar à consciência (ou a Psi, portanto) "tôda a variedade das qualidades sensíveis".

Continuando em seu raciocínio, Freud afirma mais adiante (p. 543) que "quando as lembranças se tornam de novo conscientes não apresentam qualidade sensorial nenhuma, em comparação com as percepções". Vê-se que P designa apenas a extremidade sensível do aparelho psíquico, que recebe os estímulos externos para elevar-lhe a tensão, na direção do objeto percebido como real. Mas, o que constitui o prazer é a descarga, e não a direcionalidade percebida.

Freud entende a percepção como uma função de certo tipo de receptor sensorial que deixa passar os estímulos para serem registrados e codificados, tão simplesmente, de acordo com as necessidades instintuais do organismo. E se o organismo não estiver em estado de necessidade, ainda perceberá alguma coisa? Ou armará defesas para perceber somente o que deseja saborear? Freud está longe de admitir que a percepção possa ser, ao me

nos em parte, o que diz Fieandt (1966, p. 4) "um proce
so criador autônomo no organismo".

O que se pretende afirmar é que o conceito de prazer, como Freud o entende, não permite separar ja
mais desprazer e tensão, ou prazer e descarga. Com tal conceito de percepção, era indispensável postular um processo primário e um processo secundário repressor do primeiro, afim de explicar até os atos mais comuns, nor
mais e sadios do comportamento humano. Se nada precede o princípio do prazer, poderá o organismo ultrapassar suas sensações prazerosas, mudar de uma para outra forma de prazer, a não ser por acaso? Pressentindo a dificul
dade, e tendo verificado haver fenômenos que, "na expe
riência geral contradizem enêrgicamente o domínio do princípio do prazer" (1920, p. 1090), Freud supõe ainda um outro princípio, o da realidade.

Wolman (1960, p. 546) acha que Freud intro
duziu aqui uma distinção útil: se a gratificação da ne
cessidade é imperiosa e imediate (sublinhado de Wolman) o princípio chama-se prazer; se a satisfação é protrai
da ou modificada para evitar o desprazer, então é prin
cípio da realidade. Wolman interpreta bem a Freud que previne contra a possibilidade de alguém julgar tratar
-se de dois princípios diferentes. São um mesmo princi
pio, isto é, realidade é prazer adiado para alcançar o prazer (1920, p. 1090). Por outras palavras: a ameaça de desprazer e a expectativa da descarga contêm ou acu
mulam a energia (realidade) até que a percepção indique o caminho, ou o objeto adequado que a tensão deve se
guir para chegar a uma distensão (prazer), se possível de nível-zero (nirvana). Freud dá mais uma volta e re
gressa ao primitivo ponto de partida físico, a inércia. Esta homeostase regressiva ou este prazer de nível-ze
ro num ser vivo, causa uma estranha impressão de pêso
morto, de algo que se decompõe, ou que não quer viver.

Freud interroga: por que foi possível a vida? E responde: porque "fôrças inimagináveis" despertaram na matéria as qualidades do vivente, e o vivo quer nivelar-se agora ao inanimado: êste é o primeiro instinto... a meta de tôda a vida é a morte (1920, p. 1104, sublinhado de Freud). A vida é um "rodeio cada vez mais complicado para chegar ao fim, a morte". Os fenômenos vitais são êsses rodeios. Morrer, agora, não é coisa fácil, pois que a matéria se complicou muito e aquêles rodeios ficaram decantados nos instintos. Não há outro jeito senão pôr resistências à satisfação total que fica para trás (1920, p. 1106), ou reprimir os instintos para progredir, se bem que sem esperança de alcançar já mais nunca a satisfação completa.

Aqui há três observações a fazer: primeiro, é preciso não confundir "meta" como ponto final ou último acontecimento da vida, e finalidade ou objetivo da mesma; segundo, se o único meio de o indivíduo progredir (ou civilizar-se) é "impedir a satisfação total dos instintos" é porque os instintos são ambivalentes e, como tal, não podem determinar a totalidade do comportamento; terceiro, a satisfação total que Freud diz ser impossível alcançar... deve ser atingida morrendo! Como se, deixando de ser vivo, o indivíduo pudesse desfrutar o repouso ou o prazer-descarga que só é peculiar ao vivente!

Por mais absurdo que pareça, foi esta a decisão de Freud, que terminou por equiparar o princípio do prazer, ou a tendência a fazer cessar a tensão das excitações internas, ao princípio do nirvana (1920, p. 1113). O princípio do prazer (diz) é um criado do instinto de morte. O princípio da realidade é apenas um giro para chegar ao prazer. Os instintos da vida são circuitos ou esforços para conseguir satisfações específicas, conservadoras, com o nome de instintos. A isto, Freud chama "uma concepção dualista" (sublinhado de Freud): vida e morte.

Com tal raciocínio "realidade é prazer a diado, ou vida é morte adiada", francamente não é possível descobrir nenhum tipo de dualismo. É como se afirmássemos que duas quantidades iguais a uma terceira são desiguais entre si! Seja dito, aliás, que êsse dualismo torna-se triadismo em "O problema econômico do masoquismo" (1924, p. 1017), quando Freud completa suas reflexões assim: "o princípio do nirvana expressa a tendência do instinto de morte; o princípio do prazer representa a aspiração da libido; o princípio da realidade corresponde à influência do mundo exterior. Nenhum destes princípios fica anulado pelos demais".

Não contente com êstes três princípios, Freud ainda, por assim dizer os duplica, construindo em cada indivíduo uma instância dêles representativa: id, ego, superego. E com o jogo de tais princípios e estruturas Freud explica a repressão.

Sobre a repressão, a primeira coisa a dizer é que ela diz respeito à consciência. Freud admite que a consciência "deva ter surgido em determinada camada da matéria animada, segundo o mesmo modelo (sublinhado do Autor desta tese) do surgimento da vida de dentro da matéria inanimada". Freud estabelece aqui também, a homeostase regressiva, quer dizer, teria permanecido no aparelho psíquico a mesma tendência a retro-nivelar-se (?), isto é, a tendência à repressão de todos os conteúdos conflitantes: impedindo o acesso à consciência, ou dela expulsando as representações instintuais (1920, p. 1104 e 1913-1917, La represión, p. 1038), cujas ramificações terão de sofrer mais ou menos deformações, para lograrem algum prazer de que a consciência participe.

Não é que todos os elementos da consciência desencadeiem automaticamente um impulso para se volverem inconscientes, mas sim que, ao nível da consciência, nenhum aumento de tensão por conflito é permitido,

sem que se ativen forças de repressão dêsse conflito. Assim, vida e morte, consciência e inconsciência são parte um do outro e, "a esta mistura dos instintos pode corresponder, em determinadas circunstâncias, sua separação" (1924, p. 1019 e 1923, p. 1196).

Veja-se, por exemplo, com que raciocínio Freud pretendeu explicar o masoquismo: a libido, para do_{mi}nar o instinto de morte, armazenou energia no sistema orgânico, muscular e orientou êsse impulso destruidor para fora, sôbre o mundo externo. Mas há uma parte do instinto destruidor que ficou voltada para dentro. O masoquismo constitui-se assim numa espécie de monumento comemorativo da fase em que Eros e Thanatos se uniram... mal e mal, podendo regredir e separar-se, repetindo o conflito arcaico.

Ora, se assim é, quanto mais regredido o indivíduo, mais êle devia estar atingindo o equilíbrio homeostático, o nível constante fundamental, anterior e original, o nível-zero de tensão, o que evidentemente não faz sentido. Explicar o masoquismo erôgeno ou o prazer na dor, por causas biológicas constitucionais, ou pelo instinto de morte pode parecer interessante, por se tratar de uma tentativa genética, evolutiva ou histórica de explicação. Carece, porém, de fundamento, além da simples especulação. Por outro lado é extremamente árduo de compreender o fato de o vivente ter conseguido ser vivo, com mecanismos ou processos de conservação, regulação e crescimento da energia (física) e, não obstan_{te}, acolher consigo um instinto ou um impulso positivo para morrer, voltando à inércia. O ser em desenvolvimen_{to} está limitado na variável tempo, é certo. Mas isso não pode significar que tenha de haver na sua vida mental uma regulação qualquer para auto-exterminação. O raciocínio de Freud ultrapassa de muito, a economia necessária de construtos descritivo-causais do fenômeno masoquista, como adiante se verá.

1.2 - Sumário das Suposições de Freud sobre a Constância Psíquica ou o Princípio do Prazer

Da obra de Freud podem colher-se, ao pé da letra, variadas hipóteses gerais acêrca do princípio da constância, que vão indicadas a seguir:

(a) supomos que o curso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelas sensações da série "prazer-desprazer" (1920, p. 1089 e 1913-1917, Los instintos... p. 1028);

(b) cremos que dito curso deriva de uma tensão desprazerosa e toma logo tal direção que seu último resultado coincide com uma diminuição da dita tensão e, portanto, com um alívio do desprazer e produção de prazer;

(c) resolvemos relacionar o desprazer com o aumento das quantidades de excitação, não ligada a fator algum de terminado, e o prazer com a diminuição de tal quantidade... provavelmente o fator decisivo;

(d) o que nos leva a postular o princípio do prazer é também a hipótese de que uma das tendências do aparelho anímico é a de conservar o mais baixo possível, ou pelo menos constante, a quantidade de excitação nêle existente (1920, p. 1090);

(e) se o trabalho do aparelho anímico visa a manter baixo o nível de excitação, tudo quanto seja adequado para elevar o dito nível quantitativo de excitação tem de ser sentido como anti-funcional, isto é, como desprazer (1920, p. 1090);

(f) é inexato falar do domínio do princípio do prazer sobre o curso dos processos anímicos. Se tal existisse, todos os processos psíquicos seriam acompanhados de pra

zer, ou a êle levariam... mas há processos (compulsão repetitiva, masoquismo) que levam à dor. É indubitável que existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas. Porisso, o prazer-desprazer não pode ser referido ao incremento ou à diminuição da tensão do estímulo, mas a certo caráter qualitativo da mesma (ritmo, ordenação no tempo);

(g) o prazer primário é inútil e perigoso para a auto-afirmação. Há casos normais de desprazer, como a formação do processo secundário e, não menos normal, a formação de conflitos e dissociações dos impulsos incompatíveis com os demais... ditos impulsos são separados pela repressão (1920, p. 1090).

(h) a repressão transforma a possibilidade de prazer numa fonte de desprazer. Qualquer desprazer neurótico é prazer que não pode ser sentido como tal (1920, p. 1091).

Ainda mais sumariamente: a série prazer-desprazer regula a atividade. Aumento de tensão é desprazer e sua descarga é prazer. As quantidades são o fator decisivo. Quanto mais baixo o nível tensional maior o prazer. Todo desprazer é anti-funcional. E no entanto, há desprazeres normais, como os produzidos pela repressão e pelo influxo dos estímulos externos (realidade). O prazer não domina a vida mental, pois há fenômenos que o contradizem. As quantidades de estímulo, então, são menos decisivas do que certa qualidade do impulso.

CAPÍTULO 2 - DEFICIÊNCIAS DAS SUPOSIÇÕES FREUDIANAS

A impressão que se toma dêsse apanhado textual é que Freud construiu a própria entropia, isto é, a imagem da decomposição de um sistema. Apesar de o prazer estar aí tantas vezes repetido e ocupar uma posição tão nuclear na teoria, parece que não consegue vitalizar o sistema. Sua única função é repetir-se obsessiva e indefinidamente, para mal do ser vivo, porquanto, a cada descarga de prazer coincide a consciência de sua destruição. Aliás, a consciência produzida epifenomênicamente na sequência "prazer-desprazer" parece ter surgido apenas como um "spoil the sport", um fenômeno intrometido, sem outra função que a de estragar o jôgo homeostático-mecânico.

Tão certo isto é que, Freud (1920, p.1116) atribui aos processos primários (sem a consciência) sensações muito mais intensas... e uma predominância filogenética, pois como diz, se o princípio do prazer não estivesse lá no começo, também não poderia estabelecer-se para os processos posteriores. No entanto, Freud reconhece esta instalação posterior da consciência, mas não soube descobrir-lhe outra função que a de sujeição ao anterior. Pouca ou nenhuma autonomia conseguiu atribuir-lhe, a não ser a liberdade (se o é) de prover modificações, substituições, vias indiretas para o prazer.

Isto é entender a homeostase como um processo regressivo como já foi dito, o que não teria nada de muito importante, não fôsse a tendência a generalizar tal princípio para toda a classe de fenômenos expandindo-odesde a física e a fisiologia, até ao sócio-cul-tural. Com o princípio como Freud o pôs, muito admira que o organismo consiga evoluir, avançar ao invés de recuar a cada passo, ou permanecer no repouso, sempre tão fundamentalmente desejado. Esta mesma impressão expressa G. Allport (1966, p. 123) quando acha que a homeos

tase ainda mesmo ultrapassando a mera redução de tensão, "é uma concepção de imobilismo, estático, não-progressivo, próprio de um sistema fechado ou semi-fechado".

Respeitante às deficiências do conceito de homeostase na teoria Freudiana, vamos analisar algumas:

2.1 - O continuum ligado às cargas de estímulo. Em primeiro lugar Freud estabelece uma série, ou um continuum entre "prazer-dor, ou prazer-desprazer". Freud, apesar de sua intenção de criar uma teoria puramente psicológica, partiu das sensações de dor e prazer ligadas diretamente ao fisiológico, ou às quantidades de estimulação. Posteriormente notou que as quantidades não eram tão fundamentais, mas já não conseguiu refundir sua teoria pela base. Pensou que o erro devia estar adiante, e não no fundamento. Se tivesse partido da percepção de quantidade, de qualidade, ou de estrutura, teria sem dúvida, contornado muitas dificuldades mais economicamente, isto é, sem precisar postular tantos princípios.

2.2 - Contradições do princípio do prazer. Freud verificou haver tensões apeteçadas e distensões aborrecidas. Isto era contrário ao que ele supunha: quanto mais baixo o nível tensional, maior o prazer. Distensões aborrecidas não fazia sentido. Esta dificuldade pode ser evitada, partindo da percepção de qualidade—fazendo da qualidade, claro está, uma conceituação dinâmica, ao invés de mecânica ou física. Freud (1920, p. 1090/91) largou de mão a relevância das quantidades, e entendeu que o prazer podia destacar-se delas, no curso do processo. Mas era muito difícil isolar um prazer-sensação, sem arrumar um conflito com algo que teria também de ser uma força, um impulso, ou um instinto. A esta percepção de um jogo de forças bio-mecânicas, com ritmo próprio e ordenação no tempo é que Freud denominou "qualidade". Evidentemente que, para submeter esta qualidade-força, sô

mente outras forças iguais. Nesta teoria, o ego mais parece um mero produto desse jogo, sem autonomia bastante para, percebendo a qualidade da situação, recompor as cargas do todo orgânico. Assim, não fica nenhuma outra explicação possível para o problema das tensões prazerosas, a não ser a que Freud emitiu: o prazer habitual, ou a sensação da descarga (Thanatos) passou para a carga (Eros). Mas é perigoso produzir esse prazer dos aumentos tensionais, pois "são de morte", i.e., tem um caráter, uma qualidade, uma força de morte.

Com efeito, diz Freud (1924, p. 1017): "o prazer e o desprazer... não parecem ligar-se a este fator quantitativo, senão que a certo caráter, seguramente qualitativo, do mesmo... talvez o ritmo, a ordem temporal das altas e baixas de quantidade do estímulo. Ignoramos... seja como for, o instinto de morte nos seres animados sofreu uma alteração que o converteu em prazer... seu perigo (do masoquismo) está em provir do instinto de morte". Parece que Freud reserva essa procura de prazer nas tensões para os casos patológicos.

Especificando melhor: com base na teoria Freudiana, podemos representar por f_1 : a inércia da matéria, o princípio do nirvana, ou o instinto de morte; por f_2 : as forças vitais, biológicas que fizeram aparecer o indivíduo, a tensão instintual, Eros ou o princípio do prazer "que representa a aspiração da libido"; por f_3 : as forças exteriores, ou o princípio da realidade que lhe corresponde, ou os estímulos do mundo externo que instigam forças do organismo.

Ora, a libido ou Eros venceu a morte ($f_2 > f_1$, ou $f_2 - f_1 > 0$) então, supõe-se que tudo o que aumentar as tensões libidinais (f_2) é sentido como prazer, porque mantém a vitória. A descarga dessa tensão também é prazer, porque baixa o nível no sentido do nirvana que continua como força distinta de f_2 e f_3 . Isto é o máximo que Freud deve ter querido cientificamente e positivamente dizer.

Isto é, se a vitória a que se refere Freud fôr uma constante representada por k , temos que a descarga sentida como prazer não é a distensão para f_1 , e sim para a constante. O aumento tensional prazeroso é o que se dá a partir de k , isto é, a partir do nível fisiológico. Portanto, não se trata de reduzir a tensão a zero. No momento em que, sob o influxo de f_3 , a tensão pender para o nivelamento das forças ($f_2=f_1$) não importando se aumenta de f_1 para f_2 , ou se baixa de f_2 para f_1 , há grave perigo no organismo, sentido como desprazer. Sômente de dois modos pode haver tal nivelamento: por exaustão das reservas potenciais de energia (potenciada na constante k), e/ou por rompimento da estrutura, entendida esta como ritmo, ordem temporal das quantidades a que Freud alude, mas também como disposição e sentido dos eventos, no conceito de F. Allport (1955, 1966, p. 516). Disposição e sentido tenderão a produzir uma qualidade dinâmica ligada ao processo, ou dêle destacável.

2.3 - Fuga de estímulo e aumentos de tensão. Outra deficiência, impossível de superar ao tempo de Freud, é a confusão estabelecida entre busca de estímulo (+s) e aumento de tensão; baixa de energia ou tensão e fuga de estímulo (-s). Ora, para manter a energia constante k , ou $f_2-f_1 > 0$, o organismo pode requerer +s ou -s, quer o estímulo venha dos instintos (f_2), quer do mundo exterior (f_3). É bem de ver, que por mínima que seja a conexão entre as partes do sistema de forças e os estímulos, terá de haver algum tipo de feedback. Se atenuarmos f_3 (os estímulos correspondentes), o organismo procurará +s, para conservar k . Se f_2 fôr o elemento acentuado (os instintos), dar-se-á prazer com êsse levantamento de tensão e o organismo procurará meios de consumo dessa carga, enquanto não perceber ameaça no aumento tensional. Destacando-se a ameaça, o organismo buscará -s para voltar à constância

ou estabilidade. Se o aumento de nível se der em f_1 , o perigo de tensão excessiva é idênticamente percebido, e o organismo procurará reduzir os estímulos que aumentam f_1 , ou procurará aumentar os estímulos que favorecem f_2 . É preciso distinguir os estímulos ativadores das defesas e os que mobilizam impulsos da tensão k , aplicados a tarefas adequadas.

2.4 - Repressão versus polarização. A repressão dos instintos será imperiosa (biológica) em todos os casos? Pensar que sim é admitir que num sistema de três princípios: f_1 , f_2 e f_3 , o equilíbrio possa ser mantido tão somente à custa do sacrifício de um deles (f_2). Não colhe para o caso, o argumento de Freud que os estímulos internos (f_2 e f_1) contam mais porque sempre atuam, ao passo que as forças externas (f_3) nem sempre (1913-1917, *Los instintos...* p. 1028). Ora é de pensar que, quando as "forças inimagináveis" animaram a matéria, ali se formou a constante K . Isto significa um novo equilíbrio na natureza, e não um conflito como Freud interpreta. Nem se pode falar de "conquista" (1924, p. 1017) ou "vitória" (1920, p. 1090) de Eros sobre a matéria inerte, sem a construção da estabilidade, ou da carga tônica biológica, em repouso ($f_2 > f_1$). Além do mais, o mundo exterior físico ou social (f_3) acompanha sempre o indivíduo. Por isso que a homeostase psíquica deve dar-se entre k e f_3 , precisamente a "polarização real" que Freud refere na *Metapsicologia*. A polarização biológica "atividade-passividade" inclui-se na constante $f_2 - f_1 > 0$, como é óbvio para todo o que nasce vivo. A polarização econômica deve poder abarcar tanto a biológica como a real (ou psicológica). Colocada, porém, em termos de sensação-prazer-desprazer, mal aproveita à regulação bioquímica do organismo. Um acidente físico ou uma doença podem ameaçar a estabilidade k , porque os estímulos de f_3 incidem sobre f_1 aumentando-lhe o nível para f_2 , ou seja, baixando a tensão vital para zero. Mas esse mesmo

acidente pode deixar intacto o equilíbrio psicológico $k \times f_3$. Pode não haver nada a reprimir, no caso. Via de regra, as neuroses atingem a relação Eu - Objeto, deixando incólume a constância biológica.

Depois de verificar que o desprazer equivale a aumentos de tensão; o prazer a uma descarga; mas que há aumentos que dão prazer, e distensões que angustiam—então o primeiro problema sobre a repressão é saber o que se reprime: o desprazer ou o prazer? Freud (1913-1917, *La represión*, p. 1040) responde que "o motivo e a intenção da repressão eram de evitar o desprazer", portanto, evitar as cargas ou os incrementos tensionais sob qualquer forma. Mas se existem tensões gostosas como no caso do sadomasoquismo, então foi o prazer da satisfação que se reprimiu, e seu contrário que não é reprimido, tem que dar muito maior satisfação.

Não é de admirar, em face do emaranhado da teoria Freudiana, que muitos autores tenham inferido que a tendência do indivíduo é de sempre reprimir o desprazer! O que se diz aqui, porém, é que o fenômeno da repressão visa a evitar o desprazer e, para tal, em certos casos até o prazer (atividade ou descarga) que daria uma determinada satisfação pode vir a ser reprimido, sendo conflituante, ambivalente ou incompatível com outros impulsos que devem formar a unidade do ego (cf. também 1920, p. 1090). E sucede que, nem só os masoquisistas procuram prazer, elevando o nível tensional.

Butler & Rice (1963 in Wepman p. 79-107) analisando uma série de estudos da fisiologia moderna e experimentos, trazem evidência acerca do stimulus hunger que é característico de todo o indivíduo: o fundamento (dizem) para qualquer outro impulso. Observe-se, contudo, como atrás ficou dito, que fome de estímulo não pode ser equivalente a fome de tensão.

2.5 - Normal e anormal. Quando Freud afiança haver inibições normais do prazer, que pretende afirmar com normal? Pelo contexto se depreende tratar-se de um normal biológico, estatístico e psiquiátrico. Quer dizer: todos fazem o processo de repressão, mas nem por isso todos ficam gravemente enfermos, porque a repressão não toma apenas formas auto-destrutivas: pode transformar-se no contrário, ou sublimar (1913-1917, *Los instintos...* p. 1031). Isto quer dizer que Freud admite poder haver casos em que, sob o influxo dos estímulos externos ou internos, o indivíduo consiga sair-se bem, ao menos sem processo psicopatológico manifesto. É muito difícil desenovelar isto que fica dito, de dentro da teoria de Freud, e contudo, uma análise cuidadosa deixa êste saldo do normal.

2.6 - As investigações sobre psicodinâmica experimental. Os trabalhos experimentais inspirados na psicanálise têm recebido as críticas mais acerbadas. Shalom & Rapaport (1964, *Issues* 13, p. 167-180) fazem um apanhado das Revisões dos Experimentos que testam a teoria psicanalítica, e citam Sears (1943) e Hilgard (1952) os quais, advogando que a psicanálise deve ser julgada pelos critérios de validade comuns a todos os laboratórios de ciência, afirmam categoricamente: "como está exposta (a psicanálise) é, na sua grande parte, ciência ruim, e o grosso de seus artigos publicados não pode ser defendido, de forma alguma, como trabalhos de investigação".

A maioria dos experimentos psicanalíticos pretenderam verificar a proposição que diz respeito à repressão e evocação do desprazer. Zeller (1950_a) citado por Hilgard (1956_a) refere nada menos de 93 autores que se empenharam nêsse tema. Dos 51 estudos arrolados por Zeller, 63% apoiam a hipótese da repressão do desprazer e maior evocação das coisas apetecíveis; 27% sustentam a hipótese contrária; e 10% são ambíguos.

Sarason (1966) refere-se também a tais experimentos e, tendo observado que um dos estímulos utilizados nêsses estudos era o "mau odor", pergunta com justa razão, como um "mau cheiro" pode despertar a ansiedade ou tensão e ativar as defesas do ego, para provocar a repressão (p. 262)?

Wolman (1960, p. 465) apreciando o efeito de Zeigarnik sôbre a maior evocação das tarefas interrompidas, chega a asseverar que o conceito de repressão está sêriamente em xeque.

Já Lewis & Franklin (1944), com base nos experimentos realizados sôbre as tarefas interrompidas a que se submeteram sujeitos ego-envolvidos e ego-orientados para a tarefa, concluíram que as tarefas interrompidas (tidas como tensionais ou desprazerosas) foram mais esquecidas no primeiro caso, e mais evocadas nêste último.

Rodrigues (1967) utilizou, em seus trabalhos sôbre a psico-lógica das relações interpessoais, duas maneiras de medir a tensão dos Sujeitos face a estruturas equilibradas e desequilibradas: pelo prazer-desprazer que experimentavam em face das estruturas, e pela vontade de mudá-las. Dos resultados inferiu que o índice "vontade de" é melhor medida da tensão, no caso de verificação do princípio de Heider a que se aplicou, do que o índice "prazer-desprazer".

Em suma: das lacunas observadas nas proposições psicanalíticas; das contradições e da inconclusividade dos trabalhos experimentais sôbre a repressão do desprazer; das sugestões implícitas em alguns passos da Obra de Freud, de que o ego pode sintetizar o prazer e o desprazer, quer da tensão ou da descarga; do êxito dos experimentos de Rodrigues comparando os índices de prazer-desprazer com os da vontade de mudar; e finalmente, de W. Toman (1960), cujo conceito de cathexis é "sa

tisfazer desejos, ou vontade-de, em operação" —a seguinte questão múltipla se deduz: que é o que parece problemático: o conceito de prazer-desprazer? O construto de tensão? ou o fenômeno repressivo?

Esta tese responde que as inadequações encontradas se estendem ao longo dessas três linhas de conceitos.

CAPÍTULO 3

HOMEOSTASE PSÍQUICA (OU DINAMOSTASE) E AGRADABILIDADE

O termo homeostase não denota, per se, qualuquer fôrça misteriosas, como diz Ross Stagner (1961, p. 20), mas sim a tendência de todos os bio-organismos a se empenharem em atividade que proteja, ou restabeleça certos estados constantes favoráveis. Tratando-se de homeostase psíquica a expressão se refere à regulação de tôda a atividade humana, ou seja, ao equilíbrio do comportamento. Por equilíbrio comportamental se traduz a compensação que o indivíduo procura, através de suas atividades externas, para as suas carências ou excedências interiores.

Dizem Cofer & Appley (1964, 1966, p. 314) que alguns atribuem a Fletcher a transposição do princípio homeostático da fisiologia para a psicologia. Considerava êle (1938) que as demonstrações de Cannon (1932) sôbre "A Sabedoria do Corpo" podiam ser tidas como "inteligência orgânica ao nível-1 de organização". A partir daí, o princípio tem sido manipulado e remanejado afim de tornar-se um princípio geral abrangendo desde o nível atomístico, celular ou fisiológico até aos níveis superiores da organização moral ou dos valôres (Mace, 1953); da organização das unidades populacionais animais; e da organização social, cultural, e até mesmo econômica (in Cofer & Appley, p. 326/327).

O modelo homeostático, como se vê, tem sido amplamente utilizado para a compreensão da motivação psicológica: quer dizer, a produção, revigoramento, direção, manutenção e ativação do movimento para execução de atos específicos—mas cujo resultado final (não o objetivo) é precisamente a redução de alguma tensão fisiológica e a restauração das constâncias do organismo.

Quanto ao prazer-desprazer também há teorias psicológicas que o ligam, de algum modo, à motivação

ção. Young (1959, p. 117) num estudo experimental dos processos afetivos chega a concluir que "os processos afetivos devem ser considerados motivadores por sua própria natureza". Mas é preciso notar que aquele investigador distingue motivos (adquiridos) de impulsos (inatos). Desta forma, "a afetividade não é, com certeza, necessária para que se dê aprendizagem humana" (p.120). Os processos afetivos são acompanhantes que surgem quando os processos motivacionais são bloqueados (desprazer), ou desbloqueados (prazer).

Outra teoria que aproveita o modelo homeostático da motivação e o liga ao prazer-desprazer é a de McClelland (1951). Para este autor, somente dois motivos são inatos: a luta pelo prazer, ou a fuga do desprazer e da dor. Todos os demais motivos são adquiridos e, diz Madsen (1959, p. 241), determinam aproximação ou fuga, dependendo da expectativa de prazer ou dor que o indivíduo aprendeu a ter, em circunstâncias semelhantes. Nesta teoria, motivos são sempre impulsos, quer sejam primários ou adquiridos. Aqui, os processos afetivos, ao invés de se seguirem, precedem e antecipam a homeostase.

Estas citações dão a entender a importância do princípio geral da homeostase, a amplíssima gama de comportamentos que pretende explicar, e as ligações diretas ou indiretas com o problema da motivação, da aprendizagem e da cultura humana.

Um autor só como Sigmund Freud (1856-1939) versou este problema, em todos os seus múltiplos aspectos: genético-evolutivo, físico, biológico, psíquico, moral, social, cultural, religioso e político e econômico. Talvez em virtude deste conceito pancromático, profundo e genérico do homem, Freud, malgrado as críticas violentas, continua sendo estudado e o mais discutido. Para muitos, como observam Hall & Lindzey (1957) e para

êste experimentador também, "êsse quadro do homem é de valor essencial". Por isso, esta tese inspira-se na teoria psicanalítica onde, desde as origens, o princípio da homeostase sob o nome de princípio da constância, vem sendo aplicado ao multiforme comportamento do homem.

3.1 - Realidade do Sujeito, do Objeto e das Relações

O objetivo remoto desta tese é comprovar que o Sujeito Humano está orientado para o Objeto, isto é, o mundo, o cosmos, todo o Real que a existência propõe—e não especialmente enviesado para o prazer, ou a redução de suas tensões fisiológicas. É portanto, uma tese que pretende situar-se realmente além do princípio do prazer. Se a isto alguém, julgando defender o gênio transtemporal de Freud, cognominar pejorativamente de filosofia, saiba que o mesmo Freud (1896, Carta 39) responderá que êle "albergou sempre no mais profundo, a esperança de, pelo rodeio da medicina, alcançar a meta principal: a filosofia".

Judson Brown (1955) afirmava que, à volta daquela data, muita celebridade senão fama e fortuna, havia sido ganha à custa de vociferar contra a hipótese da redução de tensão.

Nem uma coisa nem outra se pretende, nesta tese. Com Brown julgamos que a redução de tensão "deve ser expandida para incluir fatores adicionais, como tipo e montante da experiência prévia com o estímulo, nível de adaptação sensorial, bem como o tipo e grau da estimulação simultânea". Além de tudo isto, ainda achamos que, dentro de um funcionamento optimum não há lugar para tal hipótese de redução de tensão. Fora, porém dêsse optimum, a redução torna-se imperiosa, não só como resultado final, mas outrossim como objetivo do comportamento.

Deixando de parte qualquer mitologia, a vida como processo principia no instante em que as células germinativas, espermatozoide e óvulo, se fundem. Nêste exato momento, as fôrças regressivas da matéria (f_1) ficaram, senão abolidas pelo menos seguramente dominadas pelas fôrças vitais (f_2), de tal modo que a carga tensional do vivente é, para todos os efeitos, k ou $f_2 - f_1 > 0$, como atrás ficou dito e simbolizado. Todo o que nasce vivo dominou basicamente a inércia. A concepção, é ato em primeiro lugar. Ato quer dizer: arranjo dos elementos quantitativos fundamentais da existência. E, além de ser ato, a concepção é potência, isto é, um projeto a realizar em ritmo, tempo e condições aproximadamente determinadas, ou seja, cuja necessidade é prevista. Desde logo se vê que o equipamento genético que se instalou em ato é o ser: que requer conservação e repouso, supondo uma história.

Este ato primeiro não é, todavia, consumatório no sentido de esgotar-se por si, porque é um ato potenciado. A potência é o plano genético que requer evolução; é o existir; requer movimento de avanço, requer excitação. A concepção é, pois, um ato-potência que tanto requer repouso como a excitação dos estímulos. Fundamentalmente a supracitada fórmula expressa a constante k da energia biológica qua biológica. Isto é dado esquemáticamente no programa genético, mas vai estar submetido aos influxos externos. Os estímulos exteriores (f_3) nenhuma ação teriam sobre k , se esta não fôsse polarizada em repouso (ato) e excitação (potência). Quer dizer: é preciso que o aparelho seja capaz de ser estimulado.

Do que fica dito se depreende que existem duas fontes dessa estimulação, ou da perturbação homeostática: uma endógena, e a outra exógena. A função do sistema nervoso não pode ser exclusivamente a de reduzir a estimulação exterior a zero, a cada ocorrência de

distúrbio do equilíbrio. Quando a fonte perturbadora é exógena, o sistema nervoso pode reduzi-la; ou suprimi-la caso possível e necessário; ou pode fugir-lhe; adiá-la; ou pode rechassá-la mediante a construção de alguma defesa perceptual. Idênticas operações valem para o caso das perturbações provirem da fonte instintual, devendo ainda acrescentar-se, em todos os casos, a função de simbolização dos conteúdos ou dos processos excitatórios que, no dizer de Harris (1963, p. 30), permitem ao homem manter uma grande porção da estabilidade psíquica e reequilibrar-se em boa parte.

Diz-se que a homeostase é uma regulação automática. Contudo, tão automática é a tendência a voltar ao repouso, como a de voltar à excitação. O que fica dito diz bem com a afirmação de Maier (1965, p. 4): "absurdo como pareça, o processo evolutivo é tão influenciado pela mudança, quanto pela estabilidade".

Deve observar-se, não obstante, que primeiro tem de haver algum estado estável, e somente depois, se entenderá a mudança. De um ponto de vista lógico e histórico, mudar aquilo que ainda não existe, ou que é mera possibilidade nenhum sentido faz. A potência acompanha o ato original. O processo vital é bipolar: o ato é o pólo positivo, e a potência, negativo. Da potência parte o movimento ou a dinâmica para a atualização constante, isto é, para o repouso do organismo vivente. O ato não está mais sujeito a influências do mundo externo: só a potência o está. Portanto, os estímulos para terem resposta adequada devem ser excitantes das potencialidades do indivíduo.

Para indicar tudo o que o indivíduo humano é vamos usar nesta tese, os termos Eu, Pessoa, ou Sujeito (êste último também no sentido gramatical, quer seja o agente ou paciente) na sua relação com o mundo. A homeostase psíquica dá-se entre o Sujeito e o Objeto (S-O), o "eu-mundo exterior" a que aludiu Freud (1913-1917,

Los instintos... p. 1034). O Eu interage com os objetos. E, percebidos como realmente são, ou mal percebidos os objetos estimulam o Sujeito, ou a Pessoa. Objeto está a qui tomado como termo da relação e fonte de excitação, ou do distúrbio homeostático do Sujeito.

Que tipos de objetos existem? Há coisas, há pessoas, há teorias, e há aquilo a que a gente quer bem. Posta de outro modo a questão é saber que tipos de relação o Sujeito poderá potencialmente formar. E, sumariamente a resposta é quatro: biológica, ética, lógica, amorosa. A relação biológica (B) é de domínio ou assimilação, jogo de forças ou luta pela sobrevivência. Esta é uma relação direta para as coisas, mas o Sujeito poderá estabelecê-la com as pessoas, o que lhe acarretará não poucas perturbações. A relação ética (E) é a relação dialogante, ou de cooperação com as pessoas. A relação lógica (L) é de sujeição e escolha em face daquilo que supera o Sujeito individual. Finalmente, as tensões que não se resolvem totalmente em nenhuma das três relações anteriores, reduzem-se na relação (A) ou amorosa, compreensiva, podendo conglobar tôdas as demais relações. A relação "A" se define por tôdas as outras e, mais ainda, pela intimidade com os seres e a disposição criativa em equilíbrio com a circunstância.

Por outras palavras se diria que em "B" há uma relação técnica, de conhecimento instrumental que põe o mundo físico a seu serviço. Em "E" há uma relação pessoal, de conhecimento humano que se põe a serviço do homem, porque o objeto termo da relação é, de seu ponto de vista, um outro Sujeito. Em "L" há uma relação lôgica, formal e ontológica, de puro saber, de encantamento e de espanto em face de todo o Real. Esta é uma relação espiritual. É o Sujeito a serviço da Verdade. Em "A" circulam, sem se esgotarem, tôdas as potencialidades do Sujeito e do Objeto. Está dito "sem se esgotarem" porque o próprio desta relação é ativar tôdas as potências

subjetivas, e o próprio da potência é circular, ser excitável, nutrir-se de influxos, de trocas com os objetos inesgotáveis. A morte, quando não é um acidente, a ausência insuportável de objetos ou relações-estímulo, é uma ocorrência que corre parrelhas com as "fôrças inimagináveis" que arrancaram a vida, à matéria inanimada. Mas tal ocorrência não pode estar prevista categoricamente no potencial biológico, como uma fôrça ad hoc instalada para a regressão do ser vivo, ou o aniquilamento da constante $f_2 - f_1 > 0$.

O Sujeito, agente ou paciente, recebe os influxos das fôrças exteriores (f_3). As potencialidades são dadas pelo genótipo, mas como afirma Thoday citado por Connolly (1966) são os estímulos ambientais que de terminam quais, ou quanto dessas potencialidades serão realizadas, no curso do desenvolvimento.

Aliás, os experimentos da Universidade de McGill sobre privação sensorial ilustram de modo dramático, na expressão de Murray (1964), "o intenso anelo dos seres humanos por estimulação ambiental".

E Nuttin (1963) sintetizou numa frase as perturbações mentais que atingem êsses sujeitos isolados dos estímulos exteriores: "En un mot, le sujet ne supporte pas l'absence d'objets".

Freud (1895) ligou o prazer às quantidades tensionais e às experiências de satisfação biológica. Mas, em se tratando de homeostase psíquica, a satisfação tem de ser entendida psicologicamente, satisfação do Sujeito, e não apenas de um sub-sistema dêle. A ingestão de alimento, por exemplo, pode repletar uma estrutura, mas deixar o Sujeito insatisfeito. Por isso, o objeto e o movimento que a êle conduz serão adequados para a satisfação, somente quando corresponderem às potencialidades do Sujeito. Havendo esta adequação, o Sujeito fica satisfeito, isto é, continua pronto para prosseguir nas demais relações objetais. Tal experiência de

satisfação é altamente proveitosa e de um valor incalculável sobre todo o organismo, como não pode deixar de ser. Essa experiência capitaliza em ato, um enriquecimento do ser que tenderá, ipso facto, a manter e reproduzir tais experiências globais.

Com as experiências de comer e de brincar se aprendem as relações com o mundo dos Objetos. Nos estágios infantis do desenvolvimento, estas satisfações supõem, como está visto, o aprendizado de atos específicos (alimentação, eliminação, contato físico, etc.). As investigações de Spitz (1960) demonstraram claramente que o provimento material, em si, não é bastante para que se possa chamar a isso, uma "experiência de satisfação", saudável, tonificante do sistema nervoso. O provimento material tem de ser feito numa relação "A".

Não é tanto o fato de nascer, como alguns psicanalistas crêem, que constitui o primeiro perigo, no dizer de Mussen, Conger & Kagan (1956, 1963, 1966, p. 77-79): mais provável é atribuir as dificuldades do desenvolvimento às experiências pós-natais, com os familiares. Assim, a criança, juntamente com o alimento, experimentará compreensão, assimilará contato humano, a "compreensão mútua" que Freud (1895, p. 336 e 376) tão cabalmente define. Neste contexto também se pode aceitar que "a fraqueza original do ser humano torna-se a fonte primária de todos os motivos morais" (sublinhado de Freud). Fraqueza pode entender-se aqui, por não-domínio. A primeira e a última relação que o Sujeito tem de aprender é a relação "A", a partir da existência ou não existência da qual, qualquer evento pode ser agradável ou desagradável, e a Realidade sombria, ou B E L A.

3.2 - Tensão, Satisfação e Agradabilidade

De propósito se usa aqui Agrado-Desagrado (Ag-Dg) para manter a conotação holística, psicológica

da relação S-O, em vez do prazer-desprazer, cujas ligações de sentido estão presas às sensações orgânicas. A agradabilidade diz respeito às intensidades ou quantidades de excitação oriundas, quer da motivação ou da emoção. E diz mais respeito ainda à direcionalidade do processo excitatório: Agrado, se acumula energias hábeis para fazer alcançar o nível subsequente do desenvolvimento; Desagrado, no caso contrário.

O Agrado-Desagrado (e não o prazer) é a polaridade econômica do indivíduo total. Isto significa: mediante a percepção e a consciência, ou os sistemas P e C que Freud (1901, p. 544) identifica, o indivíduo percebe a sensação-prazer/dor; mas, juntamente com isso ele percebe o valor que lhe é atribuído, recompensado ou punido pelo social, captando, pari passu, a intencionalidade revelada no modo como é tratado na relação com o meio. O modo como é a forma que o Sujeito capta simultaneamente com o conteúdo material dos acontecimento.

Uma vez mais, neste contexto, é possível admitir com Freud (1901, p. 578) que a função dos sistemas P e C é a de "um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas", ou seja, um sistema que faz um todo com o bio-orgânico e, como um todo, é extremamente sensível na captação da quantidade, tanto quanto do estrutural e do qualitativo adequado ao Sujeito. Que a percepção isolada de uma coisa isolada não comunique energia ao Eu, se entende. Mas que a perspectiva do conjunto "objeto-caminho-satisfação" que P e C propiciam ao Sujeito, não o façam desejar nova recomposição de suas forças internas—tal não seria compreensível.

Como qualidade dinâmica percebível em qualquer tipo de processo, Ag-Dg pode ser destacado da tensão, medida pelo desejo de. O prazer-sensação equivalente à descarga, e que ordinariamente é prazer ao nível estrutural, pode por isso, ser tido como desagradável ou não apetecível pelo Sujeito, ao nível qualitativo que a visão de conjunto lhe transmite. Feliz ou infelizmente,

o ser humano é o único que pode achar seus prazeres em fadonhos, tristes ou detestáveis. Será este um fenômeno patológico, ou revelará uma potência peculiar ao "homo amans"? Que motivação estranha não deve ter o homem, para que chegue a sentir desagrado nas sensações de prazer, agrado no sofrimento, e até prazer na dor!

A redução de tensão fisiológica é, em última análise, um efeito homeostático final. É resultante de automatismos ou reflexos bio-orgânicos, mas é dado que tais mecanismos, em diversas circunstâncias, podem ser utilizados pelo Eu, afim de prosseguir na busca da satisfação mais adequada ao Sujeito. Atingida esta satisfação de ordem superior, então e só então, se processa a descarga tensional. Outras circunstâncias haverá em que a redução de tensão se processa simplesmente. Em outras ainda, o Sujeito estará incapacitado de reduzir suas tensões, malgrado seus esforços nêsse sentido. Há casos em que o repouso, como o sono é desagradabilíssimo; e casos em que o passar de tensão em tensão é patológico, ou é criador.

Especificando e resumindo: consideramos a té aqui a homeostase psíquica (i) como tensão inicial estável, k ou $f_2 - f_1 > 0$, construída no próprio momento da concepção. O fruto da concepção é ato e potência, que são polarizações do mesmo ser capaz, portanto, de repouso (estase) e de excitação (dynamis). A partir dêste optimum k de energia básica ou genérica é que se pode falar em (ii) redução de tensões que, via de regra, são tensões específicas, orientadas para esta ou aquela atividade de consumo, ou produto do influxo dos objetos-estímulo do meio (f_3). A redução de tensão, na perspectiva psicológica, só pode ser considerada como tendência a regressar à base viva, ao optimum k , e jamais como impulso para tensão-zero ou para a morte. A redução à tensão-zero pode dar-se por mera ocorrência (acidente, mal súbito) afetando diretamente o nível $f_2 - f_1 > 0$, sem que

o Sujeito, teoricamente ao menos, tenha grande desagrado. (iii) A satisfação psicológica como atrás foi definida explica a tendência geral dos organismos a revigorar a atividade à medida que se aproximando objeto. Esta tendência é denominada por Hull (1943) de goal gradient e refere-se ao fato de o efeito de uma recompensa diminuir, à medida que o sujeito se afasta do objeto, no tempo e no espaço. É evidente que, quanto mais longe do objeto, menos a relação chega a se formar. E Mednick (1964, p. 56) comentando este fato, observa que, com as crianças, uma pequenina recompensa no instante em que fazem uma ação adequada, surte muito mais efeito para levá-las a produzir novos atos, do que uma grande recompensa, muito mais tarde. Quer dizer: há um tempo oportuno para que a recompensa obtenha todo o efeito. Não é a quantidade que produz o efeito, mas sim a recompensa no momento exato em que o organismo tende para atualizar alguma potência (satisfação). (iv) A homeostase psíquica, como aqui se conceitua, também dá conta do fenômeno intrigante de que o organismo procura sempre novas tensões, ao invés de ficar extasiado no seu repouso-prazer. Ficou dito que f_3 excita k perenemente e, se faltarem os estímulos, o Sujeito ir-lhes-á em busca, por duas razões: primeiro porque o número das potências, apesar de finito, não se esgota facilmente; segundo porque ainda que seu número fôsse reduzido, seus aspectos são múltiplos. Também foi dito que o próprio da potência é reagir às influências externas (f_3). E esta reação pode assumir dois sentidos: o da realização da potência na linha direta do programa genético, e o sentido da criação de novos aspectos potenciais (mutação, mais raramente).

Finalmente, a homeostase psíquica deve explicar constância e mudança. E Ag-Dg pode ser percebido tanto na constância ou no repouso, como na mudança ou na excitação.

3.3 - Equilíbrio Dinâmico ou Dinamostático

A esta altura já estamos aptos a entender a relutância que todos os autores demonstram por uma espécie de homeostase estática ou regressiva. O equilíbrio fisiológico dá-se entre as células e o seu ambiente. O equilíbrio psicológico ocorre entre o Sujeito e o mundo (S-O), o ambiente do Sujeito humano. Em suas reações metabólicas que levantam a temperatura e põem em risco as células nervosas, diz Morgan (1943, 1950, 1965, p.100) a tendência das células não é a parar o provimento dos materiais necessários a essas reações; a tendência é a várias células se especializarem em funções específicas, cujo efeito é conservar sempre igual o meio interno-o que denominamos homeostase.

Seria risível que, para explicar a homeostase fisiológica, se apelasse para a tendência da célula a regressar ao repouso, ou à inércia da matéria; e, como não pode suicidar-se por já estar muito complicada, ela se diferencia para se defender; de onde resulta que sua irritabilidade tensional pode ser causada pelo primitivo impulso de morte que, apesar de vencido, ainda permanece sorrateiramente a serviço do inanimado! É de suspeitar que nenhum biólogo aceitasse esta interpretação. E não há por que aceitá-la em se tratando de explicar a reacionalidade do Sujeito humano.

Além disso, o princípio homeostático na fisiologia apresenta também algumas desconfirmações, se dermos crédito aos estudos de autores citados por Cofer & Appley (1964, 1966, p. 514) que usam os termos hiperexis (que tem demais) e heterostasis (equilíbrio em função de outro sistema).

Os autores que tratam da personalidade preferem usar um conceito que se traduz na expressão homeostase dinâmica. Stagner (1937, 1948, 1961, p. 22) afirma: "Toma-se a homeostase fisiológica como um modelo

para clareza de apresentação, mas muito pouco da perso
nalidade se atribui a eventos d^êste n^ível... Não há na
da no conceito de homeostase que obste ã possibilidade
de mudança... mas que a maioria resiste desesperadamen
te ã mudança também é fato".

Cameron (1963, p. 152) não aceita a redu
ção de impulsos ao n^ível-zero. "Em termos de energia ou
cathexis (diz) redução de impulsos significa redução a
um n^ível optimum, onde não podem mais perturbar". E tra
tando de explicar o reequilíbrio do organismo, comenta:
"não quer dizer necessariamente um ret^ôrno ao mesmo es
tado estável que antecedeu o aparecimento da necessida
de" (p. 123).

Esta acentuação em um princípio homeostá
tico dinâmico visa a explicar o comportamento humano
que tende a perseverar, mas que também quer mudança;
que tende a reduzir tensão, mas que também é capaz de
resistir a ponto de morrer; que não goza com excessos,
mas que deseja excitações e atividade; que aspira ã paz,
mas que não deixa de fazer a guerra; o homem que ideali
za, mas que põe em ato sempre menos do que pensa e quer.
É o problema de explicar o equilíbrio desejável e a mu
dança necessária.

Versando as implicações da teoria ciberné
tica moderna s^ôb^{re} as mudanças do comportamento, Neal
Miller (1964, p. 164) ilustra quatro tipos possíveis de
equilíbrio que se podem chamar pelas expressões seguin
tes: (a) im^óvel, como uma caixa em cima de uma mesa; (b)
instável irreversível, como uma bola equilibrada s^ôb^{re}
um ôvo; (c) estável reversível, como uma bola num vaso
em forma de U; (d) estável incerto, como uma bola rolan
do num plano inclinado pode parar numa concavidade, se
as condições permitirem, ou pode saltar para diante, em
planos cada vez mais inferiores. Em duas palavras, o
comportamento tenderia a permanecer no ponto, onde as
condições forem mais favoráveis. E tais condições se

riam: recompensa e feedback. Se o indivíduo for recompensado num ponto além, ele se moverá para diante; se aquê, ele regressará. Isto dá a impressão de que o Sujeito "dança conforme a música".

A analogia do feedback parece mais séria, pois o indivíduo tende a seguir os sinais que lhe indicam a adequação de seus movimentos (aliás, a recompensa ou o reforço podem também ser considerados sinais desse tipo). A tudo isto, porém, precisamos juntar a unidade interna do Sujeito ativo per se, o qual percebe a adequação ou não-adequação dos sinais do meio, e tende a organizar suas respostas.

A Figura 1 serve para ilustrar o equilíbrio psicológico como é entendido nesta tese: uma combinação das formas c e d invertendo, naturalmente, esta última, consoante requer o modelo evolutivo. A Figura 1 indica os três feixes de forças representados nas coordenadas. Sobre X, as forças bio-orgânicas ($f_2 - f_1 > 0$) empuxam o Sujeito na direção da realização das potencialidades. Sobre Y, estão figuradas as forças, e/ou os estímulos do mundo exterior (f_3) que põem as condições necessárias para que a atividade seja revigorada numa direção X'. Este desenvolvimento (e as mutações possíveis) vai ser favorecido, ou obstado por f_3 , e muito especificamente o social. A direção para X', isto é, que favorece a atualização das potencialidades é sentida como Agrado, no sentido de que satisfaz adequadamente o Sujeito; no sentido de favorecer a organização neuronal, cell-assembly a que se refere Hebb (1949); e no sentido do self-actualization, a noção-chave da teoria de Rogers (1965, p. 30). A direção contrária é Desagrado.

Para evitar malentendidos deve-se observar desde já que a influência do social, nesta tese, não se limita a desencadear forças internas próprias do Sujeito. O social desencadeia essas forças, solicita-as numa direção, ou força-as na direção contrária, podendo in

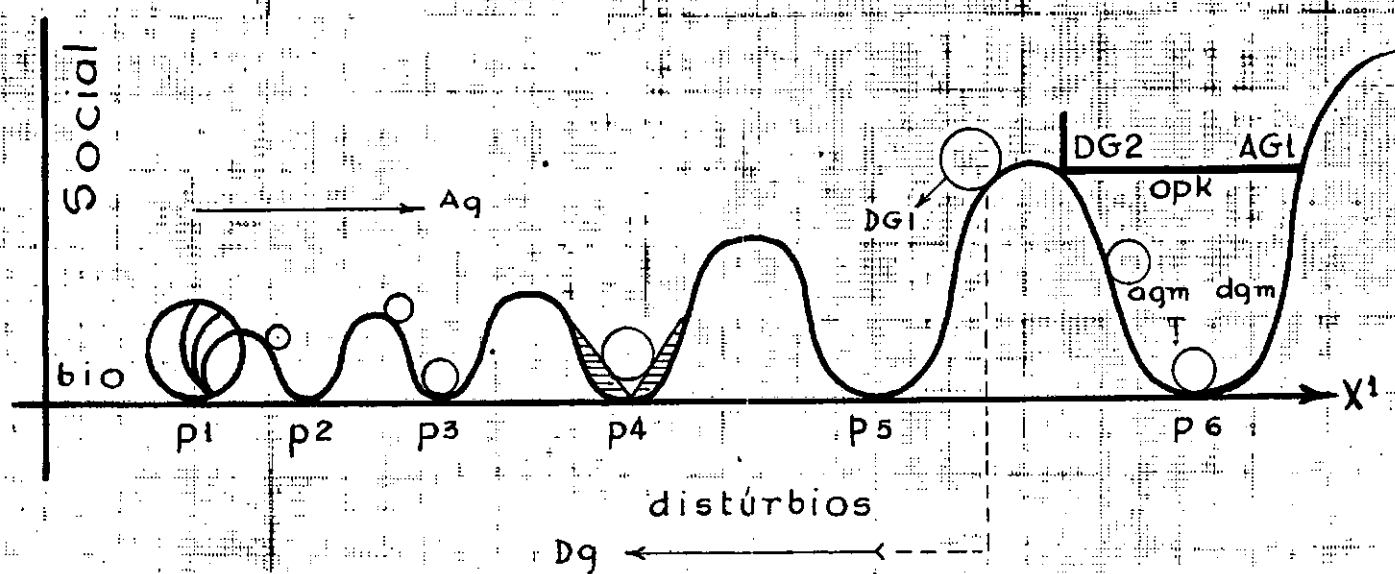


Fig. 1 - Ilustração do equilíbrio dinamos tático, figurando os momentos significativos e o optimum obtido pela atualização das potencialidades do Sujeito.

troduzir (como atrás ficou dito) mutações positivas ou negativas. É peculiar à potência não ter ainda uma trajetória fixa, ou uma forma rígida predeterminada de avançar até o ponto X'. Mas avançar é o que lhe é próprio, ao passo que permanecer é peculiar ao ato.

Partindo de p_1 sobre a linha evolutiva, o indivíduo cresce e madura. Em p_1 o recém-nascido apresenta dois tipos de reação nítidos: repouso e excitação. A excitação de que ele é fundamentalmente capaz o fará transpor os sucessivos montantes de exigência, ou estímulo que o meio lhe vai oferecendo. Se as exigências não forem excessivas, o indivíduo passará para a faixa de equilíbrio estável em p_2 . Aí precisa repousar, quer dizer, estabilizar o que adquiriu como experiência. O Sujeito precisa viver êsse momento, ou seja, percebê-lo em todos os cambiantes: senti-lo em profundidade e fazê-lo durar, com as atividades que lhe são próprias. Nem outro é o significado da maturação.

A esta altura, um novo elemento maturacional altera o programa e impulsiona o indivíduo, que entra num período de atividade mais intensa, até atingir o ponto que lhe facilitará o acesso ao estágio em p_3 , onde, numa amplitude maior de estabilidade, o Sujeito poderá agir, vivendo e vivenciando o novo momento.

Repare-se que pode haver Agrado na excitação que levanta o nível tensional, como na redução dessa excitação que instala um optimum ampliado pela atualização de algumas das potencialidades. A condição de agradabilidade na excitação deriva de uma correta proporção entre as demandas exteriores e o nível da constância anteriormente conseguida. Nos animais não dotados de consciência esta proporção fica padronizada nos diferentes estágios filogenéticos da evolução e é transmissível geneticamente, como afirma Child (1924, p. 238). No ser humano consciente, tal proporção correta ou incorreta é, em larga parte, da alçada da sociedade e da cultura.

A imagem que se dá aqui é a de um optimum nos diferentes níveis de energia utilizável em atividades de relação (S-O), numa amplitude estável. Para que os diferentes níveis constituam um optimum, tem de ser mantida a constante $f_2 - f_1 > 0$. A esta sequência de níveis e amplitudes de equilíbrio, o termo homeostase não se aplica bem. Não se trata de restaurar o mesmo nível. O princípio geral é de voltar ao repouso depois de ter si do excitado. Mais ainda: cada nível permite, entre os pontos de excitação e de repouso, múltiplas atividades, dentro da amplitude que lhe é própria. Para este conceito sugere-se o nome de dinamostase. Voltaremos à Figura 1 mais adiante.

3.4 - Emoções, Motivação e Agradabilidade

Temos falado até aqui do Sujeito que percebe, sente, toma consciência de si mesmo e dos Objetos do seu meio, agindo de conformidade com suas potencialidades e as condições de estimulação do mundo exterior. Não é preciso ter a preocupação, como diz Hebb (1949, 1967, p. 234), de nos vermos livres, uma vez por todas, "of the little man inside the skull", um anãozinho interior que aprova alguns eventos sensoriais, desaprova ou tros, e vai assim orientando a conduta... do macaco velho! O Sujeito que se trata, nesta tese, é o homem mesmo, por fora e por dentro; tudo quanto êle é e pode vir a ser; com o que nós conhecemos dêle, e com o que êle conhecê de si mesmo e nós ignoramos; com um sistema nervoso Hebbeano que intervêm na conduta, mas que também é modelado por ela e pelo restante do sistema. O Sujeito é o agente muitas vezes, o paciente em muitas outras, e contudo, é sempre o Sujeito existente que pode situar-se em face do que fez, do que faz, do que sofre, ou do que deixa de fazer. Não se trata, portanto, aqui, de um sujeito "com um macaquinho no sôtão". Nesta tese, o Su

jeito é capaz de construir um cérebro eletrônico com muitos graus de liberdade, mas, como sugere F. Allport (1955, p. 517) ainda lhe ficam certas liberdades que não há jeito de "engradar".

Dissemos ainda que o Sujeito é dotado de uma constante genérica. Isto, porém, não seria suficiente para que ele desenvolvesse atividades além da sobrevivência, como o Sujeito demonstra fazer. Haja vista o que dizem Smart & Smart (1967, p. 12): grande parte da atividade intelectual e perceptiva é inexplicável em termos de sobrevivência, a saber: brincar, divertir-se, auto-expressar-se, perambular, viajar, explorar, ou investigar. São atividades que valem por si mesmas. Resumindo: o Sujeito reage para sobreviver, e age para ser ou viver.

Muitos autores entendem as emoções como desorganização do comportamento, em seus aspectos sensôrio e motor. Outros vinculam-nas à organização de sobrevivência. Uns, as distinguem de motivação; ao passo que outros, como E. Murray (1964, p. 63) observam que há demonstração experimental sôbre o efeito desorganizador também da motivação. Em conclusão, o autor citado tira a média das evidências, atribuindo à emoção forte um efeito mais desorganizador, e à emoção moderada, um efeito de motivação, mais organizador do comportamento.

A agradabilidade, como atrás ficou definida e como pode ver-se na Figura 1, tem a natureza de uma qualidade dinâmica perceptível nas cargas de excitação, assim da motivação como da emoção, num contexto de referência evolutivo. Importa notar que não é a atividade oscilatória dentro da amplitude do nível atingido pelo Sujeito, que é desorganizadora do comportamento. Essa atividade, ou vale por si, como já se disse, isto é, pela vivência do momento em que está situado o Sujeito; ou vale pela relação que estabelece com os objetos necessários; ou vale ainda pelos próprios objetos.

Se o Sujeito não for capaz de organizar-se, a ponto de perceber que um processo sensorial prazeroso é desagradável no conjunto da existência, então a vida social não tem melhor garantia que a lei do mais forte. Mas se é possível destacar, mediante os sistemas P e C, a agradabilidade dos processos tensionais, sensoriais ou não; e se é possível manter no mesmo nível optimum de tensão a atividade entre os pólos Ag e Dg, então é mais fácil encontrar as relações adequadas para os objetos, e os objetos adequados. Esta tese defende isto.

É útil resumir e lembrar: apresentamos o surgimento da tensão vital como um evento bi-elemental-ato e potência. Analógicamente falamos em polaridade positiva (ato) e negativa (potência). Negativo é aqui o mesmo que o dinamismo para realizar algo ainda não existente. A fisiologia neuronal refere verdadeiras polarizações de ions na membrana celular dos neurônios. A parte externa da membrana, no potencial de repouso ou não excitado, tem um excedente de ions positivos sobre os negativos. Excitando o neurônio por um estímulo elétrico, por exemplo, segue-se um impulso ("spike") e uma recomposição iônica que, ao invés de restabelecer de imediato o equilíbrio primitivo, oscila entre os pólos, e mantém por algum tempo positivo o interior da membrana, que antes do impulso era negativo. Isto pode sugerir apenas que há um fundamento neurofisiológico para a polaridade que nesta tese se propõe.

Eis a proposição ou hipótese geral: cada indivíduo desenvolve um optimum continuum de agradabilidade a cada momento significativo de sua existência, de tal forma que, dentro desse momento, a tensão permanece a mesma, enquanto a agradabilidade varia entre os pólos Ag-Dg do continuum.

O momento significativo está ilustrado na Figura 1, onde está representado pela letra p. O Sujeito

to em p_1 tem movimento e sentido. Constitui momento significativo na vida do Sujeito o ponto em que entra em jôgo uma nova sⁱntese que o impele a mudar; mudança esta que é sentida como ampliação, ou como restrição estável do seu horizonte psíquico, e que se manifesta em consistência maior ou menor do comportamento.

Por optimum continuum (opk) deve entender-se um nível de energia ou tensão do organismo, relacionada à conotação de agradabilidade como tem sido discutida até aqui, nesta tese. O opk é representado por dois pólos: positivo (Ag) e negativo (Dg). O Sujeito entra em relação com os objetos, e esta relação—mormente com as pessoas com quem o recém-nato inicia o processo—"a apresenta sempre tonalidade afetiva", no dizer de Smart & Smart (1967, p. 151). E continuam os autores: "o desenvolvimento afetivo (êles dizem emocional) ocorre na interação do indivíduo com o resto do mundo, em grande parte com as pessoas do resto do mundo".

Quando o Sujeito é atingido pelos estímulos internos ou externos (Figura 2), a excitação que o estímulo tende a provocar é polarizada, segundo é percebida, em positivo ou em negativo. Se percebida como agradável, a excitação do estímulo polariza em positivo: é tonificante da energia atual do optimum continuum, integra-se às quantidades ou cargas de repouso, porque já foram vividas: coincidem com o ato, ou o ser do Sujeito, o qual para já, não deseja mudança, mas a duração.

Desta polarização o Sujeito é movido por eventos diversos, conhecidos na psicologia sob os nomes de saturação, habituação, ou fadiga consoante pondera Helson (1964, p. 339) acerca da frequência, intensidade, recenticidade e outras condições de percepção que podem interferir com a emoção: "neither very tasty foods nor distinctive actors should be experienced too frequently; otherwise they satiate". Isto se pode bem traduzir indigenamente pelo dito popular "até doce de côco, quando

é demais enjoa". O Sujeito pode ainda demover-se do pólo positivo, em virtude de novas potencialidades que o soli citam, o impulso de curiosidade e originalidade; e ainda ordinariamente, porque o atingem os mais variados pa drões de estímulo, inclusive opostos.

Sendo percebido um estímulo ou padrão de estímulo como desagradável—sem todavia o ser excessiva mente—a excitação do estímulo concentra-se no pólo nega tivo, onde se soma às potencialidades (dinâmicas, portan to) do indivíduo, e às quantidades de tensão ainda não u tilizadas em qualquer sentido. Dêste modo, o desagrado percebido (prazer ou dor) é assimilável ou atualizável ao Sujeito. Daí o impulso para a transformação da tensão originada. A energia total do opk é a mesma, antes cono depois da polarização da excitação do estímulo em Dg, tal como a física demonstra para os sistemas fechados. Um Su jeito em tensão Dg, mobiliza-se na direção Ag, de modos diversos com denominações também conhecidas na psicolo gia: distensão pelo sono, acomodação, assimilação, impul so de conservação. Mais: a semelhança do que ocorre na polarização positiva, êle encontra estímulos diversos e contrários, já agora facilitações para sair do desagrado, satisfazendo suas necessidades e/ou construindo algo no vo.

Note-se que, nesta tese, se admite que o prazer como descarga tensional pode também ser percebido como desagradável; o aumento de tensão pode ser percebi do e sentido como agradável. O desejo iniciado geralmen te com Dg também pode provir do pólo positivo Ag. As ex pressões "processo primário e secundário" nenhum sentido fazem em opk. A consciência surge dentro do contínuum e não é afeta essencialmente a um pólo, ou a um processo.

Ao postular basicamente um optimum conti núum, ipso facto se está supondo, como possibilidade ao menos, que pode haver circunstâncias em que o Sujeito se ja forçado para fora do opk. Há dois níveis, portanto: in

tra opk e extra opk. Esta é uma condição patológica, certamente. E nesta condição última se identifica o ego-envolvimento (EV), no sentido de condição extremamente penosa e ameaçadora para o Sujeito, forçando-o à fixação, ou à regressão. Em conexão com este nível é que devem ser entendidas as expressões de Freud (1901, p. 572) relativas à "simples e regular exclusão do desagradável, do processo psíquico da memória...". Note-se que não constititui ego-envolvimento a ameaça à sobrevivência do organismo, que não foi percebida como tal pelo indivíduo.

CAPÍTULO 4 - AGRADABILIDADE, TENSÃO E MEMÓRIA: ALGUMA COMPROVAÇÃO EXPERIMENTAL

Há certamente uma gradação no diagnóstico e prognóstico das enfermidades mentais. Todos os clinicos reconhecem, todavia, que não existe, de uma a outra categoria nosológica, uma continuidade tal que seja confiável. E nem se desenvolveram técnicas sistemáticas para lidar com cada tipo de enfermidade psíquica em particular. A mera classificação não ajuda muito em psicoterapia. No entanto, o psicoterapeuta precisa fazer hipóteses acêrca do que padece o seu cliente, e fazer tentativas de classificação ou interpretação provisória. A primeira categorização deve ser: doente - não/doente, o que supõe um juízo básico de normal versus patológico.

Este juízo, ou como diz Duyckaerts (1954, 1966, p. 202) "êste conhecimento objetivo do valor clínico de um comportamento é possível, mas difícil... possível, se o homem normal se define mais pela aptidão geral para fixar linhas de conduta de acôrdo com as circunstâncias... ou seja, com os dados fisiológicos, psíquicos, sociais e culturais, cujo conjunto forma seu campo fenomenal...".

Shaffer & Lazarus (1952, p. 297), discorrendo acêrca do objetivo da psicoterapia são acordes em que "tal objetivo não é solucionar problemas, senão que providenciar ao cliente uma situação de crescimento contínuo ou mudança de forma tal que seus problemas ou os que surgirem possam ter solução adequada". E mais adiante dizem: "Pessoas que foram bem ajustadas na maior parte de suas vidas, mas que sucumbiram a distúrbios neuróticos agudos por fôrça de extremas dificuldades ambientais, bastar-lhes-á uma psicoterapia de apoio para torná-las saudáveis. A longa história de funcionamento satisfatório mostra não ser preciso qualquer mudança permanente do ego".

Isto vem a ponto para fundamentar o conceito de dois níveis de funcionamento, atrás sugeridos: ego-envolvimento e não/ego-envolvimento, ou seja dito de outro modo: funcionamento opk e funcionamento extra opk ou EV.

Em condições normais (regulares e ponderadas) de desenvolvimento, a primeira diferenciação mental que a criança estabelece é Eu -não/Eu. Em condições anormais (caóticas e excessivas) a diferenciação será:Eu - anti/Eu. Aqui se justificam as defesas; não, porém, no primeiro caso.

Freud (1920) faz referência ao conceito da constância fisiológica nas expressões de Fechner que êle cita: "... cada movimento psicofísico que ultrapassa o umbral da consciência é tanto mais revestido de prazer, quanto mais se aproxima da estabilidade total, a partir de um determinado limite; ou de desprazer, quanto mais se afasta da mesma (estabilidade), partindo de outro limite distinto. Entre ambos os limites, e como umbral qualitativo das fronteiras do prazer e desprazer, existe certa extensão de indiferença estética".

Freud não se deu ao trabalho de analisar a citação que fazia daquele fisiologista. Está bem claro que Fechner se referia ao princípio regular da constância, que opera numa certa amplitude permitida pelas condições orgânicas. Posteriormente, Cannon (1932, 1946, p. 189) adicionou ao contexto da homeostase o que êle denominou "margem de segurança", querendo significar que, além da homeostase habitual, os organismos ainda têm alguns recursos-extra, na estrutura e nas funções, para ativar o funcionamento perturbado. Em geral, os organismos são econômicos: não gastam tudo de vez; ou quando em perigo, promovem um "transbordamento" como meio de assegurar a estabilidade.

Ao nível fisiológico, pois, o organismo funciona em uma "faixa regular" protegida por uma "mar

gem de segurança" além da qual falece. Ao nível psicológico, os correspondentes são o optimum continuum e os possíveis recursos extraordinários, ou mecanismos de defesa. A diferença está em que, ultrapassado o limite, isto é, acentuando rigidamente as defesas, o Sujeito não morre habitualmente, mas seu comportamento ficará operando em condições de ego-envolvimento.

Todo o esforço da psicoterapia consiste, como atrás ficou sugerido pelos autores citados, em repôr o Sujeito no seu optimum continuum anterior, ou facilitar-lhe condições de sintetizar um novo momento.

4.1 - Dinâmica da Agradabilidade intra e extra Optimum Continuum

Entenda-se por "dinâmica da agradabilidade" o movimento, a distribuição e direção das forças ou correntes tensionais, que se estabelecem com as excitações endógenas ou exógenas que o Sujeito, ao perceber, classifica em agradáveis ou desagradáveis.

Repare-se uma vez mais na Figura 2, confrontando-a com o momento p_6 da Figura 1. No momento p_6 , o Sujeito está em equilíbrio que denominamos dinamostático. O pólo positivo fornece ao Sujeito a maior estabilidade potenciada, isto é, com probabilidades de ainda mais e melhor. A este pólo corresponde o Agrado Primário (AG1) do Sujeito (os símbolos relativos ao Agrado e Desagrado estão definidos operacionalmente, nos experimentos).

Ao pólo negativo corresponde, por definição de optimum continuum, um desagrado suportável que inicia o movimento de transformação da excitação do estímulo. A este desagrado suportável denominamos dgs. Na Figura 2, porém, aparece DG2 ou Desagrado Secundário, por lhe ser equivalente, como demonstra o Experimento I, realizado em concordância com o que temos dito até aqui.

Quando as excitações que vêm dos estímulos são percebidas como Dg, distribuem-se para o pólo ne

gativo e dão origem a uma corrente tensional. Tal corrente faz surgir no Sujeito, a vontade ou o desejo de atividade, com uma direção para a relação e/ou para os objetos.

Eis como Freud (1901, p. 571) define desejo: "tal corrente que parte do desprazer e tende para o prazer é o que chamamos desejo, e já dissemos que só o desejo é capaz de pôr em movimento o aparelho, e que a derivação da excitação era nêle regulada automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer".

Entretanto é preciso reparar em que, (a) em Freud não há separação entre prazer-desprazer e cargas tensionais. O princípio da percepção da agradabilidade estabelece tal separação; (b) em Freud, desejo é a corrente que põe em movimento o aparelho psíquico. O princípio da agradabilidade estabelece que o desejo surge com a corrente tensional, mas não é bastante haver tensão para haver desejo, o qual é sempre movimento de algo para algo. Desejo sem finalidade é agitação. E, se a meta for sempre a de reduzir tensão, o Sujeito funcionará exclusivamente em processo primário. Portanto, o desejo é corrente tensional orientada para "ação específica", que pode ser a satisfação adequada do instinto, e também a relação como tal com o objeto, ou o objeto por si mesmo. É o Sujeito (conjunto de todos os sistemas internos e de relação) que inibe a tensão, ou deixa de inibi-la: a direção para o trabalho, ou a aplicação do desejo vem do Sujeito. Não faz sentido que um desejo que é corrente ou tensão-desprazer se dirija, sem mais, para sua transformação em prazer; (c) em Freud, a percepção não tem função autônoma, uma vez que a derivação para o pólo negativo, da excitação do estímulo, é função direta do aumento das cargas. Nesta tese, deixa-se autonomia ao todo (Sujeito), ao menos um grau mais de liberdade sobre os processos fisiológicos de tal sorte que um aumento de quantidades possa também ser percebido no conjunto como Ag,

e a excitação decorrente ser derivada (pelo menos em parte) para o pólo positivo, e desta recomposição de cargas produzir-se o desejo orientado. Que esta distribuição da excitação do estímulo para os pólos positivo ou negativo seja função do Sujeito total, e não de uma cadeia especializada de neurônios é sustentado por muitos psicólogos, bastando citar Kelly (1963, 1966) cuja teoria dos construtos pessoais e respectivo corolário da dicotomia, ou polarização dêesses construtos, é assás convincente.

Esta categorização dos estímulos em Ag-Dg segue a tendência à polarização indispensável também na congruência psíquica, na linha de Osgood & Tannenbaum (1955). No entanto, em se tratando de um continuum, casos haverá em que o Sujeito não consegue identificar os estímulos, desconhece-os, ou não está disposto a manipulá-los. A excitação remanescente de tais estímulos será derivada para a zona neutra do continuum.

Voltando à dinâmica do opk (Figura 2) notamos que a dinâmica se estabelece entre um pólo e o outro. Se, partindo de AG1 acrescentarmos um desagrado médio (dgm ou dgs, que são quantidades iguais), o Sujeito move-se na direção de DG2, ponto a que chegará, se dobrarmos o desagrado. O contrário se verificará partindo do pólo negativo, com um desagrado suportável (dgs, assim denominado por ser inicial e não medial do processo); acrescentando um agrado médio (agm), o Sujeito mover-se-á na direção AG1, resultado que alcançará, se dobrarmos o agrado.

Tal é a dinâmica dentro do optimum continuum. Dentro do opk só há polarização, mediante percepção, discriminação, diferenciação, distribuição das excitações dos estímulos para a dinâmica do processo homeostático.

Justamente chama E. Murray (1964, p. 30)* a atenção para os trabalhos experimentais que comprovam haver recompensa, independentemente de redução de tensão.

É evidente. Observe-se a Figura 1. No momento p_6 , o quantum total de energia ou tensão é sempre o mesmo, enquanto o Sujeito permanecer em p_6 . Mas o Sujeito está em equilíbrio ativo, isto é, vive: desenvolve-se a si mesmo, vivencia e produz.

Fora do opk ou intra EV, qualquer excitação é sentida como aumento de tensão, pois que o Sujeito está numa condição de ego-envolvimento, sempre pronto para a defesa ou o ataque. Diga-se de passagem que, com base em casos clínicos, Freud teria sempre de encontrar que o aumento de tensão é igual ao desprazer, e sua redução, ao prazer.

O aumento de tensão extra opk é sempre de sagradável, quer seja produzido pelo sofrimento no pólo negativo, quer seja induzido por excesso—até de prazer—sensorial—no pólo positivo. Este desagrado (EV) é muito diferente do desagrado do opk e, por isto, é expresso como Desagrado Primário (DG1). É primário por três razões: por ser quantitativamente maior; por iniciar sempre o processo, sem que suas cargas possam distribuir-se em parte sequer para o pólo positivo; e por ser auto-direcional, isto é, equívocamente ego-defensivo.

Alguma comprovação do que fica dito pode ler-se no primeiro experimento, exposto a seguir.

Experimento I

Tendo sido êste experimento levado a cabo para comprovar a dinâmica (produção, intensidade e direção) da agradabilidade no interior do optimum continuum e fora dêle, três pontos interessaram mais: (1) o ponto médio do opk; (2) o ponto médio EV; (3) o ponto em que o Sujeito, tendo sido compelido para fora do continuum, nêle reentraria.

A ser verdade que a dinâmica habitual parte de cada um dos pólos do continuum para o pólo opos

to, então as correntes de agradabilidade devem cruzar-se numa zona média, que Fechner dizia de "indiferença estética". Neste ponto médio o opk não deve haver qualquer diferença significativa entre as medidas de agrado e de desagrado. Isto se contém na primeira hipótese estatística.

Havendo dois níveis de funcionamento comportamental, intra e extra opk, os pontos médios respectivos devem apresentar diferenças significantes: é a segunda hipótese.

E, como numa situação extra opk, o Sujeito poderá reentrar no continuum? Por suposto, o Sujeito terá que fazê-lo em duas etapas, a primeira das quais é regressar à zona de "indiferença estética", para ensaiar de novo a percepção, interpretação e distribuição da excitação dos estímulos. Isto se prevê mais detalhadamente, na terceira hipótese.

Hipóteses Estatísticas

1. Se, num grupo experimental, os Sujeitos partirem de uma situação positiva de Agrado para Desagrado passando por uma intensidade média de desagrado; e, em seguida partirem de uma situação negativa de Desagrado para Agrado passando por uma intensidade média de agrado;—a probabilidade de os Sujeitos atribuírem idênticas medidas ao agrado e ao desagrado médios é a mesma em ambos os casos—isto é: $dgm_{pos} = agm_{neg}$

2. O grau de agrado ou desagrado médio obtido pelo processo a que se refere a hipótese anterior é significativamente mais alto do que o grau de agrado médio obtido numa situação de ego-envolvimento—ou seja especificamente:

$$agm_{opk} > agm_{EV}$$

3. Uma situação de ego-envolvimento ou extra opk, o grau de Agrado máximo atribuído pelos Sujeitos não difere significativamente do meio termo do Ag-Dg do continuum—quer dizer: $AG1_{EV} = \frac{AG1 + DG2}{2} opk$
 ou: $AG1_{EV} = agm_{neg}$ ou dgm_{pos}

Método

Sujeitos

Os 30 Sujeitos deste experimento são a lunas do primeiro ano do Curso Normal do Colégio Na.Sa. das Graças, dirigido pelas Irmãs Religiosas Filhas do Coração Imaculado de Maria, em Fortaleza, Ceará.

Procedimento

Os Sujeitos (3s) foram voluntários, repartidos por três grupos homogeneizados nas variáveis: sexo, instrução, idade (média de 18 anos; 94% entre 16-21), e memória auditiva (média de 10 palavras recordadas) do teste da Bateria Cepa. A consideração da variável memória, aqui, só tem sentido pela suspeita de que os processos mnemônicos e a agradabilidade possam estar entrelaçados; além disso, os Ss precisavam durante o experimento reconhecer o material classificado. Para o caso, julgou-se indiferente a equalização tomando em conta a memória auditiva ou a visual.

Os 30 Ss equiparados forneceram um N=10 blocos aleatoriamente designados para os três tratamentos: positivo (pos), negativo (neg), ego-envolvente (EV). Todo o experimento foi conduzido individualmente, durante o expediente matinal das aulas, numa sala reservada, através dos seguintes passos:

Passo-1: quando o S se apresentava, o experimentador (E) se lhe dirigia, indagando se já tinha prática de submeter-se a testes, e se desejava realmente colaborar nêste

estudo. Após esta breve introdução, o E treinava o S em medir o seu gosto na escala de 9 pontos, dizendo: "diga alguma coisa de que você gosta. Você gosta, por exemplo, de dançar?" Conforme a resposta, o E pedia ao S que mostrasse na escala que lhe era apresentada verticalmente tipo-termômetro (Figura 3), quanto êle gostava de dançar, correndo uma ficha de cartão ao longo da escala, e parando num ponto sô que indicasse a altura exata do seu gosto. Outras duas perguntas eram feitas, com o fim de o S experimentar medições nas três regiões da escala: muito, pouco, mais-ou-menos. O S era informado que essa escala ia ser muito usada durante o teste e que, por isso, havia treinado as medições.

Em seguida, manipulava-se a variável que determina os vários tratamentos. Em primeiro lugar foram colhidos todos os dados do tratamento positivo, depois os do tratamento negativo e, finalmente, todos os do tratamento ego-envolvente.

Passo-2: no tratamento positivo (T_{pos}), dizia-se ao Sujeito:

o teste que você vai fazer é um teste de gosto estético, como quando a gente mostra um quadro a uma pessoa e lhe pergunta se gosta ou não. O teste não visa a saber nada sobre você mesma, nem sobre a sua classe, ou o seu colégio. O que interessa saber aqui é como as pessoas se agradam, ou se desagradam das coisas. Além disso, você vai trabalhar com a parte mais agradável do teste. Não precisa você ser inteligente para saber fazer o teste. Basta que você diga e faça como sentir. Certo? Você vai trabalhar com este material (apontando um baralho de pequenos cartões 3x5 cms. emborcado sobre a mesa). Nêstes cartões você vai encontrar o que está vendo nêste exemplo: você vê um número seguido de uma sílaba. Não se importe com o número que é sô para meu contrôle. O teste consiste em você completar as sílabas, formando uma palavra qualquer—a primeira palavra que lhe vier à mente, exceto nomes próprios—com cada uma das sílabas (Figura 4). Vamos fazer os arranjos para o teste (embaralhando as sílabas): escolha dêste conjunto, cinco sílabas ou cartões de que você gostar mais. Leve todo o tempo que precisar na escolha.

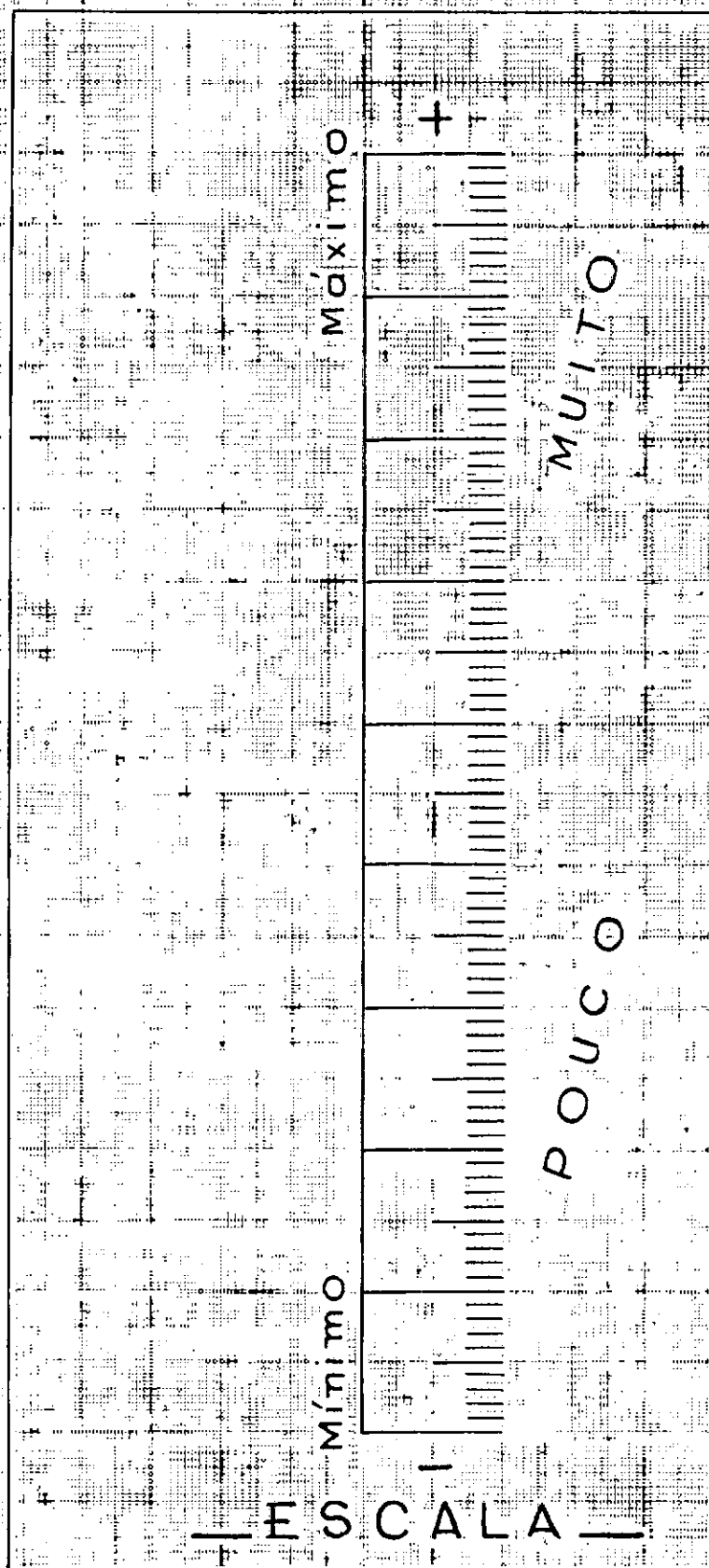


Fig. 3 - Escala de 9 pontos usada para medir Ag-Dg no Experimento I e II. Note-se que a posição dos termos POUCO — MUITO delinea apenas vagamente a região neutra. A ausência de algarismos controla a memorização.

05 - cox _____
07 - mam _____
09 - mer _____
11 - umb _____
13 - goz _____
15 - fre _____
18 - vag _____
21 - pec _____
23 - buc _____
26 - lab _____
28 - nad _____
30 - bun _____
33 - por _____
35 - bei _____
39 - cag _____
40 - pen _____
42 - cli _____
44 - put _____
46 - mij _____
48 - sac _____
50 - cac _____
53 - pei _____
56 - him _____
59 - pau _____
60 - vea _____

exemplo

01- val _____

Fig. 4 - Lista das sílabas apresentadas aos Sujeitos, separadas em cartões de 3 x 5 cms., no Experimento I. O arranjo das sílabas é aleatório. A numeração afasta-se da série natural dos números para impedir quaisquer associações dos números com as sílabas.

Depois de o S haver escolhido os cinco cartões preferidos, o E colocava êste sub-conjunto a um canto da mesa, perto de uma ficha com as letras AG1, para evitar enganos com os demais sub-conjuntos que iria solicitar. O E prosseguia: "os 20 cartões que restaram separe-os em dois grupos iguais: 'gosta-não/gosta'". Tendo o S operado a divisão, continuava o E: "dêste grupo que você gosta, escolha cinco sílabas que prefere, e coloque-as aqui junto desta ficha (agm). E dêste grupo que você não gosta tire as cinco melhorzinhas e ponha-as aqui (dgm). As cinco mais desagradáveis ficam aqui (DG2). Estas que sobraram não entram no teste".

Em resumo: a classificação do material fornecia quatro sub-conjuntos de cinco cartões cada um, assim distribuídos: AG1 ou Agrado Primário, sub-conjunto de sílabas mais agradável dentre o conjunto de 25; agm ou agrado médio, sub-conjunto meio- agradável e que vai ocupar a posição média no arranjo final do teste; dgs ou dgm, desagrado simples, suportável ou médio: sub-conjunto meio-desagradável escolhido dentre as cinco preferidas do grupo "não/gosta" de 10 sílabas. No arranjo final do teste, se êste sub-conjunto ocupar a posição inicial diz-se dgs, sendo dgm na posição média; DG2 ou Desagrado Secundário são as sílabas mais rejeitadas de todo o conjunto, ou as cinco mais desagradáveis do grupo "não/gosta" de 10 sílabas. Simplificando: os sub-conjuntos em maiúsculas são Agrado-Desagrado, e os em minúsculas são meio-Ag e meio-Dg.

Passo-3: concluída a classificação o E repetia aos Ss da condição positiva: "Você vai trabalhar com a parte mais agradável do teste". Pegando no grupo AG1 e estendendo-o verticalmente na direção do S, o E dizia: "você vai fazer seu teste com êste grupo de sílabas. Mas antes, eu queria saber: você gosta de fazer o teste com êste grupo (indicando)? Gosta muito, gosta pouco, ou gosta mais ou menos? Indique sua resposta na escala".

Depois de haver anotado o grau de agradabilidade do S, na fôlha adequada (Figura 5), o E prosseguia:

um teste só com cinco sílabas seria muito pequenino e não daria para interpretar nada. Vamos acrescentar estas sílabas... (e ia acrescentando à coluna primitiva, as sílabas do conjunto dgm). Passe uma vista de alto a baixo. Você vai fazer então seu teste com estas dez sílabas. Antes, porém, eu quero saber se você gosta ou não de fazer o teste com tôdas estas sílabas. Gosta muito, gosta pouco, ou gosta mais ou menos? Indique sua resposta na escala.

Tendo anotado a medida continuava o E: mas o teste realmente compõe-se de 15 sílabas ao todo. Vamos acrescentar estas (dispondo o grupo DG2 no sopê da coluna de dez): passe outra vez uma vista de alto a baixo para conhecer o material.

Enquanto o S passa a vista na coluna de sílabas:

esta é a última forma do seu teste. Você vai fazer o teste com todo êsse conjunto. Gosta de fazer o seu teste com tôdas estas sílabas: gosta muito, gosta pouco, ou gosta mais ou menos? Indique na escala a sua resposta.

A esta altura o E informava o S de que o trabalho e a sua colaboração estavam concluídos. Ouvia o S durante um instante e solicitava-lhe o compromisso de nada comunicar às suas colegas, até o E ir dar pormenores do teste à sua classe.

O procedimento com os Ss do tratamento negativo (T_{neg}) variava nisto: no passo - 2, ao invés de "além disso você vai trabalhar com a parte mais agradável do teste", informava-se: "mas você terá de trabalhar com uma parte bastante desagradável do teste"... O resto prosseguia como no tratamento positivo.

No passo - 3, o E pegando no grupo dgs, e estendendo-o verticalmente na direção do S, informava: "você vai trabalhar com uma parte bastante desagradável do teste. Mas

B1 _____ T (pos) _____

B1 _____ T (neg) _____

Nº _____ Série _____

Nº _____ Série _____

AG1 _____

dgs _____

dgm _____

agm _____

DG2 _____

AG1 _____

Obs.:

Obs.:

Fig. 5 - Fôlha de coleta dos dados, no Experimento I. No tratamento ego-envolvente os arranjos silábicos eram: DG2___ agm___ AG1___. Para evitar enganos, as fôlhas de coleta estavam escritas em cores diferentes para cada tratamento.

antes, eu queria saber: você gosta de fazer o teste com este grupo de sílabas? Gosta muito, gosta pouco, ou gosta mais ou menos? Indique sua resposta na escala". O resto do procedimento era idêntico ao tratamento positivo, exceto quanto aos sub-conjuntos adicionais, que eram: agm e AG1 (cf. Figura 5).

Para o tratamento ego-envolvente (T_{EV}) as alterações do procedimento eram:

no passo - 2, dizia-se ao Sujeito: o teste que você vai fazer

é um teste bastante especial. Não sei se você vai sentir muita relutância para fazê-lo. Se sentir, você diz. Trata-se de um teste de personalidade, isto é, um teste para descobrir conflitos, sentimentos, emoções e desejos afetivo-sexuais profundos, de que a própria pessoa muitas vezes mal se dá conta.

Como teste de personalidade, também pode revelar timidez ou agressividade, mas sempre referente ao campo sexual. Eu tenho de esclarecer isto, porque você mesma é que é a pessoa visada pelo teste. Não é para saber nada sobre seu grupo, sua classe ou seu colégio, mas sobre você. Como vê, não é um teste de inteligência, nem precisa ser muito inteligente para fazê-lo. Basta que você diga e faça como sente. Certo? (O resto do passo é idêntico ao tratamento positivo).

No passo - 3, concluída a classificação, e pegando no grupo de sílabas DG2 (funcionando, neste caso, como DG1), o E dizia:

infelizmente, você vai trabalhar com a parte mais desagradável do teste. Você vai fazer o seu teste com este grupo, mas antes, eu queria saber: você gosta de fazer o teste com este conjunto de sílabas (indicando)? Gosta muito, gosta pouco, ou gosta mais ou menos? Indique sua resposta na escala.

O restante proceder era igual ao tratamento negativo, mesmo quanto aos dois últimos conjuntos adicionais. Neste tratamento ego-envolvente foi necessário justificar o procedimento para quatro Ss, imediatamente após a coleta dos dados, em razão da ansiedade manifestada, ao mesmo tempo que se prometia dar pormenores posteriormente e se solicitava o compromisso de não comunicar o procedimento às demais colegas.

Tendo recolhido todos os dados, o E fez duas palestras em dias consecutivos, a título de responder às questões levantadas pelos Ss, verificar se houve quebra do compromisso e retribuir o benefício da colaboração que os Ss prestaram no experimento.

Em suma: os dados informam sobre o grau de agradabilidade de três grupos equiparados de Sujeitos, partindo o primeiro grupo de agrado máximo AG1 (pólo positivo), para DG2, através de um desagrado médio dgm; partindo o segundo grupo de um desagrado suportável ou meio-desagrado dgs (pólo negativo), para AG1 pela interpolação de um agrado médio agm; e o terceiro grupo ego-envolvido, partindo de um desagrado maior DG2 mediante um agrado médio agm, para maior agrado AG1. Os dois primeiros grupos fornecem os dados da dinâmica intra optimum continuum; o terceiro informa sobre a dinâmica extra opk ou ego-envolvente.

Resultados

A Tabela 1 mostra os dados como eles foram obtidos nos três tratamentos: positivo, negativo, ego-envolvente.

A análise da variância das nove médias obtidas nos três tratamentos fornece um $F=21,96$ levando à conclusão de que os tratamentos produziram um efeito significativo a um nível mais alto que 0,001. Um sumário dessa análise pode ser visto na Tabela 2.

As comparações múltiplas entre as seis médias do opk e mais as três outras da condição ego-envolvente foram feitas pelo "Duncan's New Multiple Range Test", condensado na Tabela 3.

Interessam diretamente às hipóteses sobre que foi conduzido este experimento as comparações

Tabela 1

Grau de Agradabilidade medido em escala de 9 pontos
para 10 Observações, em três Tratamentos e três Arranjos
por Tratamento, no Experimento I

Ss	T _{pos}			T _{neg}			T _{EV}		
	AG1	dgm	DG2	dgs	agm	AG1	DG2	agm	AG1
1	7,5	4,5	2,0	4,5	7,5	8,5	2,5	5,0	6,5
2	4,5	4,0	1,5	4,4	8,0	9,0	1,5	2,5	6,6
3	7,8	4,7	3,8	4,0	6,0	8,0	4,6	2,5	4,0
4	7,0	5,0	4,0	2,6	7,5	7,5	0,5	5,6	7,2
5	9,0	4,5	1,5	6,5	7,6	7,6	2,5	5,0	8,0
6	8,8	8,5	7,0	2,5	6,5	7,5	1,5	2,5	5,0
7	6,5	4,5	2,5	2,5	5,7	5,7	0,5	2,5	5,0
8	6,6	5,7	3,2	4,5	4,5	6,6	0,1	2,5	4,5
9	6,5	4,5	2,5	2,5	4,5	7,5	2,5	4,8	6,0
10	9,0	7,5	5,2	3,7	3,7	8,6	2,7	3,9	6,5
T	73,2	53,4	33,2	37,7	61,5	76,5	18,9	36,8	59,3
M _a	H	E	B	D	G	I	A	C	F

^aAqui, a numeração literal das médias vem para economizar espaço na Tabela 3 e tornar mais fácil a leitura das aquelas múltiplas comparações.

Tabela 2
 Sumário da Análise da Variância: RBD para nove Médias
 dos Tratamentos e 10 Observações por Tratamento
 no Experimento I

Fonte	Sq	gl	Mq	F
Tratamentos	304,577	8	38,072	21,96***
Blocos (Ss)	31,74	9	3,526	
Resíduo	124,813	72	1,734	
Total	461,130	89		

 $p < 0,001$

(Tabelas 1 e 3) entre as médias de desagrado médio positivo e agrado médio negativo, ou E-G. Esta diferença é não-significante ao nível de 0,05, o que conduz à aceitação da hipótese nula, e confirma, portanto, a predição da primeira hipótese experimental.

A comparação entre as médias de agrado médio do opk e do agrado médio ego-envolvente pode ser estabelecida com as diferenças E-C e/ou G-C, ambas significantes ao nível assumido. Isso confirma a segunda hipótese.

A terceira hipótese de que, na situação ego-envolvente, o maior grau de agrado exibido pelos Sujeitos não difere do meio termo do Ag-Dg do optimum continuum é aceite, uma vez que nenhuma diferença estatística se encontra, ao nível de significância proposto, entre as médias $F - \frac{(H+I) + (B+D)}{4}$, ou F-E, ou ainda F-G.

Além disso no rodapé da Tabela 3 podem ler-se todas as demais comparações, cuja significância ou não-significância permite dar como estabelecido o continuum optimum a que se vem aludindo, bem como a condição extra opk.

Discussão

O experimento foi realizado com três tratamentos: positivo, negativo, ego-envolvente. O tratamento positivo devia verificar os graus de agradabilidade que os Sujeitos atribuiriam quando, partindo de um agrado máximo (AG1), se lhes deparassem duas intensidades de desagrado: u'a média (dgm) e outra maior (DG2).

O tratamento negativo devia verificar se o movimento de agradabilidade medido pelos graus atribuídos se daria exatamente ao inverso, caso os Sujeitos par

tissem de um desagrado suportável ou médio (dgs ou dgm) e fôsem deparando com duas quantidades de agrado: u'a média (agm) e a outra maior (AG1).

Os dois tratamentos anteriores destinavam-se a comprovar a existência do optimum continuum, o que poderia admitir-se tão sômente se os Sujeitos reagissem ao desagrado, de igual forma que ao agrado, na posição média do continuum, demarcando assim uma zona neutra ou de indiferença estética, no continuum Ag-Dg. Isto se deu, não tendo havido significância na primeira hipótese e, porisso, podendo ser aceita a hipótese nula, isto é: $dgm_{pos} = agm_{neg}$. Fica, pois, estabelecido com base nos dados, que não se pode rejeitar a existência do ponto médio do opk, em que o agrado e o desagrado se confundem, ou seja, funcionam de igual maneira.

A primeira hipótese não se referia aos pontos extremos do opk, por serem obviamente ortogonais, no caso de os pontos médios coincidirem. Pode ler-se na Tabela 3 que a diferença I-H é não-significante, querendo dizer que o valor dos pólos do opk é idêntico, se bem que de sinal contrário.

A comparação que, nessa mesma Tabela 3, merece mais atenção é D-B, a qual é não-significante, permitindo a aceitação de não-diferença entre um desagrado maior (DG2) a que chegam os Sujeitos partindo do pólo positivo, e um desagrado menor ou suportável (dgs) que inicia o processo de negativo para positivo. Quer dizer: se agm e dgm se confundem no ponto médio do opk, assim também, o dgm ou dgs (desagrado suportável) funde-se com DG2, estabelecendo a dinâmica ascendente para o pólo positivo.

O optimum continuum (opk) dá-se, portanto, entre AG1 e DG2, ou seja, entre Agrado Primário e Desagrado Secundário.

O terceiro tratamento, ego-envolvente, pretendia verificar como reagem os Sujeitos, quando premi

dos para fora do opk. A segunda hipótese estabelecia que os valores médios não coincidiriam, ou melhor, que o agrado ou desagrado médio do continuum é significantemente maior do que o agrado (ou por inferência também o desagrado) ego-envolvente, naquela posição. A confirmação dessa hipótese deixa entrever como verdadeiro o que diz a sabedoria popular "há agrado e agrado"! podendo acrescentar-se que há desagrado e desagrado, uma vez que a ego-envolvência está significativamente mais baixa do que a agradabilidade do continuum.

Foi dito que o esforço da psicoterapia consiste em repôr o Sujeito no seu optimum continuum. Lôgicamente, o Sujeito que permanece extra opk é porque percebe e distribui mal as excitações advindas dos estímulos. Para o Sujeito reentrar no continuum tem primeiro que passar para a zona de "indiferença estética".

A terceira hipótese experimental permite fazer esta interpretação seguramente, uma vez que não se pode rejeitar a hipótese nula entre o máximo agrado (AG1) conseguido na condição ego-envolvente, e o agrado médio do optimum continuum.

Digno de se notar é a comparação das médias B-A, conforme a Tabela 3. Nessa diferença está fundamentado o que se denomina nesta tese de Desagrado Primário (DG1), porquanto, êste se revela significativamente abaixo do Desagrado maior Secundário (DG2). Permanece evidente que os Sujeitos não alcançaram os níveis do opk, nesta terceira condição. A direção e o movimento, porém, são idênticos aos que se processam nos tratamentos do opk, se bem que a um nível mais baixo (e sendo o efeito do tratamento positivo, em sentido contrário, como é claro).

A análise direcional ("trend analysis") da Tabela 4, das três médias obtidas no tratamento negativo, onde as diferenças são maiores, mostra a existência de uma tendência linear altamente significante entre as médias.

Tabela 4

Sumário da Análise Direcional ("Trend Analysis") para
três Médias do Tratamento Negativo, com N = 10 Observações
para cada Média, no Experimento I

Fonte	Sq	gl	Mq	F
Regressão linear	75,27	1	75,270	43,76***
Afastamentos	1,29	2	0,645	
Blocos ou Resíduo	44,69	26	1,719	
Total	121,25	29		

Nota:- o afastamento da linearidade (0,645÷1,719) é
óbviamente não-significante.

p < 0,001

A Figura 6 ilustra a tendência de todos os três tratamentos, não carecendo por demasiado óbvia, de maior análise estatística.

Um único resultado se afasta nitidamente desta tendência: o do terceiro Sujeito do tratamento ego-envolvente. Não foi possível achar explicação para tal resultado, nem com a ajuda do próprio Sujeito, o qual se prontificou a colaborar com o E durante duas horas de entrevista. O Sujeito apenas revelou que estava confuso. Entendia o que se lhe perguntava durante o experimento, e era como se nada entendesse. Este resultado que vem na Figura 7 não é representado aqui, por ser típico, senão que por ser exótico e permitir indagações acerca da verdadeira natureza do ego-envolvimento.

A primeira indagação é se os Sujeitos, efetivamente ego-envolvidos, demonstrariam uma tendência linear positiva tal como os Sujeitos do tratamento negativo, sendo apenas de nível mais baixo? No tratamento EV parece ter havido apenas uma compressão que fez baixar o nível, não porém; um envolvimento real do ego, capaz de mobilizar defesas. Mas no Sujeito singular da Figura 7 aparece a perturbação emotiva, a carência de discriminação perceptual, a falta de uma estrutura por onde vá o processo. O resultado são idas e vindas sem sentido, que o próprio Sujeito não reconhece, em momentos posteriores. Ao apresentar-se DG2, o Sujeito lhe atribuiu 4,6-gradabilidade esta muito próxima do agrado médio do opk. Ou o Sujeito negou que sentia desagrado, ou reprimiu-o. A interpretação de que o Sujeito possa ter sentido o desagrado e, pela preocupação intelectual do efeito que sua resposta pudesse ter, não o tenha traduzido conscientemente em cotação mais baixa da escala, não colhe. Tal consciência não parece ter funcionado em agm, nem AG1 cuja dinâmica é típica. O mais verossímil é que o Sujeito realmente ego-envolvido tenha negado ou reprimido, em parte, o desagrado de DG2 (o que o fez inverter o proces

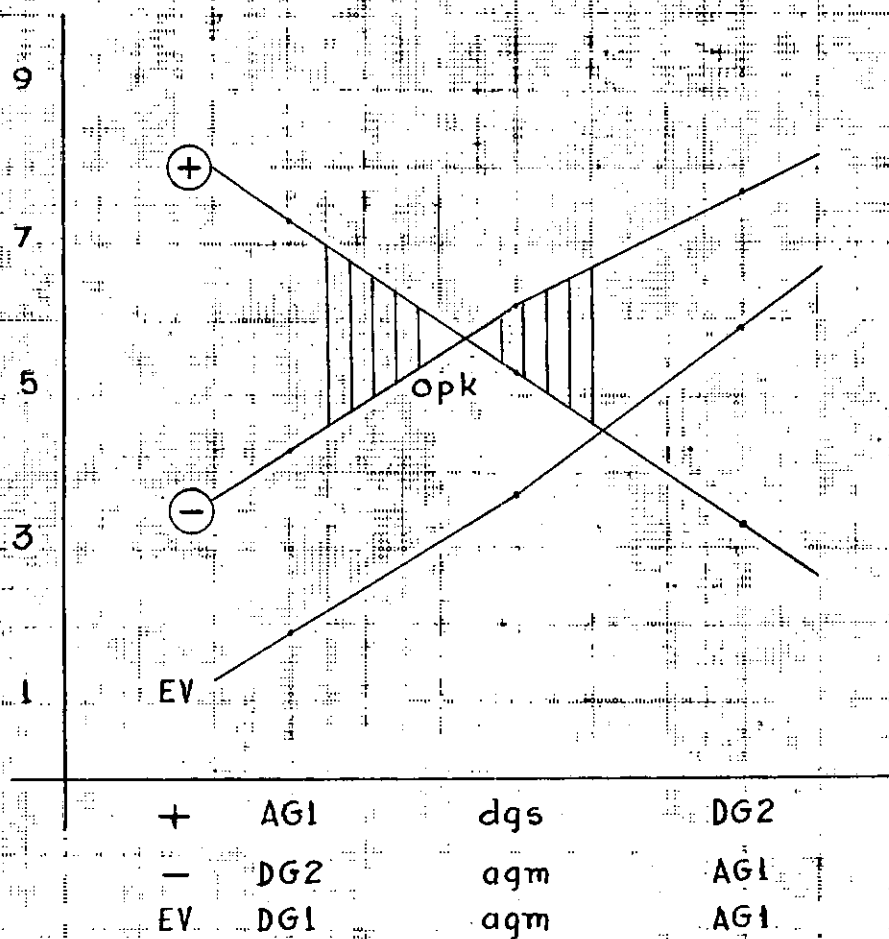
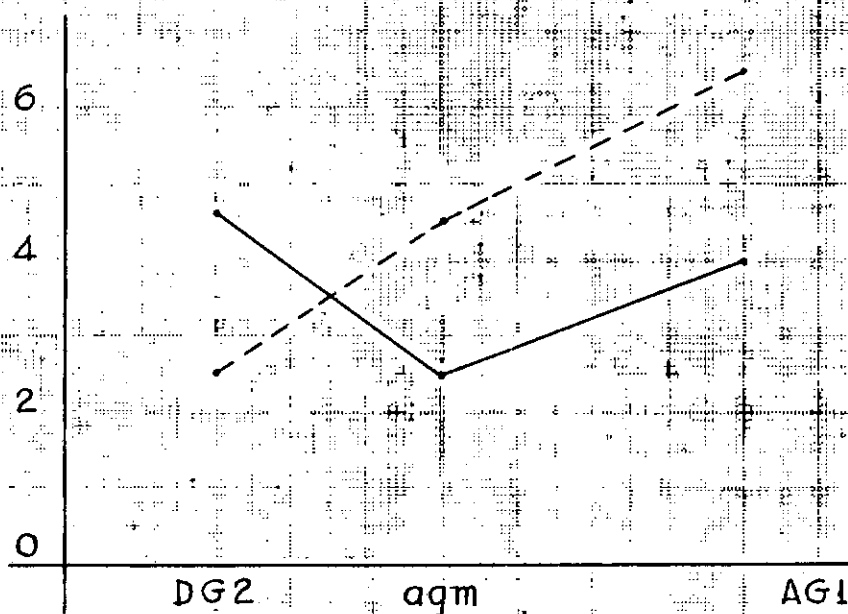


Fig. 5 - Tendência linear negativa ou positiva consoante o Sujeito inicie em AG1, DG2, ou DG1, no Experimento I.



distância típica 1,8

2,3

Fig. 7 - Reação de um Sujeito ego-envolvido (linha cheia) que, partindo de um desagrado máximo, passa por duas quantidades sucessivas de agrado, no Experimento I, em confronto com a direção típica (linha pontilhada) obtida quando, após o experimento, se pediu ao Sujeito que avaliasse seu agrado dos sub-conjuntos silábicos separadamente.

so, atribuindo-lhe um valor de agrado mais elevado) que teria de baixar em seguida para agm, que pouco oferecia para ser reprimido, e subir positivamente para AG1 onde, a fortiori, não cabia repressão. Note-se que quantitativamente o Sujeito fez distâncias típicas. O ego-envolvimento só alterou, por inversão, a direcionalidade (trend), no ponto onde a repressão fazia algum sentido como defesa do ego.

Fácilmente se entende e aceita que, extra opk, não exista uma tendência ou direcionalidade única, atuando apenas por inversão da dinâmica, em algum ponto do processo. Mais lógico é que os esforços impotentes (em parte) do Sujeito para re-instalar a dinâmica do continuum conduzam o processo psíquico por uma, ou variadas direções, relativamente estáveis, que o clínico vai encontrar e classificar em síndrome patológico. Se um processo não apresentar qualquer direcionalidade diagnoscável, ou por outra, se não se perceber a dinâmica do processo é bem mais grave o estado do Sujeito. Entenda-se: quando a tendência formada ou estabilizada é "não-ter-qualquer-direção", o processo flutua com os estímulos, o que é desorientador. Por outras palavras ainda se diria que é melhor para o Sujeito que estabeleça um ajustamento patológico, do que não se ajustar a nada.

Finalmente é de notar que são relevantes para o estabelecimento do optimum continuum: a posição, o tempo e a quantidade do desagrado. Não é indiferente que a história do indivíduo inicie com agrado AG1, ou agm; ou com desagrado dgs ou DG2, ou DG1. O mesmo é dizer: que inicie com um desagrado suportável, ou com um desagrado máximo. O processo terá maior probabilidade de reversibilidade iniciando com dgs, do que se iniciar com DG1—tal como aparece nos dados deste experimento. A maior probabilidade de reversibilidade existe quando o indivíduo que atingiu um estado de ego-envolvência, teve máximo agrado (AG1) no início da sua história.

Sumário

Pretendendo verificar a existência ou não de um continuum optimum (opk) de agradabilidade e bem assim a dinâmica que dentro e fora desse continuum se processa, conduziu-se este experimento, com 30 Sujeitos femininos, adultos do primeiro ano do Curso Normal de um Colégio de Fortaleza. Os Sujeitos trabalhavam com um conjunto de 25 sílabas iniciais de palavras a completar, apresentadas em cartões que classificavam em sub-conjuntos de cinco: AG1, agm, DG2, dgs. As cinco restantes eram postas de parte. Os Sujeitos foram homogeneizados em 10 blocos e aleatoriamente designados para os três tratamentos: positivo, negativo, ego-envolvente. Os resultados confirmam as hipóteses de que tanto o agrado médio como o desagrado médio impulsionam igualmente o processo dinamostático; ao passo que o nível ego-envolvente difere significativamente do nível do opk.

4.2 - Relação das Modalidades Tensionais do Optimum Continuum e Ego-envolvimento com a Agradabilidade e a Memória Seletiva

A questão é separar agradabilidade e tensão; em seguida, comprovar se o estado da energia tensional ao nível do continuum e fora d'ele exerce seleção das lembranças.

Olhando atentamente a Figura 2 observaremos que os limites do opk apresentam espessamentos aqui e além. Tais espessamentos figuram a formação de defesas que, longe de serem coesas, ligadas e contínuas, são defesas específicas dirigidas a determinadas excitações de estímulo quer dizer: as defesas podem coexistir com boa parte de funcionamento opk. É certo que, nos casos graves, as defesas se multiplicam até formar barreiras compactas, ou seccionamentos nas estruturas mentais. No entanto é imprudente, além de inexato, atribuir aos mecanismos de defesa uma dinâmica que é própria do continuum.

Agradabilidade e tensão constituem um estado indiferenciado, ao início, enquanto a vida não depende precìpuamente da percepção, nem da consciência de relações e objetos adequados. O princípio da progressiva diferenciação e integração das emoções foi representado por Bridges (1932) em um esquema que se presta bem a ser combinado com a formação do optimum continuum (Figura 8). Repare-se que o desenvolvimento parte de um núcleo de excitação e repouso. Se bem que o recém-nato, comentam Smart & Smart (1967, p. 151), pareça expressar originariamente apenas distress ou ausência de tonalidade afetiva, em algumas semanas começa a demonstrar emoções tanto negativas como positivas, distress e delight, como lhes chamou Bridges.

A ser verdadeira a interpretação dos supracitados autores, a primeira diferenciação integrada

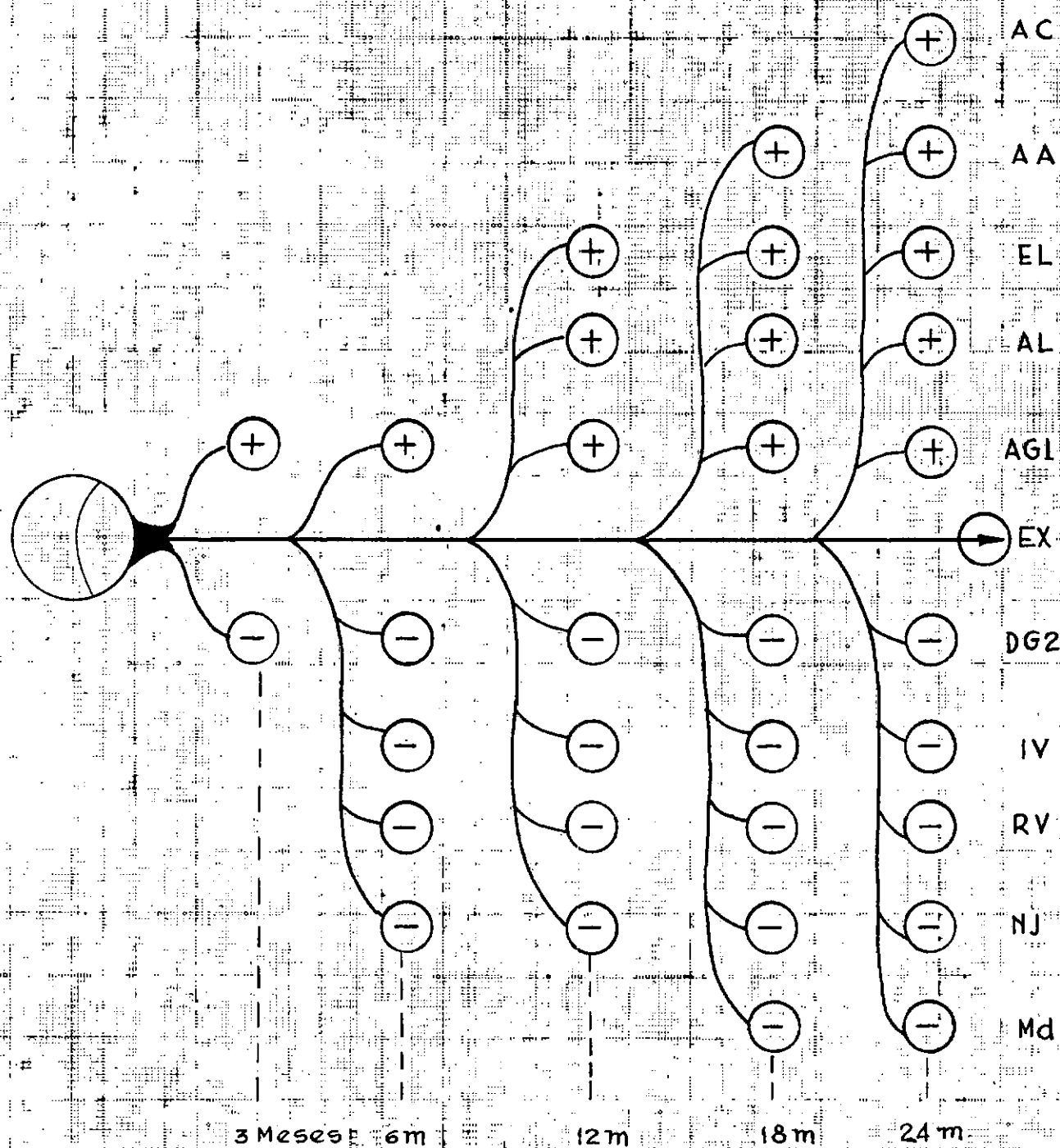


Fig. 31 - Esquema de Bridges combinado ao conceito de optimum continuum, representando no recém-nascido a diferenciação da emoção, a partir do estado inicial de excitação e repouso até a formação completa de 11 tipos distintos, aos dois anos de idade.

Emoções positivas (à esquerda da Excitação): AG1, Alegria, Elação ou entusiasmo, Afeição por adultos, Afeto por crianças. Emoções negativas (à direita da Excitação): DG2, Inveja, Raiva, Nojo ou náusea, Medo.

numa polaridade é o equivalente ao que denominamos DG2 e AG1, distress e delight,parecendo nada mais existir durante os seis primeiros meses. Repare-se para o fato de que o prazer-dor-sensação, as primeiras situações do bebê são cuidadas carinhosamente pela mãe, especialmente nêstes seis meses de relação amorosa. Houve tempo para intensificar AG1 e dar um sentido relacional a DG2.

Aos seis meses, o pólo positivo continua o mesmo, enquanto que o pólo negativo se diferenciou quãdruplamente. Sômente aos dois anos de idade é que ambos os pólos estão igualmente diferenciados de um lado e outro da excitação, ou da tensão básica que lhes serviu de matrix.

O resultado seria muito diferente se, em vez de iniciar com DG2, o Sujeito iniciasse com DG1. Que diferenciações se processariam e que integração? O Sujeito teria, certamente, uma redução das possibilidades de formar o seu opk. O Sujeito permaneceria na excitação bá sica exacerbada e sem direção provável. Os sinais que lhe restariam como guias da adequação seriam exclusivamente as sensações de prazer-dor. Impossível aqui separar agradabilidade e tensão: impossível, porque simplesmente não houve discriminação.

Em suma: o continuum dá-se entre AG1 e DG2. Não existe continuum possível entre AG1 e DG1. E diz muito bem aqui a citação de Hartmann, Kris, e Loewenstein (1964, Issues 14, p. 38) sôbre a formação da estrutura psíquica: "Parece razoável assumir que o aparelho infantil de contrôle e ajustamento tem sua maior probabilidade de desenvolvimento, numa distância consideravelmente mais próxima da indulgência máxima, do que da máxima privação". Para se entender a justeza desta citação basta incluir após a expressão indulgência máxima (AG1), e após máxima privação (DG1). Os autores não devem ter querido significar que o desagrado suportável ou simples (DG2) é dispensável na dinâmica do desenvolvimento!

Atente-se uma vez mais para a Figura 2. A compressão exercida nos limites do opk dá origem a um impulso para impedir que o Sujeito saia do continuum, ou para fazê-lo reentrar nêle; isto é, um impulso para reduzir estímulo (-s), ou um impulso para buscar mais estímulo (+s). Chamemos-lhes respectivamente impulso redutor e impulso adutor.

Se êstes impulsos não conseguem repôr o indivíduo dentro do optimum continuum a percepção dêstes dois eventos é extremamente angustiante. Aquêles impulsos são reprimidos. Faltarã consequentemente a base para qualquer outro impulso. O sistema está em desorganização, em ego-envolvimento, entropia máxima do sistema que emite demasiada energia calórica, face a todo e qualquer estímulo que apareça. As defesas servirão para construir uma dinâmica diferente do opk: rígida, estereotipada, compulsiva ou flutuante, desproporcionada sempre às magnitudes da excitação habitual do estímulo.

Anderson & Anderson (1954, 1957, 1964) a apresentam uma imagem da entropia psicológica, em níveis suavemente hierarquizados desde a plena integração social, até a deterioração psicótica. Andamos longe dessa imagem, nesta tese. Com os autôres, entretanto, é de reconhecer (p. 1328) que a probabilidade de predizer matematicamente o comportamento extra opk (entropia) é muito maior do que intra opk. Deve-se observar, todavia, que se a humanidade atingir um momento evolutivo em que a maioria estatística seja de elevada organização mental, teremos àquela altura, outros princípios matemáticos e, o que melhor parece, outra lógica para nos guiar na predição dos comportamentos integrados.

Voltemos à Figura 1. Se o indivíduo perde o equilíbrio dinamostático do opk, no momento p_6 , e se posta detrás da barreira em DG2, só lhe restará o impulso homeostático regressivo, via de regra com extrema angústia para o Sujeito. A regressão tenderá a estrangu

lar cada vez mais a amplitude do seu comportamento. E se, como em p_4 , lhe for tolhida t $\hat{o}$ da a possibilidade de autonomia, isso equivale $\hat{a}$ morte ps $\hat{i}$ quica. Agrado e tens $\hat{o}$ o devem, n $\hat{e}$ ste caso, ter diminuido consideravelmente.

Quando o impulso reprimido $\acute{e}$ o redutor, o indiv $\acute{d}$ uo ser $\acute{a}$ levado a buscar cada vez mais excita $\hat{o}$ es, em vez de suprim $\acute{i}$ -las. Decorrem da $\acute{i}$ os comportamentos ma $\acute{n}$ iacos, paranoides. N $\hat{e}$ ste caso, o Sujeito tem prazer nas excita $\hat{o}$ es que procura incansavelmente. Tudo quanto seja pr $\acute{o}$ prio para reduzir os est $\acute{i}$ mulos $\acute{e}$ sentido como despra $\acute{z}$ er. E o pior $\acute{e}$ que o prazer-desprazer arrastam consigo a capacidade perceptiva, a ponto de que ao Sujeito se torna muito dif $\acute{i}$ cil separar a agradabilidade, das ten $\hat{s}$ oes que experimenta. O Sujeito confunde-se com a fonte de excita $\hat{o}$ o, ou com o Objeto. O indiv $\acute{d}$ uo busca est $\acute{i}$ mulos-prazer, numa esp $\acute{e}$ cie de procura repetitivo-compulsiva.

Quando o impulso reprimido $\acute{e}$ o adutor, o contr $\acute{a}$ rio se d $\hat{a}$: o indiv $\acute{d}$ uo $\acute{e}$ levado a reduzir os est $\acute{i}$ mulos, em vez de procur $\acute{a}$ -los. O resultado s $\hat{a}$ o as rea $\hat{o}$ es depressivas, catat $\hat{o}$ nicas, suicidas. O indiv $\acute{d}$ uo perde a t $\hat{e}$ o g $\hat{o}$ sto de ter g $\hat{o}$ sto. N $\hat{a}$ o seria de estranhar que um exame da musculatura flexora (no caso anterior) e disten $\hat{s}$ ora (n $\hat{e}$ ste $\acute{u}$ ltimo) acusasse modifica $\hat{o}$ es importantes, em muitos casos.

$\acute{E}$ prov $\acute{a}$ vel que o $\hat{e}$ xito da psicoterapia esteja relacionado ao fato da descoberta e compreens $\hat{o}$ o dos fat $\hat{o}$ res que desencadearam o dist $\acute{u}$ r $\hat{b}$ io, precisamente porque tal fato restaura, no Sujeito, a capacidade de voltar a perceber Ag-Dg, nos seus processos internos. Assim o ma $\acute{n}$ aco, apesar de sentir prazer na constante pro $\acute{c}$ ura de est $\acute{i}$ mulos, com $\acute{e}$ caria a perceber que isso $\acute{e}$ desa $\acute{g}$ rad $\acute{a}$ vel e inadequado para satisfaz $\hat{e}$ -lo totalmente. O perceber a agradabilidade requer a polariza $\hat{o}$ o opk, tal qual os limites hed $\hat{o}$ nicos, nas express $\hat{o}$ es de Helson (1964, p. 382) exigem maior discrep $\hat{a}$ ncia do n $\acute{i}$ vel adaptativo, do que geralmente os limiares sensoriais.

Um tipo de patologia que levou Freud (1920, 1924) a postular o instinto de morte foi o masoquismo. Ora, o masoquismo é o cúmulo da repressão e da paranoia. O masoquista tem reprimido o impulso redutor. Busca, portanto, a excitação dos estímulos, persistentemente, e os mais variados e esquisitos estímulos como encostar um fósforo aceso na pele, ou fazer tatuagens a fogo, numa alucinação sensorial. O masoquista erógeno, ao tempo da sua diferenciação e integração emocional iniciou certamente com DGI, de tal forma que não se operou a polarização do opk (consulte-se a Figura 8) ficando, por isso, o Sujeito funcionando na base da primitiva excitação. Qual quer estímulo afluente pode ser igual e simultaneamente percebido como Agrado e/ou Desagrado. Mas, como DGI foi a percepção original (e certamente habitual, durante muito tempo) do Sujeito, acaba por tornar-se indispensável na sua economia psíquica. Neste caso, todo incremento de tensão é acompanhado de um amálgama de dor-prazer. Recorde-se que a excitação básica é diferenciada, no curso do desenvolvimento ontogenético, em delight e distress. Se o não foi, deve conservar ao menos algo da qualidade dinâmica de poder ser percebida, ora como Ag ora como Dg. Assim, quando a excitação básica é percebida como desagradável, e estando reprimido o impulso redutor dos estímulos, o Sujeito tende a descarregar Dg por um excesso de +s—o que constitui a tensão-prazer sadomasoquista. Todavia, como os processos sensoriais têm um limite fisiológico de estimulação, descarregam automaticamente—descarga essa que não é ordinariamente experimentada (no masoquista) como prazer, por se tratar de uma redução ambígua, na direção de um estado de excitação apenas potencialmente percebível como agradável. Como se vê é o instinto de vida, e não o de morte, que faz o sadomasoquista buscar incessantemente suas turvas excitações, a seu modo, como pôde sintetizá-las.

Resumindo o que precede: dentro do opti
 mum continuum a percepção funciona autônomomente, e é possí
 sível separar a agradabilidade, da tensão dinâmi
 ca. Fora do opk, em virtude da falta de diferenciação psicogên
 tica, a percepção está perturbada e, porisso, não é fá
 cil ao experimentador estabelecer previsões generalizã
 veis para todo o quadro dos síndromes psicopatolôgi
 cos. Sobre a memória, é preciso verificar se o fato de manipular
 o desagradável interfere com a seleção das lembran
 ças. Autôres há que ligam a memória às cargas tensionais,
 como Freud (1895, 1901). Vimos como os trabalhos experimen
 tais sobre o esquecimento dos fatos desagradáveis e
 maior evocação dos agradáveis são inconclusivos. Pelo prô
 prio caráter desta tese é de supôr que intra opk nenhuma
 diferença seja encontrada na recordação de Ag ou Dg. Ex
 tra opk deve encontrar-se diferença significativa.

O Experimento II, que a seguir se descre
 ve, oferece alguma comprovação a estas hipóteses gerais.
 Houve um cuidado, no experimento, em não confundir memô
 ria seletiva com defesa perceptiva dos elementos Dg, ape
 sar de os experimentos de Postman, Bronson & Gropper
 (1953) comprovarem não existir nenhum mecanismo de defesa
 perceptual. Seja como for, para controlar possíveis
 defesas perceptuais, fez-se os Sujeitos do Experimento
 II classificar o material antes de serem submetidos aos
 tratamentos.

Experimento II

Sobre agrado e tensão dentro do optimum
 continuum são estas as hipóteses específicas:

- 1.a - com modalidade tensional positiva, nenhuma diferença
 significativa se verifica entre agrado e tensão,
 quer dizer: $ag_{pos} = t_{pos}$

- 1.b - com modalidade tensional negativa, o agrado é significamente menor do que a respectiva tensão, ou seja: $ag_{neg} < t_{neg}$

Fora do optimum continuum ou em ego-envolvência:

- 2.a - não existe qualquer diferença entre agrado e tensão, isto é: $ag_{EV} = t_{EV}$
 2.b - tanto o agrado como a tensão ego-envolvente são significamente mais baixos do que seus homônimos na modalidade tensional negativa, ou especificando: $ag_{EV} < ag_{neg}$ e $t_{EV} < t_{neg}$

Sobre a seleção das memórias:

3. - O fato de os Sujeitos manipularem desagrado não provoca, dentro do optimum continuum, seleção de memórias, isto é, o número de elementos agradáveis lembrados é igual ao número de elementos lembrados desagradáveis, ou: $nag_{opk} = ndg_{opk}$

Em ego-envolvência:

- 4.a - há seleção de memórias agradáveis em maior número do que as desagradáveis, ou: $nag_{EV} > ndg_{EV}$
 4.b - nesta modalidade tensional os Sujeitos recordarão um número global significamente menor de elementos do que os Sujeitos nas modalidades tensionais do optimum continuum, isto é: $mnT_{EV} < mnT_{opk}$

Método

Sujeitos Cincoenta e quatro moças, alunas do primeiro e segundo ano do Curso Normal do Colégio Coração Imaculado de Maria, na cidade de Russas, no Ceará, foram os Sujeitos deste Experimento.

Procedimento

O experimento foi do tipo já relatado no Experimento I. Os Sujeitos (Ss) foram repartidos em três grupos equiparados com base nas variáveis: sexo, instrução, idade, memória auditiva e atitude para com o fracasso. Os Ss submeteram-se inicialmente ao teste de memória auditiva da Bateria Cepa; e em seguida foram solicitados a dar uma das três respostas às questões:

A - "no aproveitamento escolar, em geral, eu me considere: superior, média, ou inferior?"

B - "se eu tirar uma nota baixa (um dois ou um três): de sanimo facilmente do estudo, sinto muito mas não desisto de estudar, ou tenho ódio de mim e do estudo?"

Finalmente, escreveram associações a uma lista de 21 pa lavras, as quais eram proferidas pelo experimentador (E) a espaços de dez segundos (após ensaio com os Ss). A lis ta dessas palavras pode ler-se na Figura 9.

Este prê-teste serviu para equiparar os grupos nas variáveis memória, como atrás ficou dito, e levar em consideração a atitude para com o fracasso. Na realidade, somente em dois blocos se tomou em conta a a titude revoltada contra o fracasso; os demais Ss deram a resposta moderada da questão B. Na base do prê-teste tam bém se estabeleceram os três tratamentos a que os Ss fo ram aleatoriamente submetidos: positivo, negativo, ego-en-volvente.

Antes, porém, da situação experimental, o S era treinado em medir seu gosto, na escala de 9 pon tos, tal qual ficou dito no passo-1 do primeiro experi mento. Seguidamente mostrava-se o material silábico com que o S ia trabalhar, pedindo-lhe que examinasse todo o conjunto de sílabas e escolhesse os cinco cartões prefe ridos. A restante classificação era operada exatamente como no passo-2 daquele experimento. Feita a classifica ção dos sub-conjuntos silábicos, o E entregava o sub-con-junto AG1 ao S dizendo: "este grupo é o mais agradável

- 1 - solidão
- 2 - vida
- 3 - castigo
- 4 - eu
- 5 - obediência
- 6 - homem
- 7 - corpo
- 8 - autoridade
- 9 - pudor
- 10 - pernas
- 11 - escuro
- 12 - quadris
- 13 - abraço
- 14 - cobra
- 15 - beijo
- 16 - olhar
- 17 - pai
- 18 - pecado
- 19 - raiva
- 20 - mãe
- 21 - orgulho

Fig. 9 - Lista das palavras-estímulo para associações no prê-teste a que se refere o Experimento II. A ordem em que são proferidas as palavras é aleatória.

que você escolheu. Dite para mim o número de cada sílaba". O E tomava nota na fôlha adequada do S (Figura 10) na ordem seguinte: AG1, dgm, agm, DG2.

Isto feito, passava o E a insinuar a situação positiva, negativa ou ego-envolvente, para a qual o S havia sido aleatôriamente designado. Dava o E ao Sujeito duas informações antes de prosseguir: uma sôbre a finalidade do teste que ia fazer; outra, sôbre os resultados dos testes de sondagem realizados em classe.

Visando a criar a modalidade tensional positiva era dito ao S que o teste que ia realizar com o material silábico não era para descobrir nada diretamente do Sujeito; estudava apenas o modo geral como as pessoas se agradam ou desagradam de determinadas coisas; era para estudar princípios dessa coisa versátil como o gôsto das pessoas. Além disso, a probabilidade de o seu teste ser bem sucedido estava nos resultados dos testes feitos em classe. Dizia o E ao Sujeito:

aquêles testes funcionaram assim: suponha que você é professora e leciona uma turma, durante dois meses. Querendo prever se os alunos sabem a matéria para um exame, que pode fazer você? Colhe algumas questões centrais do programa e dá para a turma responder. Se todos os alunos tiram notas altas, pode passar o exame que também tirarão notas altas; se a maioria tirar zero-um-ou-dois no teste de sondagem, há tôda a probabilidade que, no exame... (deixar o S concluir). Pois bem, aquêles testes eram constituídos de três partes: A, B, C. Em psicologia não se atribuem notas, mas quando alguém alcança 75% em qualquer parte do teste se marca 1; quando não chega a 30% marca-se zero. O resultado mínimo seria, pois, 0-0-0 nas três partes; o máximo seria 1-1-1, havendo possibilidade de resultados intermediários como 0-1-0. O seu resultado foi, felizmente, todo positivo, 1-1-1.

O que se pretendia era produzir uma situação solidária com o teste experimental que se dizia o S ia efetuar, afim de separar-se a agradabilidade e a tensão, isto é, a satisfação ligada a uma vivência anterior, e o desejo ou a vontade de continuar a atividade presa a uma expectativa. Dizia então o E ao Sujeito:

B1 1 T (EV) No

AG1

Silabas:

_____ dgm

agm

DG2

Y 1 - satisfação _____

(ag)

Y 2 - desejo de _____

(t)

Y 3 - memória:

nag.

ndg

Obs. :

Fig. 10 - Fôlha de coleta individual dos dados, no Experimento II.

êste é o seu resultado e esta é, como já disse, a finalidade do teste que você vai fazer, se quiser. Antes de prosseguir, eu gostaria de saber, neste momento: você está satisfeita? ... Não responda já. Não dê respostas para agradar a mim, ou me desagradar. Minha função aqui é ver se você é capaz de interpretar realísticamente o que sente. Quer dizer: se você sente muito agrado e diz que sente pouco, não é realística; e se diz que sente mais ou menos, quando sente pouco ou nada, também não é. Compreende?

Esta observação é importante para voltar o Sujeito sobre si mesmo e evitar que ele emita respostas por outras razões, como: julgar que há uma resposta verdadeira ou falsa; por simpatizar com o E; ou porque sente vergonha de revelar que não gosta nada de certo sub-conjunto de sílabas; ou porque se deixa levar pelo que possa ter ouvido a colegas que já foram Ss do experimento; ou pretende adivinhar aonde o E quer chegar com suas indagações. Fazer o S voltar suas preocupações para o que realmente sente é tão importante que deve ser repetido, caso o S não tenha entendido bem, que a função do E é verificar, pelas reações do S, se ele está sendo fiel a si mesmo, interpretando adequadamente o que sente, nada mais importando durante o teste.

Tendo posto esta condição indispensável, o E prossegue:

resumindo, o resultado do seu teste de sondagem foi 1-1-1, e o objetivo do teste que você vai fazer é para colher informações apenas acerca do gosto das pessoas. Pode responder agora à vontade. Neste momento, você se sente satisfeita? Muito, pouco, ou mais ou menos satisfeita? Indique sua resposta na escala.

Depois de anotar a medição (y_1) o E perguntava: mas você tem desejo ou vontade de fazer o teste? Sente muita vontade, pouca vontade, ou mais ou menos? Indique na escala. Tendo anotado (y_2) o E dobrava a fôlha da Figura 10 ao meio no sentido vertical e apresentava-a ao S dizendo: "então, vamos prosseguir. Escreva nesta fôlha, em três ou quatro minutos, todas as sílabas que você recordar. Não forme ainda nenhuma palavra. Escreva somente as sílabas".

Enquanto o S escrevia as sílabas, o E ocupava-se com outras coisas, lendo ou verificando papéis, continuando porém, sentado ao lado do Sujeito. É importante que o E não se levante e passeie pela sala, enquanto os Ss trabalham, ainda que o fizesse igualmente com todos. A percepção ou avaliação subjetiva deste evento estaria sujeita a variar com os tratamentos experimentais. O tempo exato dado ao S para transcrever as sílabas recordadas era de cinco minutos, caso o S não terminasse antes. A esta altura, o E informava o S de que seu teste estava concluído. Agradecia sua participação, ficando de transmitir pormenores, posteriormente, tão logo todos terminassem. O S comprometia-se seriamente a nada comunicar a ninguém, sobre o teste que tinha realizado.

A modalidade tensional negativa era produzida de forma igual à positiva, salvo em que se informava aos Ss de que seu resultado, no teste de sondagem, havia sido 0-1-0, não tendo atingido nível na primeira parte, atingido na segunda, e caído outra vez na terceira. Quanto ao objetivo do teste, frisava-se que era um teste de personalidade, mas nada tendo a ver com o campo afetivo-sexual, e sim com as reações de agrado ou desagrado face a determinados arranjos de sílabas que o E iria formar. Era um teste de gosto estético, afinal de contas. O resto do procedimento ia como a modalidade tensional positiva.

A pretensão de provocar a modalidade tensional ego-envolvente requer determinação e argúcia do experimentador, para perceber se o S está ou não envolvido. Neste tratamento procedeu-se em tudo como para o estabelecimento das modalidades tensionais anteriores: (a) treinando o S em medir seu gosto, na escala; (b) fazendo-o classificar cuidadosamente o material silábico; (c) informando-o de que o objetivo do teste que ia realizar era um teste de personalidade destinado a captar reações profundas do campo afetivo-sexual, timidez ou agressivi

dade referidas à esfera sexo-afetiva. Além disso, os resultados do teste de sondagem (explicando-se em que consistiram) foram muito deficientes, ou exatamente 0-0-0, nas três partes de que se compunham.

É importante notar que, dependendo do modo como se faça esta informação, o Sujeito pode desenvolver imediatamente um impulso de oposição para fazer o teste até o fim. (d) Aqui se fazia sentir ao S de que era absolutamente livre de dar as respostas que quisesse; de fazer o teste, ou deixar de fazê-lo; que a função do E era verificar se o S era capaz de interpretar realisticamente o que sentia, etc., como atrás se disse. Procedia-se, então, às anotações do grau de satisfação que o S dizia sentir, em face do resultado e do objetivo do teste, bem como do desejo ou da vontade que tinha de fazê-lo.

Verificou-se logo no segundo S, que isto não era o bastante para o envolvimento do ego. O Sujeito mostrou-se confuso, corou, tinha lágrimas nos olhos, tremiam-lhe as mãos, falava com voz embargada... mas teimou em que sentia grande vontade de fazer o teste, "porque achava que o teste poderia ajudá-lo muito a conhecer e superar as deficiências". Em face disto, o E dizia aos Ss, antes de lhes fazer as perguntas de medida de satisfação e do desejo de fazer o teste, que algumas colegas suas demonstraram grande esperança de que êsse teste as ajudaria. Infelizmente isso era muito problemático, em face dos resultados do teste de sondagem e por se tratar de uma pesquisa ou um experimento, que é diferente dos testes comuns.

O restante do procedimento era idêntico ao que já foi descrito para a modalidade tensional positiva, até ao compromisso que o S fazia de nada comunicar aos demais. Com os Ss mais emotivos foi preciso acrescentar alguma forma de tranquilizá-los para poderem aguardar a justificativa do procedimento experimental, que foi

dada em classe, ficando o E à disposição para quaisquer interrogações, inclusive em particular. O tempo de duração para estabelecer a ego-envolvência foi, em média 45 minutos, isto é, aproximadamente o dôbro do tempo requerido pelos demais tratamentos. Todo o experimento foi levado a termo em seis dias, trabalhando o E nos dois expedientes, oito horas diárias, o que era favorecido pelo regime de internato em que parte dos Ss (e o próprio E) estavam. Nenhum Sujeito do experimento se perdeu. Um ligeiro acidente ocorrido com um dos Ss da modalidade tensional negativa fez com que tivesse de submeter-se ao experimento em seu domicílio, ao invés de ser na sala comum. Foi essa a única ocorrência digna de nota. Solicitados os Ss a se pronunciarem por escrito, sobre o seu compromisso, verificou-se que todos o cumpriram fielmente. Aliás, o clima de Colégio Religioso onde o experimento foi efetuado favorece essa lealdade.

Resumindo: os dados deste experimento informam sobre agrado, tensão, memória seletiva (controlada a possibilidade de defesa perceptual). O agrado foi medido pelo grau de satisfação dos Ss, em quem se provocaram as três modalidades tensionais: positiva, negativa, ego-envolvente, em face de uma tarefa que julgavam ir fazer e da previsão de se saírem bem nessa tarefa. A tensão mediu-se pelo grau de vontade ou desejo manifestado pelos Ss, de fazer o teste que se lhes propunha. O efeito das modalidades tensionais sobre a memória seletiva foi medido pelo número de sílabas que o Sujeito foi capaz de reproduzir corretamente; e a seleção das memórias conferindo se as sílabas recordadas eram do tipo agradável (AG1+agm=nag), ou do tipo desagradável (DG2+dgm=ndg), consoante o quadro de classificação feito pelo próprio Sujeito, no início do experimento.

Resultados

A Tabela 5 mostra a coleta geral dos da dos obtidos, com as somas e médias correspondentes.

O primeiro propósito do experimento era verificar o efeito global e diferencial que produziriam os três tratamentos sôbre a agradabilidade e a tensão. Neste caso, a análise da variância é indicada e, como se pode ler na Tabela 6, o cálculo fornece um $F_{RBD}=38,87$ permitindo concluir que os tratamentos positivo, negati vo e ego-envolvente têm um efeito global significante a um nível mais alto que 0,001.

A comparação múltipla entre as médias de agradabilidade e tensão que interessam à primeira e à se gunda hipóteses formuladas foi feita pelo "Duncan's New Multiple Range Test". O sumário dessa análise comparati va pode ler-se na Tabela 7.

A primeira hipótese-a estabelece que, den tro do optimum continuum com modalidade tensional positi va, não é possível distinguir entre agrado e tensão, sen do ambos iguais, isto é: $ag_{pos}=t_{pos}$. A comparação destas duas médias E-F não é significativa ao nível arbitrado por êste experimentador, ou seja, pelo critério $\alpha=0,05$. Portanto, aceita-se a hipótese nula entre agrado e ten são. Além disto, agrado e tensão ambos são elevados, como pode verificar-se pela inspeção das médias, a saber 7,30 e 7,89 sôbre os 9 pontos da escala.

Com modalidade tensional negativa, estabe lece a primeira hipótese-b que agrado e tensão apresen tam diferença significativa, no sentido $ag_{neg}<t_{neg}$. Isto supõe que, na Tabela 7, a diferença B-D é significante, como de fato ocorre, confirmando largamente esta hipôte se.

Tabela 5
Medida de Agrado, Tensão e Memória Seletiva
para 18 blocos em três Modalidades Tensionais: positiva,
negativa e ego-envolvente, no Experimento II

Ss	T _{pos}				T _{neg}				T _{EV}			
			mn				mn				mn	
	ag	t	nag	ndg	ag	t	nag	ndg	ag	t	nag	ndg
1	8,0	7,0	2	0	1,5	6,5	5	3	1,0	2,0	7	4
2	6,0	8,0	3	4	3,0	9,0	2	2	1,5	9,0	5	3
3	5,5	9,0	2	2	4,5	7,5	4	5	3,0	4,0	3	2
4	7,0	7,5	4	3	5,0	8,0	1	4	0,1	8,0	3	4
5	9,0	7,0	3	3	1,0	8,0	5	5	4,0	6,0	4	7
6	8,5	7,0	2	2	2,5	5,5	6	4	1,0	6,0	4	3
7	9,0	9,0	3	4	2,0	7,0	6	0	1,5	2,3	2	3
8	8,5	8,5	4	5	4,5	4,5	2	4	2,5	8,0	2	3
9	6,0	8,5	6	4	4,0	9,0	1	7	3,0	3,2	6	3
10	6,0	8,0	1	2	4,5	7,5	3	1	3,0	4,0	3	5
11	8,0	8,5	2	4	4,0	7,0	4	3	3,0	4,5	6	2
12	6,5	8,0	3	1	1,0	7,0	5	5	3,5	4,5	1	1
13	8,0	7,0	5	0	2,5	8,5	3	3	3,0	3,0	2	0
14	5,0	9,0	1	2	5,0	8,0	6	2	3,0	0,1	3	1
15	8,0	7,0	3	4	4,5	5,5	4	3	2,3	5,5	3	4
16	5,0	6,0	3	6	2,8	3,5	0	2	0,5	7,5	4	3
17	9,0	9,0	2	2	5,0	6,0	2	1	2,0	2,5	5	1
18	8,5	8,0	3	7	3,5	7,0	2	3	1,5	2,0	2	0
T	131,5	142,0	52	55	60,8	125,0	61	57	39,4	82,1	65	49
M	7,30	7,89			3,38	6,94			2,19	4,56		

Tabela 6
 Sumário da Análise da Variância de Agradabilidade e Tensão
 para k=6 Médias em três Tratamentos e n=18 Observações
 por Tratamento, no Experimento II

Fonte	Sq	gl	Mq	F
Tratamentos	491,608	5	98,322	38,87***
Blocos (Ss)	28,65	17	1,685	
Resíduo	215,012	85	2,530	
Total	735,270	107		

 $p < 0,001$

Tabela 7
 Comparação pelo "Duncan's New Multiple Range Test" das
 Diferenças entre k=6 Médias dos Tratamentos
 com n=18 Observações por Tratamento, no Experimento II

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
	A	B	C	D	E	F	Valôres
	ag_{EV}	ag_{neg}	t_{EV}	t_{neg}	ag_{pos}	t_{pos}	mínimos sgn
Médias	2,19	3,38	4,56	6,94	7,30	7,89	$\alpha=0,05$
A	2,19	-	1,19	2,37	4,75	5,11	$R_2=1,06$
B	3,38	-	-	1,18	3,56	3,92	$R_3=1,12$
C	4,56	-	-	-	2,38	2,74	$R_4=1,15$
D	6,94	-	-	-	-	0,36	$R_5=1,18$
E	7,30	-	-	-	-	-	$R_6=1,20$

A segunda hipótese-a trata de agrado e tensão fora do continuum estabelecendo que ambos são iguais-o que não foi confirmado pelos dados-uma vez que a comparação A-C indica uma diferença bem significativa entre as médias de ag_{EV} e t_{EV} .

Todavia a parte-b da hipótese, afirmando que o agrado ego-envolvente é inferior ao agrado da modalidade tensional negativa, o mesmo ocorrendo com as respectivas tensões-tem confirmação nos resultados, pois ambas as comparações A-B e C-D são significantes. Isto quer dizer que tanto o agrado como a tensão ego-envolventes são mais baixos do que seus homônimos do pólo negativo do continuum.

O outro propósito do experimento era verificar se, no âmbito de cada condição ou tratamento experimental, a diferença entre o número de elementos recordados agradáveis e o número dos desagradáveis seria significativa. Aqui se justifica a análise pelo teste t_{RBD} condensada na Tabela 8 e abrangendo as formulações das hipóteses 3 e 4.

A hipótese-3 refere-se ao fato de os Sujeitos manipularem ou não, o desagrado dentro da modalidade tensional positiva ou negativa do opk, e estabelece que tal fato não provoca seleção de memórias, isto é, os Sujeitos tanto lembrarão as sílabas desagradáveis, como as agradáveis. Com efeito, os resultados não dão qualquer diferença entre o número de sílabas agradáveis(nag) e o número das desagradáveis(ndg) recordadas sob as tensões do tipo positivo ou negativo.

Tal não acontece, quando a modalidade tensional é ego-envolvente, como vem expresso na hipótese quarta-a. Aqui os Sujeitos recordaram significantemente maior número de sílabas que tinham classificado como agradáveis, do que como desagradáveis. O $t=1,839$ dado pelo cálculo vai com uma probabilidade significativa ao nível de 0,05, se considerarmos nosso interesse na direcionalidade da alternativa $nag_{EV} > ndg_{EV}$, teoricamente exclusivo da alternativa contrária.

Tabela 8

Comparação pelo teste t_{RBD} das Diferenças entre as Médias relativas aos elementos Agradáveis e Desagradáveis em cada um dos três Tratamentos ou Modalidades Tensionais com $n=18$ blocos no Experimento II

Hipótese	Comparações	t	$\alpha = 0,05$
3	$na_{g_{pos}} = nd_{g_{pos}}$	0,321	N.S.
	$na_{g_{neg}} = nd_{g_{neg}}$	0,346	N.S.
4-a	$na_{g_{EV}} > nd_{g_{EV}}$	1,839	$p < 0,05^*$
-b	$mnT_{EV} < mnT_{opk}$	-	-

* A probabilidade referida é para um teste uni-lateral

Não se deu qualquer diferença entre a memória global ou o número total de sílabas retidas intra e extra opk—ao contrário do que previa a segunda parte da hipótese quarta.

Resumindo e especificando, a Tabela 7 permite ler os resultados seguintes: sobre agradabilidade são significantes ag_{pos} versus ag_{neg} ou E-B; ag_{pos} versus ag_{EV} ou E-A; ag_{neg} versus ag_{EV} ou B-A. Sobre tensão: t_{pos} versus t_{neg} ou F-D é não-significante; todavia são significantes: t_{pos} versus t_{EV} ou F-C, bem como t_{neg} versus t_{EV} ou D-C. Sobre agradabilidade e tensão: ag_{pos} versus t_{pos} ou F-E é não-significante; ag_{neg} versus t_{pos} ou F-B é significativa.

Porisso, o experimento estabelece três formas de agradabilidade, mas apenas duas modalidades de tensão: opk e EV. A Tabela 8 deixa entrever que a seleção de memórias ou a repressão do desagrado se dá exclusivamente sob a condição EV.

Discussão

Este experimento pretendeu estudar a possibilidade e as condições de separar agrado e tensão e ver o efeito de cada tratamento sobre a seleção de memórias agradáveis ou desagradáveis. A confirmação da hipótese 1-a não deve ser interpretada como se, num indivíduo, ainda restasse tensão elevada para um objeto com que o indivíduo foi plenamente saciado. É preciso atentar nas condições do experimento. Um indivíduo satisfeito porque já culminou suas necessidades, não sente qualquer desejo ou tensão psíquica para as atividades referentes ao conteúdo dessas necessidades (ao menos no momento da saciedade). Assim, quem comeu matou o apetite "hic et nunc". Quem matou o seu desejo de ter uma renda de dez milhões ficará satisfeito por algum tempo, sem vontade (infelizmente momentânea) para mais.

O experimento oferecia algo diverso: uma situação simultânea global e bipartida, isto é, um resultado e uma expectativa; ou uma experiência prévia solidária com a esperança de repetir o agradável (positivo), ou de superar a si mesmo obtendo resultados melhores (no caso das modalidades tensionais negativa e ego-envolvente). Portanto, os Sujeitos com agrado alto no pólo positivo do opk apresentam tensão igualmente alta, no sentido de se confundir com o agrado e deixar o Sujeito disponível para repetir, mais adiante, a atividade (se ela saciou momentaneamente), ou para prosseguir numa atividade cuja evidência de êxito é pressentida. É assim como a noiva que espera o noivo chegar. Seu agrado deve ser alto, mas sua atividade também o é. Suas andanças, o vaivém dos a prestos da recepção, a fadiga decorrente são ignorados por se confundirem com a agradabilidade.

Onde nitidamente o agrado se distingue da tensão é no pólo negativo do optimum continuum. Aqui, o indivíduo sente a situação ou suas experiências pré vias como desagrado. Mas, sendo um desagrado suportável, sem ameaças excessivas, um desagrado que não põe em ris co o que ele tem de mais próprio ou de mais íntimo, ainda fica ao indivíduo tensão bastante para agir em outras a tivididades, ou tentar uma vez mais o mesmo comportamento, na esperança de alcançar o que deseja. O desagrado, nês te caso, é como a luz da tarde que deixa um pólo às escu ras, enquanto amanhece no outro.

Isto é coerente com a atividade cotidiana do homem relativamente sadio ou livre de processos psicopatológicos, o qual conserva suficiente energia li vre de conflitos para a solução dos problemas e execução das tarefas habituais.

Partindo do raciocínio que o ego-envolvimento está ligado à regressão, era de prever que o agra do e a tensão ego-envolventes sejam ambos iguais e signi ficantemente mais baixos do que seus homônimos opk. Quan

to mais regredido o ego, mais esta proposição deve ser verificável. Os resultados, porém, demonstram que tal hipótese (2-a) não se confirmou, neste experimento. Com e feito, sob a modalidade tensional ego-envolvente, a ten são é significativamente mais alta do que o agrado; e con tudo, o agrado e a tensão ego-envolventes são respectivamente mais baixos do que o agrado, e do que a tensão do pólo negativo do continuum.

A hipótese 2-a é contraditada, não porém, que o ego-envolvimento não esteja conectado com a regres são, ou com o Desagrado Primário. E nem tão pouco que a ameaça de regressão ao ego não despolarize o opk, isto é, não baixe o seu potencial. Simplesmente, neste experimen to não parece ter havido ego-envolvência bastante. O re sultado da segunda hipótese (2-a e 2-b) é consentâneo com o que ficou dito a respeito do Experimento I, para o tratamento EV. A impressão que se tem é que, tomando o grupo de conjunto, não houve ego-envolvência, e sim uma compressão que fez apenas baixar o nível, sendo incapaz de modificar a dinâmica do processo equilibrador.

Aliás se, pela definição usada nesta te se, ego-envolvência quer dizer ameaça ao ego, o natural é que o ego fortifique suas defesas. Portanto, a ego-en volvência pode manifestar-se na oposição—precisamente ao reverso do que é esperado pela hipótese do agrado e da tensão igualmente baixos. Confira-se, por exemplo, o re sultado do 2º-4º-6º-8º-16º Sujeitos, na Tabela 5.

Com o S-2 a impressão recolhida após o experimento foi de que ele fazia questão cerrada de mos trar boa vontade. O S-4 apresentou-se muito nervoso, gas tou demasiado tempo na escolha e classificação dos sub -conjuntos silábicos, indagou se teria de formar e dizer as palavras que formasse. Apesar disso, não lhe diminuiu a vontade de prosseguir no teste. A impressão da entre vista, após o experimento, foi de que "ouvira dizer às suas colegas que o teste era bacana", e isso lhe dava a

sensação de que não querer prosseguir era errado. O S-6 todo o tempo confuso achava que o teste lhe ajudaria a solucionar sua problemática interna, precisamente no campo afetivo-sexual. O S-8 está muito no caso do S anterior, e mais, no decorrer do experimento, tão logo soube do resultado dos testes de sondagem, deu a impressão de que desenvolveu uma certa fôrça-contra a desistência. O S-16 extremamente confuso tinha forte relutância em admitir que sentia confusão e que não gostava até do sub-conjunto por êle escolhido como mais desagradável.

Além de tudo isto, é bem concorde com as teorias e com o que se vem afirmando ao longo desta tese que, se um Sujeito aprendeu a suportar desagrado, ou seja, ampliou seu opk, muito maiores obstáculos serão necessários e durante mais tempo, para envolvê-lo. Os esforços do Sujeito são para não sair do opk, ou tendo saido, reentrar nêle por todos os modos. E cada S tem sua faixa de Ag-Dg diversamente ampla. Daí a dificuldade de produzir ego-envolvência nas situações experimentais, procedendo de forma uniforme com todos os Sujeitos.

No concernente à seleção de memórias agradáveis ou desagradáveis, nêste experimento se encontrou que, dentro do optimum continuum, os Sujeitos relembraram igual número de sílabas agradáveis e desagradáveis, como foi confirmado na terceira hipótese. Não se interprete que será assim, em qualquer experimento. Muito ao contrário, em determinadas circunstâncias outros Ss poderão, intra opk, recordar mais Ag, ou mais Dg indiferentemente. Isto é o que se pretende insinuar nesta hipótese, dizendo que a manipulação do desagrado não interfere com a seleção de memórias. Todavia, se o E em vez de fazer os Ss simplesmente manipularem o desagrado, os orientar para isso, nêsse caso deve-se esperar que recordem maior número de elementos Dg do que Ag.

Sob a modalidade tensional ego-envolvente, os Ss operaram uma seleção do material, lembrando maior número de sílabas agradáveis do que desagradáveis. Pode ter sido mera censura prè-consciente, como facilmente aceita êste E quando interpreta o efeito da tensão ego-envolvente como um incremento da compressão, negativa que faz apenas baixar o nível do agrado, nesta condição. Assim mesmo, os Ss não conseguiram lembrar senão maior número de elementos Ag do que Dg, como se lê na Tabela 8, para a hipótese 4-a. Êste é o resultado (é bom redizer) quanto ao número de sílabas Ag-Dg recordadas no momento em que operava a tensão ego-envolvente. Alguns dias de pois, levantada a compressão, reverteria sem dúvida o resultado, ao opk.

Outrossim, considerado o número total (ag+dg) de sílabas, sob tensão ego-envolvente e na modalidade opk—nenhuma diferença significativa é encontrada entre as médias, que são respectivamente 57 e 56. É que a repressão operou seleção das memórias sem interferir na quantidade global de produção das mesmas.

Mais ainda: os Ss ego-envolvidos recordaram maior número de sílabas agradáveis do que desagradáveis, mas não houve maior número de Ss recordando Ag ou Dg intra opk, do que extra opk. Dentro do continuum, sete Ss lembraram mais Ag do que Dg, e igual número lembrou Dg mais do que Ag. Em EV, lembraram mais Ag do que Dg, onze Ss; ão passo que sete retiveram mais Dg do que Ag. Tal diferença não é significativa. Isto se entende, mesmo porque na modalidade tensional ego-envolvente, de 28-39% dos Ss não foram assãs envolvidos, ou o foram ao reverso do que se esperava no experimento, como atrás ficou dito.

Os resultados dêste experimento confirmam o fenômeno da memória seletiva de elementos agradáveis sôbre os desagradáveis quando os Sujeitos são ego-envolvidos. Tal fato pode inverter-se, dentro do optimum continuum, se os Sujeitos forem orientados para o desa

grado; como pode ser indiferente, se os Sujeitos manipu-
larem simplesmente um desagrado médio, suportável ou não
ameaçador. Estão bem estabelecidas as três formas de a-
gradabilidade: positiva, negativa, ego-envolvente. Este
resultado coincide com o do Experimento I que estabele-
ceu: Agrado Primário (AG1), Desagrado Secundário (DG2) e
Desagrado Primário (DG1) ou ego-envolvente. Podemos com-
parar, portanto, os dois experimentos no que tange à ten-
são e agradabilidade (Tabela 9). Sõmente dois tipos de
tensão foram distinguidos: tensão opk, que é a mesma de
sinais contrários, positivo-negativo não significante; e
tensão EV, que difere significantemente da tensão do con-
tinuum.

Sumário

Este experimento foi realizado com a fi-
nalidade de separar a agradabilidade, das modalidades
tensionais positiva, negativa e ego-envolvente, estudando
ao mesmo tempo a influência dessas tensões sôbre a sele-
ção das memórias agradáveis ou desagradáveis. Tomaram par-
te no experimento, 54 Sujeitos, moças adultas do Curso
Normal de um Colégio de Russas, no Ceará. Os Sujeitos dis-
tribuídos aleatoriamente por 18 blocos em três tratamen-
tos, atribuíram graus de agrado numa escala de 9 pontos,
à situação em que eram postos, e ao desejo de prosseguir
no teste experimental. Os resultados confirmaram as hipó-
teses referentes ao optimum continuum e à tensão ego-en-
volvente, bem como à seleção de maior número de memórias
agradáveis do que desagradáveis, sob ego-envolvência. Tal
seleção não se verificou no âmbito do continuum.

Tabela 9
Médias de Agradabilidade e Tensão do Experimento II
Confrontadas com a Agradabilidade do Experimento I

Formas de Ag	Tratamento	Agradabilidade		Tensão
<u>E-I</u>	<u>E-II</u>	<u>E-I</u>	<u>E-II</u>	<u>E-II</u>
AG1	+	7,32	= 7,30	7,89 = 6,94
opk				
DG2 (dgs)	-	3,77	= 3,38	
extra				
opk DG1	EV	1,89	= 2,19	- - - - - 4,56

Nota: - os números indicam médias.

- o sinal "=" expressa N.S.

- a linha pontilhada indica significância.

4.3 - Conexão do Optimum Continuum com Outras Teorias

É claro demais que a evidência experimental com que esta tese é sustentada não é decisiva. Foi um modo, de qualquer forma, para deslindar algo do princípio da constância: princípio tão básico, tão superavaloriado e tão confuso na teoria Freudiana. Veja-se, por exemplo, que Freud (1920, p. 1090) parece aceitar a possibilidade de um nível normal de funcionamento psíquico, e outro patológico, ao escrever: "o princípio do prazer é inútil e até mesmo perigoso em alto grau para a auto-afirmação do organismo, em face das dificuldades do mundo exterior... Por isso é normal o desprazer produzido pelo princípio da realidade... Outra fonte não menos normal da origem do desprazer surge dos conflitos... enquanto o ego faz a prova de sua evolução para estruturas de maior complexidade". Daqui se depreende que tal desprazer não necessitaria ser reprimido. Aliás Freud (1901, p. 573) di-lo textualmente: "A coerção do desprazer não precisa, todavia, ser total ou completa. Um comêço de tal efeito tem sempre de se produzir, para anunciar ao segundo sistema a natureza da retentiva e porventura também sua deficiente capacidade para os fins colimados pelo pensamento". Há, portanto, um desprazer normal e outro anormal ou patológico. É mais compreensível postular dois níveis diferentes, do que ficar tergiversando com a repressão ou não repressão de todo o desprazer ou somente de uma parte dêle.

Kurt Lewin (1948, cap. 4) também afirma que "os processos que regulam a aquisição do normal e do anormal são fundamentalmente similares". Isto, porém, não significa haver um continuum uniformemente estirado do normal ao anormal, e que os comportamentos não sejam resultado de diferente dinâmica. Os processos são similares no sentido em que (para usar a comparação de Lewin)

"honestos e criminosos" estão sujeitos ao mesmo princípio dinamostático; interagem com os mesmos objetos e foram submetidos ao influxo dos mesmos elementos formais. Mas, criminosos ou honestos não tiveram idêntico equipamento genético, não suportaram as mesmas cargas de estímulo, nem o mesmo padrão. Com os mesmos Objetos formaram relações diferentes. Iniciou, possivelmente o criminoso, com desagrado de morrer, enquanto o honesto teve no berço, agrado de embalar! A dificuldade de modificar as atitudes do criminoso vem de sua história: de ter sido ele psiquicamente nutrido com Desagrado, o que o levou a desenvolver talvez uma "preferência extra" de sua posição, no sentido que lhe dá Festinger (1961).

Wolman (1960, p. 546) assume radicalmente que "prazer e redução de tensão não são termos idênticos, uma vez que o prazer pode facilitar as tensões glandular e musculares". E cita Goldstein que criticou os sistemas redutores Fechner-Freud, ao mesmo tempo que sugere a tensão prazerosa a um nível ótimo de funcionamento. Tal sugestão não deve interpretar-se como havendo um nível ou uma quantidade O de tensão que dá prazer. O ótimo funcional (opk) é que supõe a autonomia do Sujeito para derivar as excitações dos estímulos e aproveitar tanto o agrado como o desagrado. A proposta do Wolman (op. cit. p. 547) de introduzir três níveis nos processos mentais: prê-hedônico, hedônico e pós-hedônico é irrelevante para esta tese. O funcionamento prê-hedônico, por exemplo, sendo fisiológico é sempre um dado da "homeostase interna", no sentido que os autores da teoria sensu-tônica geral da percepção, Werner & Wapner (1958, 1965) atribuem a esta expressão.

Os impulsos de repetição e de morte que Freud (1920) situou além do princípio do prazer, como ele os conceitua estão dentro do princípio do prazer, pois, se forem efeitos compulsivos, estão ao nível patológico

onde, diz Freud (1920, p. 1091) são "prazer que não pode ser tido como tal". Se o impulso de repetição for um e feito normal, também é prazer: o prazer de dominar a circunstância.

Outras teorias que não a psicanalítica tratam o problema do desagrado. Festinger (1957, 1962, 1965) em sua primeira hipótese geral estabelece que "a existência de dissonância cognitiva é psicologicamente desagradável e, por isso, motiva a pessoa a reduzir a dissonância e obter consonância". Observe-se que não é o fato de o Sujeito ser capaz de Ag-Dg que é dissonante. Por exemplo: a escolha de um livro G, onde interessam ao Sujeito os capítulos V e VI é agradável; mas o gostar do capítulo XI do livro H, faz que o deseje; não podendo obter ambos, o Sujeito escolhe G. Isso é Agrado com uma dificuldade ou meio-desagrado (a ausência do capítulo XI), o que faz baixar seu agrado da compra realizada. A dissonância experimentada fará o Sujeito buscar estímulo (e dinheiro) para obter o livro H e assim culminar o seu agrado. No entanto, como é claro, a dissonância cognitiva opera enquanto é intra opk, e não extra continuum. Os Sujeitos ego-envolvidos estão, sem dúvida, na categoria da daquelas pessoas para quem, no dizer de Festinger (op.cit. p. 266), a dissonância é "uma coisa horrivelmente dolorosa e intolerável. Tais pessoas (continua Festinger a p. 270) devem mostrar maiores esforços para reduzir a dissonância" ... caso ainda sejam disso capazes, porquanto, "há pessoas que, tentando evitar a dissonância que pode ocorrer após uma decisão, tomam resoluções como se não tomassem..." Ficam passivas, a resolução as tomou! Isto é caracterização de um estado patológico: um nível bem diferente do anterior onde a dissonância é resolvida pelo próprio Sujeito, que vai em busca de estímulos para isso.

Os conceitos de balance sôbre o equilí**ri**o das relações interpessoais, a partir de Heider (1958) também vão com os princípios desta tese. Haja vista que a proposição da teoria de "balance" é que uma situação in-ponderada gera tensão simultâneamente com um impulso para recobrar o equilíbri**o**. Mas já foi visto em Rodri**g**ues (1967) que tais situações podem ser medidas por graus de Ag-Dg, mas o são bastante melhor pela "vontade de mudar". Depreende-se que também os achados dos expe**r**imentos de "balance" são válidos para os Sujeitos fun**ci**onando intra optimum contínuum.

Finalmente, uma teoria que liga amplamen**te** o princípio homeostático com a afetividade, é a teo**ri**a do "adaptation-level" de Helson (1964), assim resumi**da** a páginas 390: "Os processos afetivos são basicamente similares aos sensoriais, isto é, são bipolares e liga**dos** aos efeitos de: ordem, intensidade, série e campo de referência. Níveis emocionais e afetivos se podem estabe**le**cer ainda mais fácil e rãpidamente, do que os sensori**ais**, por meio dos processos de ponderação ("pooling") e de interação. Propõe-se uma teoria modificada de motiva**ção** S-R: discrepância do nível-adaptativo...". Um traba**lho** experimental de Haber (1958), traz ampla cobertura para a hipótese da discrepância, como fonte de agradabi**lidade** "têrmica".

Ressalta do breve resumo que se trata de uma teoria próxima do prazer-sensação, apesar de vi**rem** no texto os termos sensorial, emocional e afetivo. Além disso, êsses níveis afetivos "fáceis e rãpidos" que se podem estabelecer, estão, sem sombra de dúbida, referidos à atividade do Sujeito intra optimum conti**nuum**. Psicofisiolôgicamente pode-se falar em multipli**cidade** de níveis ou adaptações; todavia, numa perspec**ti**va

tiva psicológica global, o nível adaptativo do Sujeito é o seu opk. Fora desse continuum, a dinâmica do reequilíbrio está mais presa às leis físicas do que deixa ao Sujeito liberdade bastante para utilizá-las, como convém a uma Pessoa.

CAPÍTULO 5 - SUMÁRIO E CONCLUSÕES

O princípio da homeostase tem sido aplicado a todos os campos da atividade humana. Antes da descoberta deste princípio no âmbito da fisiologia, já a teoria psicanalítica o utilizava na interpretação e explicação do comportamento normal e patológico, sob a designação de princípio da constância, inércia, ou princípio do prazer. Os incrementos de tensão fisiológica foram equiparados no psiquismo, ao desprazer e sua redução, ao prazer.

Muitos fenômenos de comportamento psicológico foram descobertos a esta luz, e conservam todo seu valor. Contudo, a memória e a repressão dos eventos geradores de desprazer ligados à constância psíquica estão confusamente embaralhados com tendências de realidade suspeita, como o nirvana, o hedonismo teleológico e o instinto de morte.

À volta de 1950, a redução de tensão entrou em descrédito como princípio explicativo de todo o comportamento humano e até mesmo animal. Os experimentos de laboratório levados a cabo com a finalidade de verificar a tendência a reprimir "todo e qualquer desprazer e a evocar somente o prazer" deixam entrever que existem algumas inadequações: (a) no construto de prazer-desprazer e sua conexão com a redução tensional; (b) ou na qualidade das medidas de tensão; (c) ou no próprio conceito de repressão como os experimentadores o deduzem da teoria psicanalítica.

Esta tese estuda êsses três pontos da problemática que circunda o princípio da homeostase, quando se quer aplicá-lo compreensivamente a todos os aspectos

tos da atividade do homem. O ser que percebe e toma consciência é um Sujeito e, como tal, se orienta para os Objetos, ou seja, tudo quanto a existência propõe—e não está especialmente enviesado no sentido da redução de tensões fisiológicas.

O objetivo central da tese é estabelecer uma ligação mais elaborada entre os conceitos de Homeostase Psíquica e Agradabilidade. Cuidou-se de atingir este objetivo: (1º) ampliando o construto de prazer-desprazer, desligando-o das cargas tensionais, e ligando-o menos às sensações do que à Percepção e à Consciência, sob a designação de Agradabilidade; (2º) introduzindo o conceito de Dinamostase e pondo à prova a existência de dois níveis de tensão: a que pode ser percebida como inteiramente agradável (polaridade positiva), ou como meio-desagradável (polaridade negativa) e a tensão percebida como totalmente desagradável, ameaçadora ou ego-envolvente. O nível das polarizações constitui o optimum continuum (opk) de funcionamento; o outro nível apresenta um funcionamento perturbado; (3º) sondando sob que modalidade tensional a memória opera a seleção dos eventos agradáveis.

Dois experimentos do tipo "randomized blocks" fornecem os dados que sustentam as hipóteses dos dois níveis de tensão, da procedência de um optimum continuum, e da repressão de maior número de elementos desagradáveis do que agradáveis, sob ego-envolvência.

Conclusões: as inadequações apontadas no decurso desta tese ficam assim esclarecidas:

(a) Sobre o prazer-desprazer:

a.1 - verificam-se três formas de agradabilidade, a saber: positiva (alta); negativa (baixa, mas globalmente sintetizada com um sentido progressivo); ego-envolvente (mais baixa ainda, e com sentido regressivo).

a.2 - a agradabilidade é destacável da tensão dentro do optimum continuum, podendo haver, portanto, agrado baixo com tensão elevada, e outrossim podendo verificar-se a mesma tensão elevada com elevado agrado.

a.3 - o agrado e o desagrado neutros que se misturam na zona média do continuum conservam-se potencialmente discrimináveis ou polarizáveis; e o desagrado secundário torna-se indispensável na economia mental, entendida como adaptação ao meio.

(b) Sobre a tensão:

b.1 - somente duas modalidades de tensão correspondem às três formas de agradabilidade: tensão opk e tensão extra opk ou EV.

b.2 - não é irrelevante medir um fenômeno psicológico indiferentemente pelo grau de agradabilidade, ou pelo de tensão.

b.3 - o nível tensional do continuum mantém-se, em cada momento significativo. A derivação, redução e adução das cargas de estímulo satisfazem, na maioria dos casos, para explicar as correntes do desejo. Os possíveis aumentos que ocorrerem no continuum são agradáveis, quando operativos ou evolutivos, servindo para atualizar as potencialidades do Sujeito e ampliar o seu opk. Os decréscimos tensionais por fadiga ou descarga integrante de atos específicos (v.g. orgasmo) ligam-se à agradabilidade do continuum, e se restauram ciclarmente no sono ou pela recuperação fisiológica.

b.4 - todos os aumentos tensionais ego-envolventes são intrinsecamente desagradáveis e conectados com a regressão.

(c) Sobre a repressão:

o fenômeno repressivo, como os experimentadores habitualmente o tomaram, está em xeque—e não o conceito que Freud estabelece. O conceito Freudiano de repressão leva em conta, embora sem grande ênfase, que o desprazer não é necessariamente reprimido, ou nesta tese: a agradabilidaa

de do optimum continuum—positiva, negativa, ou média—nunca é reprimida, mas utilizável em trabalho, ou na atualização progressiva geral do Eu. Dentro do continuum, o que se reduz é o agrado ou o desagrado. Fora do continuum é forçoso reduzir a tensão, ou eliminá-la. A repressão é fenômeno extra opk.

No concernente, portanto, à equivalência entre homeostase, constância, redução de tensão e prazer—o princípio é suficiente explicação causal do comportamento, ao nível da ego-envolvência. Todavia, num funcionamento opk existem outros graus de liberdade que permitem ao Sujeito determinar-se por outros motivos e para outros fins, inclusive contra a redução das tensões que experimenta. Tal "não-redução orientada" favorece as operações autônomas, os surtos criadores, a auto-realização e as mudanças de nível. A supressão ou redução fisiolôgica destes incrementos tensionais advém, nestes casos, não como antecedente causal, mas como consequência ou resultado final do comportamento.

REFERÊNCIAS

- Anderson, A. A. & Anderson, G. L. La evolución social del individuo. In L. Carmichael, John Wiley, 1954. Trad. Manual de psicologia infantil, Barcelona: El Ateneo, 1957, 1964 (2^a ed.), cap. 19, p. 1305-1355.
- Allport, g. w. Pattern and growth in personality, New-York: Holt, Rinehart & Winston, 1961. Tradução Personalidade, São Paulo: Herder, 1966.
- Allport, F. H. Theories of perception and the concept of structure. New-York: John Wiley, 1955, 1966 (7th ed.).
- Bridges, K. M. B. Emotional development in early infancy, Child Development, 1932, 3, p. 324-341.
- Brown, J. S. Pleasure-seeking behavior and the drive-reduction hypothesis, Psychological Review, 1955, 62, p. 169-179.
- Butler, J. M. & Rice, L. N. Adience, self-actualization and drive theory. In J. M. Wepman & R.W. Heine (Eds.) Concepts of personality, London: Methuen, 1963, cap. 4, p. 79-110.
- Cameron, N. Personality development and psychopathology. Boston: Mifflin Company. A Teffer and Simons International University Edition, 1963.
- Cannon, W. B. The wisdom of the body. New-York: W.W. Norton, 1932, 1939. Tradução A sabedoria do corpo, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- Child, C. M. Physiological foundations of behavior. New-York: Holt, 1924. Citado por C. N. Cofer & M. H. Appley, Motivation: theory and research, New-York: Wiley, 1964, 1966 (3rd ed.).
- Cofer, C. N. & Appley, M. H. Motivation: theory and research, New-York: Wiley, 1964, 1966 (3rd ed.).
- Connolly, K. The genetics of behavior. In Brian M. Foss (Eds.), New horizons in psychology, Great Britain: Penguin Books, 1966, cap. 9, p. 185-208.

- Duyckaerts, F. La notion de normal en psychologie clinique, Librairie Philosophique J. Vrin, 1954. Tradução A noção de normal em psicologia clínica, São Paulo: Herder, 1966.
- Festinger, L. A theory of cognitive dissonance, California: Stanford University Press, 1957, 1962, 1965.
- Festinger, L. The psychological effects of insufficient reward. American Psychologist, 1961, vol.16.p. 1-11.
In R. N. Haber. (Ed.), Current research in motivation, Holt, Rinehart, & Winston, 1966,p. 480-494.
- Fieandt, Kai von, The world of perception, Homewood, Illinois: The Dorsey Press, 1966.
- Freud, S. Esquisse d'une psychologie scientifique, 1895.
In M. Bonaparte, A. Freud, & E. Kris (Eds.), La naissance de la psychanalyse: Lettres-Notes et Plans, Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- Freud, S. La interpretación de los sueños, 1901. In Obras completas, vol. I, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948, Obra IV, cap. 9, Psicología de los procesos oníricos, p. 528-581.
- Freud, S. Metapsicología, 1913-1917. In Obras completas, vol. I, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. Obra X, Los instintos y sus destinos, p. 1027-1037, e Obra X, La represión, p. 1037-1043.
- Freud, S. Mas alla del principio del placer, 1920. In Obras completas, vol. I, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. Obra XII, p. 1089-1117.
- Freud, S. El "yo" y el "ello", 1923. In Obras completas, vol. I, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948, Obra XV, p. 1194-1198.
- Freud, S. El problema economico del masoquismo, 1924. In Obras completas, vol. I, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948, Obras IX, p. 1016-1022.
- Haber, R. N. Discrepancy from adaptation-level as a source of affect. Journal of Experimental Psychology, 1958,

- 56, p. 370-375. In Author: Current research in motivation, New-York: Holt, 1966, p. 337-343.
- Hall, C. S. & Lindzey, G. Theories of personality, New-York: Wiley, 1957. Tradução Teorias da personalidade, São Paulo: Herder, 1966.
- Harris, D. B. Child psychology and the concept of development. In David S. Palermo & Lewis P. Lipsitt (Eds.). Research readings in child psychology. New-York: Holt, Rinehart, & Winston, 1963, p. 21-31.
- Hartmann, H., Kris, E., & Loewenstein, R.M. Papers on psychoanalytic psychology, Psychological Issues, 14, vol. IV, nº 2. New-York: International University Press, 1964.
- Hebb, D. O. The organization of behavior, New-York: Wiley & Sons, 1949. Science Editions, 1967 (6th ed.).
- Helson, H. Adaptation-level theory, New-York: Harper & Row, 1964.
- Heider, F. The psychology of interpersonal relations, New-York: Wiley & Sons, 1958, 1965 (4th ed.).
- Hilgard, E. R. Experimental approaches to psychoanalysis. In D. Shakow & D. Rapaport (Eds.), Surveys of experiments testing psychoanalytic theory, Psychological Issues, 13, vol. IV, nº 1, p. 167-180.
- Hilgard, E. R. Theories of learning (2nd ed.), New-York: Appleton-Century-Crofts, 1956_a. Tradução Teorias da personalidade, São Paulo: Herder, 1966.
- Hull, C. L. Principles of behavior, New-York: Appleton, 1943. In Hilgard, E. R. Theories of learning, 1956_a. Tradução Teorias da personalidade, São Paulo: Herder, 1966.
- Kelly, G. A. A theory of personality, Norton, 1963. Traducción Teoría de la personalidad, Buenos Aires: Editorial Troquel, 1966.
- Lewin, K. Resolving social conflicts, New-York: Harper & Brothers, 1948.

- Lewis, H. B. & Franklin, M. An experimental study of the role of the ego in work. Journal of Experimental Psychology, 1944, 34, p. 195-215. In D. Krech & R.S. Cruchfield. Elementos de Psicologia, São Paulo: Livraria Pioneira, 1963.
- Mace, C. A. Homeostasis, needs and values, Brit. J. Psychol. 44, p. 200-210, 1953. Citado por C. M. Cofer & M. H. Appley. In Motivation: theory and research. New-York: Wiley, 1964.
- Madsen, K. B. Theories of motivation, Copenhagen, Munksgaard, 1959. Traducción Teorías de la motivación, Buenos Aires: Paidós, 1967.
- Maier, H. W. Three theories of child development, New-York: Harper & Row, 1965.
- McClelland, D. C. Personality, 1951. In K.B. Madsen, 1959. Trad. Teorías de la motivación, Buenos Aires: Paidós, 1967.
- Mednick, S. A. Learning, New-York: Prentice-Hall, Foundations of modern psychology series, 1964.
- Miller, N. E. Some implications of modern behavior theory for personality change and psychotherapy. In Ph. Worchel & D. Byrne (Eds.), Personality change, Wiley, 1964, p. 149-176.
- Morgan, C. T. Physiological psychology, Kōgakusha: McGraw Hill, 1943, 1950, 1965 (3rd ed.).
- Murray, E. J. Motivation and emotion, New-York: Prentice Hall, Foundations of modern psychology series, 1964.
- Mussen, P. H., Conger, J.J., & Kagan, J. Child development and personality, Harper & Row, 1956, Authors, 1963. Japan: A Harper International Edition, 1966 (5th ed.).
- Nuttin, J. La motivation. In J. Nuttin, P. Fraisse, & R. Meili. Traité de psychologie expérimentale, vol.V. Paris: Press. Univ. de France, 1963, p. 1-32.
- Osgood, C. E. & Tannenbaum, P.H. The principle of congruity in the prediction of attitude change. Psychological Review, 1965, 62, p. 42-55. In I. D. Steiner & H.

- Fishbein (Eds.), Current studies in social psychology New-York: Holt, Rinehart, & Winston, 1965.
- Postman, L., Bronson, W. C., & Gropper, G. L. Is there a mechanism of perceptual defense? J.abnorm. soc. Psychol., 1953, 48, 215-224. In D.C.Beardsley & M. Wertheimer, Readings in perception, New-York: D. Van Nostrand Company, 1958, 1965 (5th ed.), p. 630-646.
- Rodrigues, A. Fontes de Tendenciosidade cognitiva nas relações interpessoais. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 1967, 2, p. 9-21.
- Rogers, C. & Kinget, G.M. Psychothérapie et relations humaines, Paris: Publications Universitaires, 1965, 1966 (3^e ed.).
- Ross, N. & Abrams, S. Fundamentals of psychoanalytic theory. In Benjamim B. Wolman (Ed.), Handbook of clinical psychology, New-York: McGraw-Hill Book Company, 1965, cap. 14, p. 303-340.
- Rothman, M. A. The laws of physics, Great Britain: penguin Books, 1963. Pelican Books, 1966.
- Sarason, I. G. Personality, New-York: John Wiley & Sons, 1966.
- Sears, R. R. Survey of objective studies of psychoanalytic concepts, New-York: Social science research council, 1943. In D.Shakow & D.Rapaport (Eds.), Surveys of experiments testing psychoanalytic theory, Psychological Issues, 13, p. 167-180.
- Shaffer, G. W. & Lazarus, R.S. Fundamental concepts in clinical psychology, New-York: McGraw-Hill, International Student Edition, 1952.
- Shakow, D. & Rapaport, D. Psychological Issues, 13, vol.IV, n° 1, New-York: International University Press, 1964,
- Smart, M. S. & Smart, R.C. Children development & relationships, New-York: The MacMillan Company, 1967.
- Spinoza, B. Éthique, 1677. Texto de Van Vloten e Land, 1882-1883. Trad. Charles Appuhn, Paris: Garnier-Flammarion, 1965.

- Spitz, R. A. Desenvolvimento emocional da criança. Trad. de M. P. Manhães, São Paulo: Pioneira, 1960.
- Stagner, R. Psychology of personality, McGraw-Hill, 1937, 1948, Kōgakusha, International Student (3rd ed.), 1961.
- Toman, W. An introduction to psychoanalytic theory of motivation, London: Pergamon Press, 1960.
- Werner, H. & Wapner, S. Toward a general theory of perception. In David C. Beardslee & Michel Wertheimer, Readings in perception, New-York, Canada: D. Van Nostrand, 1958, 1965 (5th ed.), p. 491-512.
- Holman, B. B. Contemporary theories and systems in psychology, New-York: Harper & Row, 1960.
- Young, P. T. The role of affective processes in learning and motivation, Psychological Review, vol. 66, nº 2, 1959, p. 104-125.
- Zeller, A.F. An experimental analogue of repression: I- Psychol. Bull., 1950, 47, 39-51—392-395. Citado por Hilgard, E. R. Theories of learning. Tradução Teorias da aprendizagem, São Paulo: Herder, 1966.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PUC - RJ